

**FRANCIELLE MARIA MODESTO
MENDES**

**IDENTIDADES
HÍBRIDAS: O LUGAR
DAS PERSONAGENS
FICCIONAIS NA OBRA
*CORONEL DE BARRANCO***



**Universidade Federal do Acre
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**FRANCIELLE MARIA MODESTO
MENDES**

**IDENTIDADES
HÍBRIDAS: O LUGAR
DAS PERSONAGENS
FICCIONAIS NA OBRA
*CORONEL DE BARRANCO***

**Universidade Federal do Acre
2008**

FRANCIELLE MARIA MODESTO MENDES

IDENTIDADES HÍBRIDAS:
O LUGAR DAS PERSONAGENS
FICCIONAIS NA OBRA CORONEL DE
BARRANCO

Dissertação de Mestrado em Letras,
apresentada à Universidade Federal do
Acre – UFAC, ao Curso de Letras, na
área de Literatura, para obtenção do
título de Mestre em Letras: Linguagem e
Identidade em Rio Branco - Acre.

Orientadora: Professora Dr^a. Simone de
Souza Lima (Universidade Federal do
Acre)

Rio Branco
Universidade Federal do Acre
Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade
2008

© MENDES, F. M. M. 2008.

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal do Acre

M538i	MENDES, Francielle Maria Modesto. <i>Identidades híbridas: o lugar das personagens ficcionais na obra Coronel de Barranco</i> . 2008. 100f. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade) – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Acre, Rio Branco – AC., 2008. Orientadora: Prof ^ª . Dr ^ª . Simone de Souza Lima 1. Romance amazônico, 2. Personagens ficcionais, 3. Hibridismo, I. Título CDU 869.0 (811.3)
-------	---

FRANCIELLE MARIA MODESTO MENDES

***IDENTIDADES HÍBRIDAS: O LUGAR DAS
PERSONAGENS FICCIONAIS NA OBRA CORONEL DE
BARRANCO***

**Dissertação de Mestrado em Letras,
apresentada à Universidade Federal do
Acre – UFAC, ao Curso de Letras, na
área de Literatura, para obtenção do
título de Mestre em Letras: Linguagem e
Identidade em Rio Branco - Acre.**

**Orientadora: Professora Dr^a. Simone de
Souza Lima (Universidade Federal do
Acre)**

28 de Fevereiro de 2008

**Prof^a Dr^a Simone de Souza Lima – Orientadora - Universidade Federal
do Acre – UFAC**

Prof^a Dr^a Tânia Pantoja - Universidade Federal do Pará – UFPA

**Prof^a Dr^a Marisa Martins Gama Khalil - Universidade Federal do Acre/
UFAC**

Rio Branco – Acre

AGRADECIMENTOS

Durante o caminho percorrido para a realização desta dissertação, muitos foram aqueles que, em diferentes momentos, nos gestos de apoio e incentivo, fizeram-se presentes. Agradeço, de um modo muito especial:

Aos meus pais, pela segurança oferecida durante toda a minha vida, pela proteção, o apoio, o cuidado, e, principalmente, por terem criado em mim o amor pelos estudos.

A minha irmã, meu aplauso constante.

A minha Tia-Mãe Lica, por uma vida inteira dedicada aos meus sonhos e desejos. Pelas palavras encorajadoras, pela oração diária e, principalmente, por acreditar em mim, mesmo quando tudo parece perdido.

A minha Tia Lena, pelo modo de amar, de acreditar, de apoiar.

Aos meus poucos amigos, contados nos dedos das mãos, por compartilharem dos meus sonhos e torcerem pela realização de meus projetos.

A minha professora orientadora Dr^a. Simone de Souza Lima, pela gentileza de me aceitar como orientanda, respeitando as minhas limitações. E, do mesmo modo atencioso, sempre disponível para esclarecer as dúvidas, apontar outros modos de olhar o objeto de pesquisa e incentivar a persistência no trabalho.

E, por fim, à Universidade Federal do Acre – UFAC que, através do Departamento de Letras, oportunizou à sociedade acreana e aos egressos dos cursos da área de Ciências Humanas da UFAC e outros centros a realização do Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade. E a CAPES, pelo apoio financeiro, concedido através da bolsa, que muito contribuiu com meus estudos, no período de março/2006 a maio/2007.

Muito obrigada a todos.

Legado

*Que lembrança darei ao país que me deu
tudo o que lembro e sei, tudo quanto senti?
Na noite do sem fim, breve o tempo esquece
minha incerta medalha, e a meu nome se ri.*

*E mereço esperar mais do que os outros, eu?
Tu não me enganas, mundo, e não te engano eu a ti.
Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu,
a vagar, taciturno, entre o talvez e o se.*

*Não deixarei de mim nenhum canto radioso,
uma voz matinal palpitando na bruma
e que arranque de alguém seu mais secreto espinho.*

*De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
Uma pedra que havia em meio do caminho.*

Carlos Drummond de Andrade

IDENTIDADES HÍBRIDAS: O LUGAR DAS PERSONAGENS FICCIONAIS NA OBRA CORONEL DE BARRANCO

Resumo: Este trabalho intitulado *Identidades híbridas: o lugar das personagens ficcionais na obra Coronel de Barranco* tem como *corpus* de investigação o romance ambientado na Amazônia do século XX – *Coronel de Barranco*, do autor brasileiro Cláudio de Araújo Lima. Nosso ponto de partida consistirá na verificação do perfil híbrido das personagens ficcionais que, no nosso ponto de vista, habitam as frestas de uma sociedade em transformação, que sofrem os influxos da *belle époque* européia e que de forma *kitsch* tentam reproduzir a ambiência cultural do mundo civilizado nos trópicos; as personagens representadas na obra originam-se de lugares diversos, são sujeitos de culturas diferenciadas cuja marca principal é a heterogeneidade. Esses personagens podem ser encarados como exemplos de relação intercultural que fazem pensar sobre a pluralidade existente em cada sujeito, sendo possível dialogar sobre a complexidade destas relações sócio-culturais instaladas na Amazônia. A pesquisa é pensada a partir das experiências e da diversidade cultural existente entre as personagens, além, é claro, da relação que apresentam entre si e com o Outro e ainda com o lugar em que estão inseridas. Do ponto de vista teórico, partimos dos pressupostos dos Estudos Culturais, que enfocam as relações de poder entre culturas, nações, povos, etnias, raças, orientações sexuais e gêneros que resultam da conquista colonial européia, investigando o modo como de tais relações nascem processos de mestiçagem ou hibridização cultural que levam à formação de múltiplas identidades. Nesse sentido, também procuramos pensar a questão da identidade e do lugar/espço no romance ora estudado. A relação entre as personagens alimenta a re-territorialização de um lugar, a Amazônia, dominada pela mobilidade social constante, desde sua colonização até os dias de hoje, pelos fluxos de idéias, pelo desenraizamento das identidades fixas e pelo hibridismo cultural. Portanto, tomamos por base estudiosos como Silviano Santiago, Stuart Hall, Nestor Garcia Canclini, dentre outros, que fazem uma abordagem m¹aior sobre a produção cultural no mundo contemporâneo, colocando em relevo conceitos como o de hibridismo, lugares e entrelugares dos sujeitos que vivem à margem de uma sociedade capitalista. Por fim, através desse estudo vê-se o quanto as velhas e estabilizadas identidades estão em declínio, fazendo surgir as novas identidades fragmentadas e não unificadas, vistas como parte de um processo mais amplo de mudança que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades.

PALAVRAS-CHAVE: Romance Amazônico; Personagens Ficcionalis; Hibridismo.

Francielle Maria Modesto Mendes

HYBRID IDENTITIES: THE PLACE OF THE FICTIONISTS CHARACTERS IN CORONEL DE BARRANCO

This work called *Hybrid Identities: the place of the fictionists characters in Coronel de Barranco* that has as a corpus the book *Coronel de Barranco* of the Brazilian author Cláudio de Araújo Lima. Our point of view would be the verification of the profile hybrid of fictional characters that, in our view, they live in a society in transformation, which suffers the inflows of *belle époque* European and that so *kitsch* tried to reproduce the cultural ambience of the civilized world in the tropics; The characters represented in the work rise up from various places, are subject to different cultures whose main brand is the diversity. These characters can be seen as examples of intercultural relationship that are thinking about existing plurality in each subject, so it is possible can talk about the complexity of these relationships socio-cultural installed in the Amazon. The research is designed from the experiences and cultural diversity between the characters, in addition, of course, which show the relationship among themselves and with the Other and with the place in which they are entered. From the theoretical point of view, leaving the assumptions of Cultural Studies, which focus on the relationship of power between cultures, nations, peoples, ethnic groups, races, sexual orientations and genders that result from European colonial conquest, investigating how such relationships born processes of fusion or cultural hybridization leading to the formation of multiple identities. In that sense, also seek think the issue of identity and the place / space in the novel now studied. The relationship between the characters feeds the re-territorialisation of a place, the Amazon, dominated by social mobility constant, since its colonization by the day, the flow of ideas, the uprooting of fixed identities and the cultural hybridism. Therefore, we based scholars as Silviano Santiago, Stuart Hall, Nestor Garcia Canclini, among others, who make an approach on the largest cultural production in the contemporary world, placing emphasis on concepts such as hybridism, places of subjects who live on the fringes of a capitalist society. Finally, through this study it is how the old and stable identities are in decline, making the new emerging identities fragmented and not unified, seen as part of a wider process of change that is moving the structures and processes of central societies.

KEY-WORDS: *Amazonic novel; Fictionists characters; Hybridism.*

Francielle Maria Modesto Mendes

SUMÁRIO

I – INTRODUÇÃO	12
II - CAPÍTULO 1 - A narrativa ficcional no contexto da Amazônia	17
2.1 – Mudanças de Paradigmas	26
III - CAPÍTULO 2 - Construção de Personagens na ficção amazônica	48
3.1 – Identidades Híbridas	61
IV - CAPÍTULO 3 - Espacialidade no romance de expressão amazônica	72
4.1 – Floresta Amazônica: um espaço de mudança	86
V - CONCLUSÕES	94
VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

1 – INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui-se em um humilde convite para conhecer alguns aspectos do imaginário amazônico descortinados no romance *Coronel de Barranco*, de Cláudio de Araújo Lima. A Amazônia sempre foi um ambiente nebuloso e mítico onde os acontecimentos fascinam e desafiam o ser humano que tenta interpretá-lo. Local de mistérios e diversidades culturais, muitas vezes é visto como um gigante palco verde onde nasceu uma literatura plural e enriquecedora, especialmente do ponto de vista das encantarias e dos símbolos culturais que sempre marcaram a escrita sobre a região.

O manauara Cláudio de Araújo Lima (1908 – 1978), médico psiquiatra, ensaísta, tradutor, dramaturgo e romancista, nos deixou quatro romances – *Babel* (1940), *A bruxa* (1944), *A mulher dos marinheiros* (1965) e *Coronel de Barranco* (1970) – além de cinco livros de ensaios ligados à sua vivência de médico psiquiatra, e três livros de ensaio/biografia acerca de *Zweig*, *Plácido de Castro*, e *Getúlio Vargas*.

O nome do livro *Coronel de Barranco*, faz referência ao padrão seringalista que estabelecia seu barracão nas barrancas dos rios amazônicos, para facilitar o escoamento da borracha produzida no interior da floresta, bem como a chegada de mercadorias que abasteciam as colocações de seringueiros. O romance a seguir analisado é composto de 23 capítulos, centrados na história de vida de homens que lutam para sobreviver no meio da floresta, cercado de dificuldades de toda a natureza. Portanto, a narrativa põe em cena um instigante painel humano, que vai do caboclo tipicamente amazônida, nordestinos oriundos de diferentes Estados do Nordeste do Brasil, estrangeiros – dentre os quais merecem destaque os sírio-libaneses, que atuavam como regatões nos rios amazônicos, comercializando toda sorte de mercadorias e, na maioria das vezes, desafiando os padrões seringalistas com a comercialização de produtos para os seringueiros, em troca de pélas de borracha, desviadas do Barracão Central.

Tudo isso filtrado pela voz de narrador especialíssimo, que através de sua memória afetiva com seu lugar de origem – a Amazônia, resgata lembranças bem particulares de sua vida amorosa, ao tempo em que traz à cena importantes acontecimentos da vida amazônica, a principiar pelo famoso roubo das sementes de seringueira para os seringais da Malásia por Henry Wickham, até a

derrocada final da produção da borracha, em 1914, trazendo ao leitor as mágoas e frustrações do mundo amazônico diante do fatídico fracasso da economia da região.

Falando da Amazônia brasileira, lugar de um imaginário marcadamente híbrido e essencialmente heterogêneo – mostraremos como os personagens ficcionais se constituem a partir de diferentes saberes que se imbricam, se misturam e se contradizem. Nesse lugar, o conhecimento e saberes locais convivem com certa cultura de base cosmopolita, muitas vezes macaqueadas e amalgamadas à cultura local, resultando em formas grotescas de cultura. Na imensidão espacial da Amazônia convivem sujeitos diversos, cultural, social e historicamente singulares, pois são de diferentes lugares do planeta. Sobre esse caudal identitário que permeia a região, vale a pena trazer um comentário de Ana Maria Daou³, que afirma,

(...) por toda a Amazônia as atividades ligadas à extração e à comercialização da borracha se impuseram, mobilizando um enorme número de pessoas e vasto capital. Alterou-se a morfologia social, ao se deslocarem para a Amazônia trabalhadores que, rio acima, ajudariam a formar novos seringais. Estrangeiros ali se fixaram, sobretudo nas duas capitais, sendo em grande parte os responsáveis pela volumosa importação de bens de consumo e pela exportação da borracha – estando envolvidos, inclusive, na vinda, para as capitais, do látex coagulado, ou seja, as bolas de borracha que eram embarcadas para o uso industrial. (2004, p. 20-21)

Esse agrupamento de pessoas em torno do produto borracha vem para a narrativa literária de Cláudio de Araújo Lima como tema central. Literatura e história, cada uma a seu modo, constroem discursos de uma das fases mais instigantes da vida amazônica – as duas fases de produção da borracha, cenário de convivência de identidades e imaginários híbridos, nos dois planos discursivos.

O romance *Coronel de Barranco* é narrado no espaço de 50 anos (1876 a 1926) pelo personagem Matias Cavalcanti de Lima e Albuquerque. Matias é homem culto, viajado e cosmopolita. Foi interno no Colégio Anacleto, em Belém. Lá aprendera a falar inglês e francês, estudara Literatura, mas seu sonho maior era mesmo ser escritor. Porém, Matias não esperava muito de seu futuro no meio da floresta. “(...) pouquíssimo poderia esperar que a vida lhe desse, se se resignasse a permanecer naquele fim de mundo” (LIMA, 2002, p.66). A personagem de Matias Albuquerque, no dizer de Abdala Benjamin Junior, é aquele que se aparta da “sociedade e da civilização de que, em tese, é representante” (2004, p.75).

O romance inicia falando sobre a saída das sementes de *Hevea Brasiliensis* do Brasil e do auge do ciclo econômico da borracha, primeiro na Amazônia, depois na Europa e na Ásia. Em meio a tudo isso, o caboclo aparece como pano de fundo e o nordestino, como o grande explorado pelo seringalista e, via de regra, como um sujeito preguiçoso que não merecia a confiança do patrão.

³ DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque amazônica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 20.

A ambientação de *Coronel de Barranco* revela uma sociedade movida por ampla transformação social. Num plano macro observa-se o surgimento de uma sociedade de consumo – a Europa, que necessitava cada vez mais da borracha amazônica, matéria-prima que passa a impulsionar uma nova demanda tecnológica que dá sustentação ao que denominou-se de *belle époque européia*, com seu sonho de velocidade, de automóveis e da energia elétrica. Nesse contexto, assiste-se à incessante fragmentação das identidades culturais que, no passado, tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Nas manifestações culturais dessa época, nota-se certa tendência ao esfacelamento das fronteiras e ao fortalecimento do hibridismo cultural (sincretismo, mestiçagem, crioulisto, etc.). Não se trata, no entanto, de mescla ou fusão e sim, da convivência de elementos heterogêneos os mais variados, conforme mostraremos na continuidade deste trabalho.

A Amazônia deu novo sentido a cada traço cultural trazido pelos migrantes, que aqui chegaram em busca do Eldorado, criando assim outros novos traços de poderosa originalidade. Na obra, há uma cultura e uma identidade, que se encontram na unidade amazônica, feitas de diversidade e originalidade, homem e natureza.

Para maior compreensão do universo amazônico, o presente trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro apresenta a narrativa ficcional no contexto da Amazônia, ou seja, como se deu a construção literária nos anos que antecederam ao *boom* da borracha amazônica. Desde a entrada do homem europeu nessa região dos trópicos, ainda no século XVI, à chegada do homem nordestino, já no final do século XIX, quando veio para o trabalho com o corte da seringa e posterior produção da borracha.

Ainda no primeiro capítulo, mostra-se como rompem os paradigmas no que diz respeito ao olhar que se tem sobre o seringueiro. Um olhar crítico subverte a ordem de inferioridade sempre atribuída a ele, para então observar o quanto há de força, de determinação e astúcia nos “brabos⁴”, advindos do nordeste, que na Amazônia chegaram.

Muitas foram as estratégias de sobrevivência para superar as dificuldades da nova terra: a solidão, a friagem, a ausência de mulheres, o excesso de trabalho, a exploração. Enfim, todo o cenário árduo da Amazônia teve que ser superado com bravura e determinação pelos que chegaram em busca do Eldorado. Sendo necessário a resignificação da vida em detrimento do sonho de enriquecimento.

No segundo capítulo, a temática gira em torno da construção das personagens. Elas se organizam a partir do olhar do narrador Matias Albuquerque que tudo vê e interpreta devido às

⁴ Brabo era a denominação recebida pelos seringueiros que vinham do nordeste e chegavam ao seringal para trabalhar no corte da seringa.

experiências vividas durante um longo tempo que passou na Europa. Nesse capítulo, será feita ainda a leitura detalhada do romance amazônico em estudo, bem como de suas personagens. A partir da constituição dos Estudos Culturais é possível observar as relações que nascem dos processos de mestiçagem ou hibridização cultural e que levam a formação de múltiplas identidades.

O registro dessa hibridização se faz da observação do percurso das personagens no romance para que seja formado um “outro” olhar. Tal perspectiva possibilitará a observação das culturas em que estão inseridos as personagens estudadas em *Coronel de Barranco*, suas identidades, bem como as redes de relações que marcam suas trajetórias, rumo a significativas transformações culturais. A partir dessa análise, pode-se ressaltar e aferir valores na narrativa analisada. Isso é necessário para conhecer as identidades amazônicas que se formam ao se atrelar às mais diversas culturas em um mesmo universo.

A identidade híbrida surge como um elemento questionador das relações entre o autóctone e o “estrangeiro”. Em *Coronel de Barranco*, as personagens apresentam-se heterogêneas em seus universos sociais, históricos e culturais, desfazendo o senso comum de que a cultura é em tudo homogênea. Idéia essa desfeita ainda mais com a chegada do povo nordestino, que migra para a Amazônia na expectativa de retornar com melhores condições de vida.

No tocante ao terceiro capítulo, discute-se a espacialidade nas narrativas amazônicas. A Amazônia em *Coronel de Barranco* é espaço em (re)construção, onde as mais diferentes personagens se encontram para constituir esse palco mágico. Protegidas ou isoladas pela imensidão das águas e do verde, as histórias são construídas uma a uma, moldando a face do que seria a Amazônia do final do século XIX e começo do XX.

Esse cenário é composto do tapiri⁵, barracão⁶ e casa aviadora⁷ que se unem pelo rio. O rio é o que leva e traz o necessário à sobrevivência do homem em meio a floresta. São as águas desse mesmo rio que isolam, mas também fornecem a alimentação, separam a vida na cidade da vida no seringal; os hábitos requintados dos hábitos simples e desprovidos de qualquer luxo. O rio cerca a floresta – plantas, flores, bichos – que por vezes é dominadora, envolvente, traiçoeira e voraz.

⁵ O trabalho dos seringueiros começa de madrugada, quando saem para a mata com a poronga na testa, para fazer o corte na árvore da *Hevea Brasiliensis*, conhecida como seringueira. À medida que os cortes são feitos, colocam as tigelinhas para recolher o látex, que depois é transportado em baldes para o tapiri, onde são preparadas as bolas de borracha coagulada e defumada. Elas são levadas para a sede do seringal, onde são pesadas e, posteriormente, transportadas para os grandes centros. O Tapiri é uma construção rústica, feita com galhos de árvores e coberta de palha.

⁶ Casa de moradia do dono do seringal ou de seu administrador, e que é, ao mesmo tempo, habitação, depósito de gêneros de primeira necessidade, da borracha colhida nos centros, e loja para a venda de gêneros, roupas, ferramentas e utensílios. Cláudio de Araújo Lima, em *Coronel de Barranco*, nos descreve como sendo “o escritório central” do seringal.

⁷ A Casa Aviadora vendia mercadorias aos seringalistas e comprava deles a produção de seringa para posterior venda ao comércio mundial.

Como componente desse espaço há o barracão sinônimo do poder; as estradas de seringa que simbolizam a esperança do Eldorado; que por sua vez, levam ao solitário tapiri. Em contrapartida, a cidade cercada do luxo, do fausto de uma época de exageros, em que se acreditava que a riqueza era eterna; nela a zona de prostituição que completava a vida dos homens de poder da região, onde se gastava o dinheiro das casas aviadoras.

Em meio a isso tudo, cria-se uma relação entre o homem e o espaço que ocupa. Por isso, é necessário que haja um estudo desse espaço amazônico para maior compreensão de suas narrativas, pois segundo Rogério Haesbaert, “não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo tempo inseri-los num determinado contexto geográfico, ‘territorial’”. (2006, p.20).

Portanto, a leitura desse trabalho é, antes de tudo, convite para uma visita a uma Amazônia constituída de sujeitos prenhes de fantasia, de muitas histórias para contar que juntas, compõem o imaginário amazônida.

2 – A NARRATIVA FICCIONAL NO CONTEXTO DA AMAZÔNIA

“(...) a matéria-prima da literatura não é a felicidade mas a infelicidade humana, e os escritores, como os urubus, alimentam-se preferivelmente de carniça”.
Mário Vargas Llosa

O capítulo que ora inicia tem como objetivo tecer, de forma pormenorizada, algumas considerações sobre o contexto em que se equilibra o romance de Cláudio de Araújo Lima, *Coronel de Barranco*, em que nos propusemos estudar as ***Identidades híbridas: o lugar das personagens ficcionais***.

A construção ficcional amazônica tem início desde a chegada do homem a essa região. Para João de Jesus Paes Loureiro (1995), a Amazônia, por seu isolamento, sempre se apresentou como um manto de mistério, distância e intemporalidade. Loureiro afirma ainda que a Amazônia possui uma cultura dinâmica, original e criativa, que cria sua própria realidade, ou seja, “uma cultura que, através do imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda”. (1995, p.30)

Para a presença do homem no Novo Mundo, a teoria mais aceita é a de que ele chegou procedente da Ásia, quando o continente americano já se encontrava em sua forma atual. Grupos nômades atravessaram o estreito de Behring, há 24.000 anos, ocupando e colonizando as Américas. É provável que alguns desses migrantes asiáticos tenham chegado ao vale do rio Amazonas por volta de 15.000 anos atrás, dando início à colonização da Amazônia.

Pesquisas arqueológicas, apresentadas na exposição *O Homem e a Pedra: a Pré-História na Amazônia*⁸ no Museu Paraense Emílio Goeldi – MPE demonstram que a região amazônica já era ocupada há pelo menos 12.000 anos atrás, no final do Pleistoceno⁹, por grupos de caçadores e

⁸ MORAIS, Maria Lúcia. *Museu Paraense Emílio Goeldi – O Homem e a Pedra: Pré-história na Amazônia*. Disponível em: <http://www.museu-goeldi.br/sobre/NOTICIAS/noticias_OHomemeaPedra.htm>. Acesso em: 19.nov.2006.

⁹ O pleistoceno foi o período quaternário que ocorreu entre 1,8 milhão a 11.000 anos atrás. A biologia pleistocênica era moderna, pois muitos gêneros e espécies de coníferas pleistocênicas, musgos, plantas flores, insetos, moluscos, pássaros, mamíferos e de outros seres vivos sobrevivem até hoje. Contudo, o pleistoceno foi caracterizado também pela presença de mamíferos e de pássaros gigantes. Mamutes e seus primos os mastodontes, búfalos e muitos outros mamíferos grandes viveram no pleistoceno. No fim do pleistoceno, todas estas criaturas foram extintas. Foi durante o pleistoceno que ocorreram os episódios mais recentes de glaciações, ou de idades de gelo. Muitas áreas de zonas

coletores. Arqueólogos do Museu Paraense Emílio Goeldi fizeram importantes descobertas a partir de 1985, como as grutas do Gavião e de Pequiá, em Carajás, e da Caverna da Pedra Pintada, em Monte Alegre, confirmaram a existência de ocupações pré-históricas muito anteriores ao estabelecimento das culturas tradicionais amazônicas de horticultores de floresta tropical.

Os amazônidas, por volta de 2000 a.C., experimentaram um grande desenvolvimento, transformando-se em sociedades hierarquizadas, densamente povoadas, que se estendiam por quilômetros ao longo das margens do rio Amazonas. A existência dessas sociedades foi comprovada através de marcas arqueológicas, encontradas especialmente na cidade de Santarém, no Pará.

Apesar desta suposta Antigüidade da presença humana na Amazônia, foi somente entre os séculos XVI e XIX, que a região amazônica foi invadida por povos em busca de novas terras para exploração. A Amazônia tornou-se alvo de poder e sedução para alguns países da Europa. Os primeiros viajantes e cronistas da América seguiam os passos das viagens de Marco Polo, que é considerado um dos primeiros antropólogos culturais do Ocidente (Pólo saiu da cidade de Veneza e foi até o Extremo Oriente, ainda no século XIII, permanecendo lá por aproximadamente vinte anos). Em seu relato, de base eurocêntrica, apresenta as diferenças de costumes entre os dois mundos (Velho e Novo Mundo) e procura registrar os acontecimentos de tal forma que a sua escrita tornou-se sedutora aos olhos de uma Europa ávida por expandir os seus sonhos. As narrativas deste jovem estimularam, em plena Idade Média, o imaginário europeu acerca dos limites do mundo e alimentaram o sonho das grandes navegações. Nas palavras de Neide Gondim, um dos mais importantes viajantes é Marco Pólo.

Do feixe de viajantes da Antiguidade e da Idade Média Marco Polo é citado como exemplar, devido à veracidade dos dados geográficos veiculados em sua narrativa e que facilitaram grandemente as expedições comerciais que se destinavam à China, à Índia e ao centro da Ásia. (1994, p. 22).

O relato das viagens de Marco Polo desvendou lendas, que se estenderam até muitos séculos depois. Ele cria também outras histórias que vão ser reproduzidas ou alteradas em inúmeros outros relatos subseqüentes. Rustichello de Pisa, um homem de letras, transcreveu as narrativas do viajante, que hoje (séc. XXI) se conservam não no original, mas em diversas traduções italianas medievais. Surgiu, assim, o texto que popularmente passou a ser conhecido como *Milione*, termo

temperadas do mundo foram alternadamente cobertas por geleiras durante períodos frios e descoberta durante os períodos interglaciais mais quentes em que as geleiras recuaram.

originado proveniente de um antepassado (Emilione) ou talvez calcado no latim (milia), com manifesta alusão à longa viagem narrada.

Tomando como base essas histórias, surgem outras expedições, agora com destino à Amazônia, como as de Francisco de Orellana, Pedro Teixeira, dentre outras, que percorreram a região deixando aos leitores Relatos de Viagens, Crônicas e Cartas, quase todas marcadas pelo exagero na descrição da terra desconhecida, dos animais e do homem que nela habitava.

Os primeiros europeus que ocuparam a Região Norte vieram de Portugal, Espanha, Holanda, França e Inglaterra. Na disputa pelo território, predominaram os portugueses que, como os demais, procuravam estabelecer na colônia núcleos de missões nessas terras distantes, tendo sua parcela de responsabilidade pelo genocídio indígena que viria a seguir. Os indígenas que não sucumbiram à morte foram envolvidos por este processo de colonização brutal para os nativos da Amazônia. A queda demográfica, evidentemente, criaria uma outra situação em que o espaço amazônico seria ocupado por europeus e seus descendentes e, posteriormente, por escravos advindos do continente africano.

Ao analisar as rotas transnacionais e interculturais realizadas na modernidade a partir da diáspora dos povos africanos, Paul Gilroy (2001) criou a poderosa metáfora do Atlântico Negro. Tomando a figura do navio como um dos primeiros *cronotopos* modernos, o autor percorre seus diferentes significados, desde sua função como unidade cultural e política, elemento móvel que, ao se deslocar, ligava os espaços fixos que através dele se conectavam, até a evocação do tráfico de escravos e sua relação com os projetos de modernização. No centro de sua reflexão, encontramos o motivo da viagem e seus desdobramentos históricos. O Atlântico Negro seria, assim, o espaço imaginário de uma outra viagem, protagonizada não pelos colonizadores em suas rotas de expansão e conquista, mas uma forma de repensar a cultura viajante, a partir da experiência e das trocas culturais protagonizadas pelos subalternos.

Tendo como referência este espaço híbrido e transcultural do mar cruzado em vários sentidos a partir das rotas da escravidão, pode-se começar a pensar em outras rotas que também ligaram a África, Europa e América, mas em outras direções, como foi o caso do projeto colonial empreendido pelos portugueses, a partir do século XV, que se desenvolveu até o final do século XX.

O projeto colonial português possibilitou uma miscigenação, entre outros lugares, no cenário amazônico, e contribuiu para a formação do caboclo amazônico¹⁰. De modo geral, ele apresenta

¹⁰ O caboclo surge do cruzamento do mestiço branco com o índio pois, segundo Antonio Porro, “esses agrupamentos heterogêneos de índios da terra firme trazidos à força para as margens do Amazonas iriam dar origem ao caboclo ou tapuio amazonense (...)”. (1992, p. 8)

características européias e, em menor escala, africanas, tanto no aspecto biológico quanto no cultural.

Escreve Loureiro (1995) que o caboclo faz parte da cultura amazônica, que por sua vez, apresenta profunda relação com a natureza, sendo importante contribuição para consolidar poeticamente o imaginário. Nesse contexto, é o homem amazônico, o caboclo, que desvenda os segredos do mundo, através da utilização dos mitos. Entende-se aqui a cultura amazônica como aquela que:

(...) tem sua origem ou está influenciada em primeira instância, pela cultura do caboclo. É evidente que esta é também o produto de uma acumulação cultural que absorveu e se amalgamou com a cultura dos nordestinos que, em épocas diversas, mas especialmente no período da borracha, migraram para a Amazônia. (1995, p. 27).

Acredita-se que a primeira visita oficial à Amazônia, tenha sido feita por um capitão francês chamado Jean Cousin, por volta de 1488. Há também informações que Américo Vespúcio visitou, em 1499, a foz do rio Amazonas, retornando àquela área em 1501. O primeiro registro de conflito nessa região foi em 1500, entre Diego de Lepe, representando o rei da Espanha e os índios.

Quando Américo Vespúcio identificou o novo continente, o desconhecido e a possibilidade de enriquecimento se tornavam os principais elementos desencadeadores da aventura. O sonho de fazer a América acompanhou várias gerações de imigrantes europeus. A primeira expedição que se tem notícia, a navegar o rio Amazonas foi a de Francisco de Orellana. Diz-se que esta expedição polêmica, ocorrida em 1541-42, penetrou pela foz do rio Orinoco. Subindo-o, descreveu que em uma única viagem, em meio de um incrível emaranhado de rios e afluentes amazônicos, teria encontrado o rio Cachequerique - raríssima e incomum captura fluvial que une o rio Orinoco ao Rio Negro e Amazonas. Ao voltar à Espanha, relatou ao rei a viagem e conseguiu dele a concessão das terras que havia descoberto.

Durante a viagem, Orellana avistou, nas margens do rio, grupos de índias com arcos e flechas nas mãos, julgando ter encontrado o reino das Amazonas de que tanto ouvira falar. E o nome Amazonas foi dado para o rio e para a floresta. A história das Amazonas era contada ainda na Grécia Antiga – muitos séculos antes do nascimento de Cristo. Elas formavam um grupo de mulheres que montavam a cavalo, manejavam o arco e a flecha com grande perícia e viviam sozinhas, nunca admitindo a presença dos homens nas suas terras. A essas mulheres dava-se o nome de Amazonas, em língua grega significa sem teta; uma vez que elas queimavam a teta direita para não terem estorvo ao atirar com o arco; e os aventureiros que ousavam embrenhar-se em regiões

desconhecidas, só de pensar que podiam encontrá-las, tremiam de medo, pois era certo e sabido que não escapavam com vida.

A seguir, há um relato do frei Gaspar de Carvajal, na versão de Oviedo e Valdés, transcrita de forma fragmentária por Antonio Porro (1993), em que se busca observar o comportamento das amazonas, assim como descrevê-lo, de acordo com o imaginário europeu. Esta forma de descrição estava presente em todos os relatos do cronista:

Aqui viram-se índias com arcos e flechas que faziam tanta guerra quanto os índios ou mais e comandavam e animavam os índios para que planejassem; e quando queriam batiam com arcos e flechas aos que fugiam e faziam ofício de capitães ordenando àquela gente que guerreasse, colocando-se na frente e segurando os outros para que estivessem firmes na batalha, a qual travou-se com muito rigor. E sendo esse exercício tão estranho às mulheres, como o sexo feminino o requer, e poderá parecer grande novidade ao leitor que vir essa minha relação, digo para meu desencargo que falo do que vi; e o que pudemos entender e se teve por certo é que aquelas mulheres que lá planejavam como amazonas são aquelas de quem, em muitas e distintas relações nessas Índias ou partes, corre há muito tempo larga fama, decantada de muitas maneiras, da existência dessas belicosas mulheres. (...) São altas e de grande porte, desnudas, com uma pequena tanga (“braga”) que somente trazem diante de suas partes mais vergonhosas; mas em (*tempo de*) paz andam vestidas com mantas e telas de algodão delgadas e mui gentis. (PORRO, 1993, p. 59).

Gaspar de Carvajal acompanhou Francisco de Orellana na primeira expedição, percorrendo todo o rio Amazonas desde o Equador até o oceano Atlântico. Segundo Porro, Carvajal elabora importantes descrições sobre a população que encontra na Amazônia:

(...) retrata as populações amazônicas ainda intocadas pelos efeitos da ocupação européia; descreve uma série de *províncias* ribeirinhas cujos habitantes se diferenciam, aos olhos dos exploradores, pela indumentária ou enfeites, pelas armas e pelo tipo de moradia. (1993, p.11).

Porro (1993) diz ainda que a obra de Carvajal constitui-se em importante documento etnográfico para o conhecimento das margens do Amazonas, pois o cronista teve o privilégio de observar e descrever as populações ribeirinhas, antes que começassem a ser modificadas pela colonização, apesar de ter sido muito criticado por ter “inventado as Amazonas” nessa parte dos trópicos. Em maio de 1544, Orellana saiu de Sanlúcar de Barrameda, na Espanha, com quatro navios e 400 homens, mas a nova expedição revelou-se um fracasso: só dois navios chegaram ao Amazonas e mesmo estes tiveram de ser desmontados. Orellana morreu, ainda no rio, enquanto tentava retornar à Europa.

A mais famosa expedição, não pelo resultado, mas pelos dramas humanos que envolveu, foi a de Ursua e Aguirre. Depois de Lope Aguirre, o peruano que traiu o governo do Peru, por volta de 1561, não há notícias, por mais de meio século, da presença de brancos na Amazônia. Em 1615,

Francisco Caldeiras de Castelo Branco foi incumbido pelos portugueses de ocupar a costa norte, e em 1616 fundou Belém. O fracasso dessas aventuras e a descoberta da prata no Potosí fizeram abandonar as buscas e, durante mais de setenta anos, os espanhóis se desinteressaram pela Amazônia. Enquanto isso, os portugueses começavam a se estabelecer na foz do rio.

Em 1637, chegou, em Belém, uma canoa tripulada por dois franciscanos e seis soldados espanhóis, sobreviventes de uma expedição ao rio Napo. Essa aparente facilidade com que chegaram, fez com que o governador Jácome Raimundo de Noronha organizasse uma frota que deveria subir o Amazonas e o Napo até Quito e, na volta, tomar posse de todas as terras que ficavam abaixo do Omagua. Na ida de Belém até Quito, o cronista é provavelmente o frei Alonso de Rojas, que nos deixa um relato curto, voltado para a geografia política de interesses pragmáticos às necessidades da Coroa.

A expedição comandada por Pedro Teixeira, que já navegara até o Tapajós combatendo os ingleses, com uma frota de 47 canoas, 70 portugueses e quase 2000 índios deixou Belém em fins de 1637; dez meses mais tarde estava em Quito. Algumas pessoas tiveram acesso ao roteiro de viagem, entre elas o jesuíta Alonso de Rojas que escreveu, em 1639 o *Descobrimento do Rio das Amazonas e suas dilatadas províncias*, uma descrição geográfica baseada nas notícias e no mapa levantado por Bento da Costa, piloto da frota portuguesa, mas com poucos dados sobre a população indígena.

Cristóval de Acunã, jesuíta, aproveitou grande parte das informações da expedição comandada por Pedro Teixeira e escreveu sua obra, em 1641, *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas*. Ao lado da *Descrição* de Heriarte, o livro de Acunã é uma das obras mais importantes sobre a Amazônia e seus habitantes escrita até meados do século XVIII. Acunã é o primeiro cronista a enumerar informações sobre os índios do Amazonas, sem tê-los visto. Ele faz abordagens sobre dezenas de tribos da terra firme distribuídas ao longo dos principais afluentes. Afiança João Carlos de Carvalho, que “com Carvajal, Rojas e Acunã, os dois primeiros séculos de colonização da Amazônia se constroem na fronteira entre os limites empíricos e o ilimitado de uma imaginação poderosa”. (2005, p. 73).

Tanto as crônicas de descobrimento quanto os relatórios de viagens científicas quanto às obras literárias inaugurais, principalmente, as escritas por viajantes e missionários espanhóis a serviço da Espanha nos séculos XVI e XVII, apresentam a Amazônia como um cenário grandioso e misterioso, onde se sobressai uma floresta exuberante cortada por caudalosos rios, habitada por índios arredios e monstros devoradores, cujos perigos ameaçam constantemente aqueles que teimam em percorrê-la. Segundo Neide Gondim, as imagens do paraíso e a idéia de riqueza acompanhavam os viajantes:

As imagens do Paraíso Terrestre, a fonte da eterna juventude, a riqueza adquirida sem esforço físico, as monstruosidades corporais, as fantásticas descrições da flora e fauna, as amazonas solitárias e mesmo o reino de Preste João, em muitos casos sinônimo de Grão Cã, de uma certa maneira, acompanharam os marujos, grumetes e almirantes na travessia das fronteiras líquidas do antimundo. (1994, p. 42)

Em sua essência, nos discursos das crônicas e narrativas de viagens sobressai o modo como foram “inventadas” a identidade cultural da região e dos sujeitos que nela habitam. Esses textos buscam conservar o exotismo folclórico da imagem inventada a partir do olhar estrangeiro, mantendo um pacto com a fantasia, sustentando a imagem que os primeiros viajantes, que aqui chegaram, tinham da região amazônica. Para Laélia Rodrigues da Silva, os mitos e lendas povoam o imaginário daqueles que olham em direção a Amazônia:

Através da literatura, a Amazônia apresenta-se como uma realidade cujos limites mais amplos são fixados pelas falas que foram construindo durante séculos a idéia de que, nela, toda experiência humana está de algum modo envolta no mistério da floresta e das águas. A linguagem denuncia que qualquer olhar sobre essa terra está contaminado pelos mitos e lendas que se incorporam à invenção do *paraíso* e do *inferno verde*. (1998, p. 23).

Entre os anos de 1735 e 1745, o cientista Charles-Marie de La Condamine, membro da Academia das Ciências de Paris, visitou a região amazônica. A exemplo de Orellana, Condamine partiu de Quito, desceu o rio Amazonas e além de realizar importantes estudos sobre a borracha, interessou-se também pelo reino das mulheres. Levou para a Europa informações sobre espécies vegetais e seu aproveitamento pelos indígenas, na confecção de alguns artefatos, como botas, garrafas e bolas, cuja matéria-prima utilizada era a borracha. De volta a França, publicou, em 1745, *a Relation abrégée d'un Voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique méridionale*.

Não só Charles-Marie de La Condamine, mas quase todos os outros pesquisadores do século XIX – Johann Baptist Von Spix, Carl Friedrich Von Martius, os naturalistas ingleses Henry Walter Bates e Alfred Russel Wallace possuíam igual interesse, preocupando-se em definir características da região e de seus habitantes, dirigindo a todos um olhar preconceituoso e equivocado. Eles se interessavam pela raça e pela natureza, na tentativa de encontrar o elo perdido, sem se desvencilhar da fantasia que marca as falas dos cronistas e viajantes que os antecederam.

A entrada na Amazônia vai permitindo o contato do europeu com uma floresta, nunca antes visitada, e, por vezes, completamente desconhecida e misteriosa. O novo desperta a curiosidade em relação a todo esse universo, e faz com que, entre outras coisas, o estrangeiro observe todas as riquezas naturais da floresta.

La Condamine, ao voltar à Europa, encontra-se em Caiena com o seu compatriota Fresnau, que ali se detivera a examinar a borracha, redigindo uma memória completa sobre a seiva. A partir

desse momento, segundo Leandro Tocantins (1982), a borracha penetra no domínio das artes e das ciências.

Em 1757, o Marquês de Pombal criou o Diretório dos índios, já com o projeto de ocupar a Amazônia. Com a autorização para abertura dos portos do território amazônico para nações amigas, aumentou-se o interesse pela fauna e flora local. E a Amazônia se torna palco de interesses de povos holandeses, ingleses, espanhóis, norte-americanos, entre outros, que faziam viagens clandestinas em busca de novas descobertas: plantas medicinais, flores, etc. Porém, a descoberta mais importante para toda a Europa foi o látex amazônico, que possibilitou a modernização daquela importante área do globo.

Em 1839, o americano Charles Goodyear descobre a vulcanização, que consistia em misturar enxofre com borracha a uma temperatura elevada durante algumas horas. Com isso, a demanda do produto se intensificou e a Amazônia sentiu os bons efeitos da mudança. Com a expansão do comércio da borracha, inicia-se nova fase de ocupação e de exploração na Amazônia.

A partir de 1850, as expedições exploratórias, de caráter oficial, começaram a acontecer de forma sistemática, tendo como financiadora a província do Rio Negro, que enviou o explorador João da Cunha Correia ao Juruá entre os anos 1860-66, Manoel Urbano da Encarnação, ao Purus. Além dessas significantes expedições, registra-se a presença de uma outra, enviada pela *Royal Geographical Society of London*, ao Purus, em 1864, e ao Juruá, em 1866, representada pelo geógrafo inglês William Chandless.

Em 1867, abre-se o rio Amazonas para a navegação devido ao descaso das autoridades imperiais no Rio de Janeiro e a campanha deflagrada pelos Estados Unidos para colonizar a América, visando seus recursos naturais. Somando-se a isso se têm as pressões políticas e econômicas da Inglaterra e da França que também contribuíram para a abertura do rio, propiciando o acesso à borracha, matéria-prima desde 1823.

A vinda de europeus à Amazônia sempre esteve associada à conquista de tesouros – especiarias, metais, sementes, etc. Com a chegada e colonização deles, a partir do século XVI, a ocupação humana na região começou a obedecer a uma nova dinâmica. A introdução de novas ferramentas, novas tecnologias e o choque cultural provocado pelos colonizadores provocaram mudanças nos modos de produção e modelos de subsistência, pois o povo da Amazônia passou a trabalhar mais para suprir a demanda da borracha provocada pelo interesse europeu.

O extrativismo vegetal era a principal via de ocupação e povoamento da Amazônia. As chamadas "drogas do sertão", como o urucum, o guaraná e alguns tipos de pimenta, rendiam bons lucros no mercado internacional e foram produtos monopolizados pela metrópole. À sua procura, milhares de pessoas internaram-se na floresta e os vilarejos foram surgindo às margens dos rios.

Não fazia parte da consciência dos povos colonizadores a noção de esgotamento e degradação dos recursos. Mesmo nos primeiros indícios históricos dessa preocupação, as motivações eram claramente econômicas. Foi o início de um processo de exploração, em que os recursos da paisagem eram, pela primeira vez, definitivamente retirados da floresta amazônica.

Desde a Antiguidade, o mar mediterrâneo foi um velho conhecido dos europeus. No entanto, enfrentar o atlântico era algo que assustava os mais experientes navegadores. Esse medo desapareceu a partir da criação ou aperfeiçoamento de tecnologias que permitiram superar importantes problemas: como ir e voltar a alto mar com segurança; como se orientar e se localizar com precisão nessa empreitada, etc.

A ocupação e a exploração da América, por consequência da Amazônia, foi um desdobramento da expansão marítimo-comercial européia e elemento fundamental para o desenvolvimento do capitalismo. A colonização promovida pelos europeus deve ser entendida a partir da lógica mercantilista, baseada no monopólio da metrópole sobre suas colônias.

Por mais que tenha sido um modelo essencialmente exploratório, todos esses anos de reconhecimento, ocupação e colonização européia na floresta amazônica tiveram um impacto social. Muitos dos povos indígenas que tradicionalmente viviam na região se extinguíram ou tiveram que se adaptar a presença do homem branco. Eles sofreram um choque cultural, obrigando-se a dividir o mesmo espaço com os estrangeiros e ainda ter que ensiná-los a sobreviver em meio à floresta.

Os europeus desenvolveram seu poder científico e a partir dele puderam navegar em direção às novas terras. No que diz respeito aos usos das novas tecnologias de navegação e as descobertas que elas possibilitaram, esse processo introduziu transformações na visão que o homem tinha do mundo e conseqüentemente dele mesmo.

A caravela era a embarcação revolucionária que propiciava a navegação por mares até então desconhecidos. Com ela, os portugueses puderam chegar cada vez mais longe nas grandes aventuras dos descobrimentos. A bússola, que já era conhecida, permitia a localização, assim como o quadrante e o astrolábio.

Apesar das navegações e da chegada do europeu à Amazônia, havia ainda uma precariedade de referências literárias dos viajantes, no século XIX, sobre a região, o que fez com que Euclides da Cunha fosse conhecê-la. Seus artigos e ensaios falam sobre a Amazônia e a condição dos migrantes nordestinos nos seringais.

No início do século XX, a Amazônia chama atenção pelos recentes conflitos de fronteiras com os países vizinhos. O Ciclo da Borracha desperta no país um interesse mais pragmático pela região, observados pelo olhar de Euclides da Cunha nas obras *A margem da História* e *Um Paraíso*

Perdido. A vinda do escritor para a Amazônia está ligada também a expectativa de expansão e desenvolvimento de nossa nação na época.

Euclides da Cunha chega à região amazônica, em 1904, para chefiar a equipe brasileira da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus, que tinha como objetivo demarcar a fronteira entre o Brasil e o Peru. A Amazônia, para Cunha é território livre, lugar que “tem tudo e falta-lhe tudo...” (1999, p. 3) de “fauna singular e monstruosa” (1999, p. 2). Esse espaço é selvagem e tem “o dom de impressionar a civilização distante” (1991, p. 9). Apesar disso, Cunha revela o impacto diante do inusitado e diz que:

A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido – quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem (...). (CUNHA, 1999, p. 2).

As expedições comprovaram, entre outras coisas, a existência de grande quantidade de líquido branco para a produção de borracha, produto, naquele momento, muito procurado pelos Estados Unidos e países europeus. A borracha tornou-se um produto tão valioso depois da invenção dos pneumáticos que a procura das árvores do látex levou o explorador cada vez mais para o interior da mata e o modo acelerado com que essa matéria-prima passou a ser exigida demonstrou que os nativos eram insuficientes, ou não serviam como mão-de-obra, para atender à demanda. Incentivou-se a migração, propiciando uma fase caótica de ocupação da Amazônia.

Muitos de nordestinos, principalmente cearenses, foram encaminhados às regiões insalubres dos vales do Juruá, Purus e Acre, que para garantir a exploração do látex, mataram em correrias¹¹ os índios e expulsaram os que conseguiram fugir e sobreviver aos massacres, aos confrontos desiguais de arco e flecha com rifles de repetição e milhares de balas, para outras regiões mais distantes. A violência do contato dos imigrantes com os nativos levou quase ao extermínio os grupos indígenas dos vales do Juruá, Purus e Acre.

Não podendo contar com a mão-de-obra indígena e tendo em vista o aumento da produção de borracha os seringalistas associados às casas aviadoras contrataram agenciadores de braços, ou seja, pessoas encarregadas de trazerem homens para o trabalho de extração do látex na Amazônia. As secas do Nordeste, a falta de perspectiva de trabalho nos grandes centros produtores de café e a ilusão de enriquecimento fácil contribuíram para aumentar o número cada vez maior de nordestinos que seguiram para o Acre. Os migrantes eram transportados em gaiolas¹² e, ao chegar à região

¹¹ Segundo Pedro Martinello (2004), correria é o termo utilizado na região para designar a ação dos pioneiros em relação aos índios pela posse da terra. Significa matança organizada dos diversos grupos indígenas pelos proprietários de seringal, com a justificação de garantir a segurança dos seringueiros.

¹² Segundo Pedro Martinello (2004), gaiolas são embarcações fluviais históricas típicas da região amazônica

amazônica, tinham que se habituarem às condições de vida muito diferente. Eles precisavam enfrentar a malária, animais perigosos e o trabalho nas dependências dos seringalistas.

A Amazônia recebeu uma considerável massa humana de migrantes nordestinos, genericamente conhecidos como “cearenses”. Procediam geralmente das zonas do agreste e do sertão, sendo tangidos pela seca e pela fome, em busca de fortuna e aventura. Essa corrente migratória e cultural, representada em *Coronel de Barranco* pela vinda do Coronel Cipriano, inscreve-se dentro do quadro da extraordinária expansão e mobilidade da população brasileira, facilmente seduzida e arrastada no passado pela mística da fortuna, da lenda e da riqueza fácil.

O nordestino bronco, a quem talvez fosse ligar minha vida por algum tempo, chegara a Manaus como um paria, tangido pela seca de 1877, quando se chamava apenas Cipriano de Tal. Agora, porém, era tratado pelos ‘aviadores’ mais prestigiados da praça como o ‘Coronel’ Cipriano Maria da Conceição. Respeitável dono do seringal ‘Fé em Deus’. (2002, p. 99)

Segundo Sant’Ana Júnior (2004), os primeiros núcleos exploratórios para o Juruá e o Purus aconteceram por volta de 1850. Mas o movimento só tomou impulso na segunda metade da década de 1870. É nesse momento que o Nordeste, principalmente no Ceará, enfrenta uma crise econômica-social jamais vista durante toda a sua história. A seca de 1877 destruiu arrasadoramente a atividade agropastoril dos grandes latifúndios escravistas, provocando uma desarticulação na organização do trabalho escravo, tornando-o improdutivo. Como os gastos para a manutenção desses escravos não eram compensados pela sua produtividade, ocorreu, de certa forma, a liberação dessa mão-de-obra; homens, dispostos a enfrentar qualquer tipo de empreendimento, desde que lhes garantissem a sobrevivência.

Daniela Marchese¹³ apresenta em sua obra um fato interessante que exemplifica quão árduo foi o processo de adaptação nordestina em meio à floresta amazônica. Marchese conta como se sentiu um dia em suas andanças pela mata, quando um seringueiro que a acompanhava afastou-se para fazer suas necessidades fisiológicas, deixando-a sozinha. A pesquisadora revela sua sensação de insegurança e medo, refletindo inclusive, naquele momento, sobre como se deu o período de adaptação e orientação na selva para aqueles homens originários da terra seca.

Ele se afastou, como já havia feito outras vezes (...). Depois de alguns minutos comecei a olhar em torno para ver se Nisomar [o seringueiro] retornava. O tempo de espera aumentou ao ponto de me fazer olhar em volta com olhos de quem procura entender a direção a tomar para sair. Tentei recordar-me por onde

¹³ Daniela Marchese é pesquisadora italiana e esteve no Acre fazendo um estudo sobre os seringueiros. Ela defendeu uma tese sobre a percepção do espaço dos seringueiros da Amazônia brasileira, resultado da pesquisa de campo feita em 1997 no Acre. Da mesma pesquisa nasceu a publicação do livro *Eu entro pela perna direita* (2005).

tínhamos acabado de chegar porque, eventualmente, deveria prosseguir mantendo aquela direção. Me limitei, porém, a dar uma volta em torno de mim mesma sem conseguir reconhecer nada. Fui invadida por uma sensação de insegurança: levantei o olhar para a copa da *castanheira*, alta mais de quarenta metros, recordando as palavras de alguns entrevistados que me diziam como sob aquela planta se corria de ser atingido ou morto pela queda do ouriço.

(...) Escutava barulhos, estalos estranhos, rumores inquietantes de animais daquele mundo desconhecido e indistinto aos meus sentidos.

Não sei quanto tempo passou, mas de repente retornou Nisomar. Notando-me no ponto exato em que me havia deixado, perguntou-me: “Teve medo”? Menti visivelmente respondendo com um “não” indiferente, mas senti que começava a respirar melhor e que num instante as minhas angústias de sobrevivência davam lugar a uma reflexão mais serena e decisiva: como os seringueiros tinham aprendido, em pouco mais de cem anos de história, a orientar-se neste ambiente de trabalho tão hostil e diferente daquele do *Nordeste*? (MARCHESE, 2005, p. 66)

A verdade é que os nordestinos não estavam interessados em povoar simplesmente, mas sim ocupar-se em uma atividade que lhes oferecesse perspectivas de maiores e mais rápidos lucros, de forma que em pouco tempo pudessem voltar à sua terra de origem em melhores condições de vida. E foi a extração do látex que lhes pareceu mais viável, já que a borracha se constituía em um produto bastante procurado no mercado mundial como já foi dito. Já a lavoura, destinada ao consumo interno, tornava-se um empreendimento árduo e sem perspectiva, não só pela carência técnica, pela ausência de investimentos públicos ou privados, mas também pelas particularidades climáticas e características do solo. Percebe-se isso na obra *Coronel de Barranco*, nas falas de Coronel Cipriano:

___ Pelo amor de Deus, doutor, o senhor queria que a gente fosse perder tempo fazendo farinha de mandioca e plantando feijão, com esses preços de seringa? Gastar os homens, pescando pacu? Plantando jerimum? O doutor é muito moço, e não atina que isso ia ser um crime. Com fraqueza, doutor, era um pecado que Deus até podia castigar. (LIMA, 2002, p. 141)

Sabe como esse pessoal é safado, se agarra na falta e começa a perder tempo, caçando, pescando. E acaba tudo se viciando. Sabe como é, daqui a pouco, já estão até querendo fazer roça. Eu conheço seringueiro, gente que só pensa em saldo. Uma ganância do diabo. Depois, eu que me dano todo. (LIMA, 2002, p.212)

Para Euclides da Cunha, o trabalho no seringal era uma “criminosa organização (...) que ainda engenhou o mais desacomodado egoísmo”. (1999, p. 13). Ainda segundo Cunha, o homem ao penetrar na Amazônia, entra em um paraíso diabólico dos seringais, “abdica as melhores qualidades nativas e fulmina-se a si próprio” (1999, p. 12). O seringueiro “é o homem que trabalha para escravizar-se”. (1999, p. 13). Porém, ele elogia o trabalho do migrante dizendo que: “As gentes que a [Amazônia] povoam talham-se-lhe pela braveza”. (1999, p.29). E mais:

O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores empresas destes tempos. Estão amansando o deserto. E as suas almas simples, a um tempo ingênuos e heróicos, disciplinados pelos reveses, garantem-lhes que os organismos, o triunfo na campanha formidável. (1999, p. 29-30)

O trabalho escravo do homem seringueiro, detectado por Cunha, é uma contradição dentro do que se acreditava ser moderno, uma vez que a modernidade é definida por Antonio Rodrigues (1999) como sendo as experiências nunca antes vividas da mesma maneira. Porém, o processo de escravidão já havia sido vivido intensamente pelos negros, ao serem transportados da África para a Europa e depois para o Novo Mundo. Em outras palavras, ainda para Rodrigues, a modernidade é um período histórico que segue o medieval, mas não se pode tirar o direito de uma época de se sentir moderna a sua maneira no seu próprio tempo.

Para Horácio Antunes de Sant'Ana Junior (2004), as instituições e corporações econômicas passaram a compor sua faceta mais dinâmica para invadir e subjugar outras áreas, dominando-as e submetendo-as aos seus interesses e impondo novas relações políticas, novas práticas produtivas, novos padrões civilizatórios.

Pode-se dizer que cada sociedade ou civilização que sofre interferências do mundo moderno, ou ainda, que é invadida pela modernidade, reage de forma variada a invasão. A incorporação da Amazônia ao mundo moderno, desde o início, pressupõe recorrentemente a disputa de espaços territoriais com os indígenas que se combina, quase sempre, com as mais variadas formas de exploração de seus conhecimentos e força de trabalho.

As configurações identitárias e a descentralização social presentes durante a Modernidade também foram discutidas na monografia apresentada por Isac de Souza Guimarães Junior, à Universidade Federal do Acre.

Entretanto, como resultado de mudanças, em certa medida estruturais, nas instituições e nos valores das sociedades – mudanças essas iniciadas também na primeira metade do século XIX sob o impulso dos movimentos estéticos e intelectuais ligados ao Modernismo –, as identidades que garantiam a congruência entre as representações interiores dos sujeitos e a ordem social começam a se fragmentar, tornando-se descentradas. Dessa forma, a defesa do indivíduo possuidor de um “eu” coerente e unificado cede lugar a uma concepção de identidade em que coexistem várias configurações identitárias, algumas delas conflitantes ou mesmo antagônicas, outras mal resolvidas. (2006, p. 11)

Nestor Canclini (2006) afirma que a América Latina, obviamente incluindo a Amazônia, teve um modernismo exuberante com uma modernização deficiente, uma vez que a colonização se

deu por nações europeias também deficientes. As ondas de modernização no final do século XIX e início do XX, observadas em *Coronel de Barranco* na descrição da cidade de Manaus, são impulsionadas pelos intelectuais europeizados, pela contribuição de migrantes, entre outros aspectos.

Apreciando as edificações modernas, muitas delas inspiradas na arquitetura francesa, quando não eram cópia legítima de um prédio londrino.

Passando a pé pelas lojas elegantes, que exibiam nas vitrines os últimos modelos femininos de Paris, e o que se considerava de melhor em matéria de moda masculina na City.

E as ricas joalherias, arrumadas à maneira das que eu me habituara a ver na Rue Royale. (...)

(LIMA, 2002, p. 92)

O elegante Alcazar, teatro-miniatura que certo pródigo mandara reproduzir, numa grande praça, para capricho da amante, que não queria se desvincular completamente da atmosfera parisiense, onde ele a conquistara, num fim de espetáculo.

(LIMA, 2002, p.93)

Esses movimentos foram muito importantes para a formação das sociedades que aqui se consolidaram, mas não cumpriram as operações da modernidade europeia. Devido a essa modernização e democratização atingiram somente uma pequena minoria, não alcançando a população amazônica, que viveu em um sistema árduo, sendo obrigada a criar suas próprias possibilidades de sobrevivência.

No que diz respeito à organização do trabalho, as empresas estrangeiras financiavam os seringalistas que forneciam ferramentas e alimentos aos seringueiros, que deveriam pagar suas dívidas com a produção de borracha, cujo controle de preços era mantido pelo patrão. Este, por sua vez, cobrava caro pelo que vendia e pagava barato pelo produto. É importante não esquecer que a finalidade da produção no seringal era o lucro dos patrões e seus financiadores, à custa, é claro, da imposição de um regime rígido, às vezes torturante, realizado nos arredores da barraca do seringueiro. Conforme podemos observar na narrativa:

(...) o que menos tinha importância para o patrão devia ser, afinal, a produção da borracha.

Pois o que existia, dentro de cada seringalista, antes de tudo, e acima de tudo, era o proprietário de uma grande loja, o dono de um armazém de secos e molhados.

(LIMA, 2002, p. 164)

Euclides da Cunha, com sua visão determinista, foi um dos primeiros a identificar e denunciar o trabalho escravo nos seringais amazônicos. Para ele, o homem seringueiro vivia em uma forma criminosa de organização de trabalho. Percebe-se isso na passagem a seguir:

No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até ao Pará (35\$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150\$000). Depois vem a importância do transporte num *gaiola* qualquer de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é, na média, de (150\$000). Aditem-se cerca de 800\$000 para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um rifle (carabina Winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais. Aí temos o nosso homem no barracão *senhorial*, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um *brabo*, isto é, ainda não aprendeu o *corte* da *madeira* e já deve 1:135\$00. Segue para o posto solitário encaçado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses: 3 *paneiros* de farinha-d'água, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de charque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo e 20 gramas de quinino. Tudo isto lhe custa cerca de 750\$000. Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é o *brabo* canhestro, de quem chasqueia o *manso* experimentado, e já tem o compromisso sério de 2:090\$000. (1999, p. 13)

Seringalistas e financiadores – Casas Aviadoras – construíram um sistema que contribuía para a reprodução do capital e sustentação do poder do patrão seringalista. Esse sistema, conhecido como aviamento, era composto por: capital industrial-financeiro, casas aviadoras, seringalistas e seringueiros.

A Casa Aviadora surgiu relacionada ao processo de ocupação da Amazônia. Seus proprietários foram portugueses, criaram o termo aviador, que se referia àqueles que dependiam da empreitada de desbravar seringais. A princípio o negócio era arriscado, pois o fornecimento era efetuado mediante acordo verbal estabelecido entre o comerciante e o desbravador, pelo qual o seringalista ficava obrigado a entregar toda a produção conseguida ao seu financiador. A partir desse momento, todo trabalhador que pretendesse atuar na produção regional tinha que se submeter ao endividamento.

Os aviadores organizaram uma infra-estrutura capaz de implementar cada vez mais o comércio com os seringais. A eles interessava a venda das mercadorias porque quanto mais fizessem, maior seria a remessa em borracha que receberiam e, conseqüentemente, maior o lucro resultante da exportação para o exterior.

O aviamento consistia no fornecimento de mercadorias diversificadas em quantidades diversas, das Casas Aviadoras para os seringais. O pagamento da mercadoria era feito mediante entrega importada de toda a produção alcançada no decorrer do ano. O pedido do seringal era feito de modo que suprisse as necessidades de abastecimento no período do corte da seringueira, como também para pagar o adiantamento da mercadoria. O seringalista geralmente não comprava a dinheiro, recebendo, portanto um adiantamento.

A propósito, acho bom ires te acostumando à mentalidade deste pessoal. E trata de aprender isto. Aqui na nossa terra, julgam o sujeito pelo dinheiro que deve. E acham, mesmo que não digam claramente, que se o sujeito deve mil é porque tem crédito para três mil. Tu vais ter grandes surpresas sobre a vida comercial do Amazonas. (LIMA, 2002, p. 100)

Para os seringais, ainda no primeiro ciclo, vinham produtos de todo tipo, desde a agulha, a munição, o medicamento, o enlatado, a arma, a bebida, tudo de origem estrangeira. Essas mercadorias chegavam por preços bastante altos, mesmo que as Casas Aviadoras dispusessem de gaiolas, pequenos navios a vapor adaptados aos rios da região, que faziam a entrega diretamente nos seringais para depois retornar às suas origens, Manaus e Belém, carregados de borracha. De posse desse produto, as Casas Aviadoras o remetia para os grandes centros industriais, principalmente Inglaterra e Estados Unidos.

O seringueiro era obrigado a consumir os produtos que ficavam no barracão, pois fazia parte do regulamento do seringal. Para Euclides da Cunha, os regulamentos eram “dolorosamente expressivos” e permitiam o surgimento “de um feudalismo acalcanhado e bronco”. (1999, p. 14). Evidencia-se isto no romance, nas falas do narrador Matias Albuquerque:

Ficava obrigado a se aviar, exclusivamente, no armazém do seringal. Semanalmente, se o centro fosse perto. De quinze em quinze dias, se mais distanciado. E devia ficar sabendo que era considerado ‘crime’ tentar a aquisição de mercadorias em turco de regatão, a quem também não podia, em hipótese nenhuma, vender qualquer quantidade de seringa, por menor que fosse. Multa para a desobediência: cem mil réis. (LIMA, 2002, p. 152)

Durante o período da *Belle Époque*, nada parecia abalar a idéia de que a riqueza seria eterna. Mas a presença de Henry Wickham e o contrabando das setenta mil sementes da árvore da seringueira – um dos principais temas abordados por Cláudio de Araújo Lima em *Coronel de Barranco* – propiciaram, em poucos anos, a queda da venda da borracha na Amazônia, devido à maior produção de borracha nos seringais de cultivo das colônias inglesas.

As sementes foram espalhadas posteriormente por todo o sudeste asiático e com os preços mais baixos. Em 1912, a borracha asiática ganha mercado, enquanto a borracha brasileira começa a despencar e em 1926, começa a falência, uma vez que o Brasil ocupava somente 5% do mercado internacional. A decadência da revolução da borracha destruiu os grandes empresários, os coronéis de barranco da época que concentravam seu capital no “ouro negro”. O narrador de *Coronel de Barranco* afirma que: “A borracha silvestre, no ano de 1913, em vez das quarenta e duas mil toneladas do ano anterior, caíra a trinta e nove mil apenas. E a do Oriente, primeira vez, esmagava a nossa”. (LIMA, 2002, p. 291).

O período conhecido como *Belle Époque* abrange os anos aproximadamente de 1880 a 1910. Período áureo do ciclo da borracha vivido pelas sociedades amazonense e paraense. Época em que a sociedade amazônica vivia um fausto e sofria uma forte influência francesa. Corresponde a um tempo caracterizado pelo crescimento econômico, avanço das técnicas no território e também pelo aumento dos males sociais nas cidades de Belém e Manaus. Segundo Ana Maria Daou, a *Belle Époque* representava o esplendor da sociedade da época:

A ‘bela época’ é a expressão da euforia e do triunfo da sociedade burguesa no momento em que se notabilizaram as conquistas materiais e tecnológicas, se ampliaram as redes de comercialização e foram incorporados à dinâmica da economia internacional vastas áreas do globo antes isoladas. (2004, p.7)

Esse período permite as transformações urbanísticas, a partir de 1890, nas capitais das províncias do Pará e do Amazonas. A atuação das elites alterou de forma marcante a situação da Amazônia brasileira. Com o final do século XIX, a borracha é incorporada como matéria-prima da economia industrial, devido às novas técnicas aliadas a incorporação de fontes de energia e materiais, o que foi responsável pela visibilidade da Amazônia durante a chamada *Belle Époque*. Para Daou, a economia da borracha é responsável pela aproximação da sociedade burguesa amazônica a européia:

Foi a economia da borracha que facultou às elites das duas províncias (a do Amazonas e a do Grão-Pará) uma aproximação social e cultural com a Europa, já de muito cultivada: orgulhavam-se da riqueza promovida pela floresta – o monopolizado pela produção amazônica que os conectava, afinal, com o que havia de mais expressivo das conquistas do século XIX. Era um salto qualitativo para aqueles que, há pouco mais de três décadas, queixavam-se do isolamento e clamavam pelo comércio entre os povos. (2004, p. 21)

A sociedade amazônica comportava-se sob influência européia. As pessoas estavam sempre na última moda francesa, os homens usavam até fraques e cartolas. Nas casas de família havia sempre um piano, tocavam-se hinos patrióticos. As cidades eram imponentes, com longas avenidas arborizadas com mangueiras frondosas, numerosas praças públicas e iluminação a gás. Belém possuía praças ajardinadas, edifícios de administração pública, muitas escolas, hospitais, asilos, entre outros. Porém, Manaus era considerada a capital da borracha, pois foi durante o primeiro ciclo que a cidade ganhou visibilidade, projetando-se internacionalmente como uma cidade “moderna”, dotada de sofisticados meios de transporte e comunicação.

Ana Maria Daou (2004) afirma que o estilo das casas e a disposição dos jardins e pomares expressavam a diversidade das origens dos que ali viviam. Alguns eram ingleses, outros

americanos, libaneses. Enfim, muitos foram os estrangeiros que aqui chegaram por causa do mercado promissor da borracha e deixaram seu importante legado para a Amazônia.

Ainda no pensamento de Daou, Manaus, no início do século XIX, foi repensada para ser uma cidade não somente instrumento de ação sobre o espaço, mas para ser artifício para a consecução de uma nova sociedade.

A Manaus modernizada atendia particularmente aos interesses da burguesia e da elite ‘tradicional’, vinculada às atividades administrativas e burocráticas. Foram implantados vários serviços urbanos: redes de esgoto, iluminação elétrica, pavimentação das ruas, circulação de bondes e o sistema de telégrafo subfluvial, que garantia a comunicação da capital com os principais centros mundiais de negociação da borracha. (2004, p. 36-37)

O que havia antes desse período na Amazônia, nada mais era do que a expectativa do uso das riquezas da floresta ou a possibilidade de exploração agrícola da Amazônia, nada comparado a efervescência social, que a economia gomífera promoveu, modificando assim a sociedade amazônica.

As artes também foram favorecidas com a inauguração do Teatro da Paz, em Belém, no ano de 1878; e o Teatro Amazonas, em Manaus, em 1896, sendo essa a obra arquitetônica mais significativa do período áureo da borracha e principal patrimônio artístico cultural da região. Esses teatros propiciavam novas manifestações artísticas: operetas, zarzuelas e, posteriormente, os espetáculos cinematográficos.

Afastados da cidade estavam os seringais, fonte essencial para os negócios não apenas por fornecerem a borracha, mas por serem abastecidos com gêneros alimentícios, bens de consumo e os poucos instrumentos de trabalho utilizados pelos seringueiros.

Os seringais e seus trabalhadores eram expressão tanto da ampliação das bases geográficas da economia europeia do final do século XIX, quanto da ampliação generalizada do consumo que a economia industrial da *belle époque* engendrou. Como fregueses, garantiam, nos recônditos seringais amazônicos, o significativo aumento do consumo de bens produzidos pelas indústrias europeias e americanas. As variadas origens dos produtos disponíveis nos barracões (...) noticiam o pluralismo da economia industrial ou a diversidade do modo como se davam as diferentes presenças estrangeiras no contexto amazônico da *belle époque*. (DAOU, 2004, p. 63)

Nesse exaustivo mais importante capítulo, tentamos contextualizar para nosso leitor o clima histórico-sócio-cultural em que surge o romance *Coronel de Barranco*, de Cláudio de Araújo Lima, enfocando essencialmente aspectos relevantes do processo de invenção que foi a ocupação da

Amazônia do séc. XVI até o início o XX, sempre revelando a região como um lugar exótico, manancial de inesgotável riqueza e mistério.

2.1 – Mudanças de paradigmas

“A Amazônia vai aprendendo a adquirir sua identidade por meio dos fragmentos deixados por todo esse encontro de vozes”.

João Carlos de Carvalho

Como vimos, o romance *Coronel de Barranco*, do brasileiro Cláudio de Araújo Lima, transcorre na Amazônia do final de século XIX e início do século XX, período áureo do ciclo da borracha. Caboclos e nordestinos dividem o mesmo espaço que sofre forte influência europeia na arquitetura, nos hábitos e costumes do povo da época.

O livro apresenta personagens híbridas que habitam o entrelugar, as frestas de uma sociedade em formação/transformação; estão em local de passagem porque vêm para Amazônia com o objetivo de ganhar dinheiro, fazer fortuna, sem a intenção de se estabelecer na região. A Amazônia não é local para reviver o sonho alimentado no rincão nordestino; o pedaço de terra própria, a lavoura, as galinhas soltas no pasto, as cabeças de gado, a ânsia de paz ao lado de uma cabocla vendo os filhos crescer. As personagens em foco, nesse estudo, ultrapassam as fronteiras não somente do espaço, mas da vida e enfrentam a Amazônia com força, determinação e coragem.

O homem sabe que está de passagem. Numa transitoriedade que, só ela, é capaz de ajudá-lo a suportar a vida.

Tem a plena certeza de que jamais criará raízes e assentará o chão de um lar.

Tudo se resume em suportar a monotonia dos dias que passam, no ermo de uma floresta fechada, onde só a custo conseguem, a golpes diários de terçado, manter meio aberta a picada que palmilham duas vezes por dia, para extrair o leite que imaginam ser um dia a moeda de sua alforria. (LIMA, 2002, p. 223)

Será feita uma breve retrospectiva sócio-cultural da trajetória das personagens desde seus locais de origem, colocando em foco, a princípio, os nordestinos e o processo de adaptação deles na Amazônia. No começo do século XIX, tem início a migração nordestina para a Amazônia, que serviria como mão de obra para a extração do látex a ser exportado para a Europa, depois para os Estados Unidos.

Migrar é, em última instância, dizer não à situação em que se vive. É pegar o destino com as próprias mãos, resgatar sonhos e esperanças de vida melhor ou mesmo diferente e lançar-se no mundo, corajosamente. Migrar, pois, surge como possibilidades de descobertas do Outro. O problema da migração consiste, basicamente, na negação da condição de sujeito, despindo-o de uma vontade própria. Migrar pode ser entendido como estratégia não só para minimizar as penúrias do cotidiano, mas também para buscar um lugar social onde se possa driblar a exclusão pretendida pelas elites brasileiras através de seus projetos modernizantes. Essa é mais uma forma de

resistência, não só a exploração e dominação existentes no local de origem, mas também uma forma de exercer o desejo de mudar, de não se conformar.

Essa gente é transportada em embarcações precárias, amontoada a animais e outras mercadorias, sem o menor conforto, lembravam os navios negreiros, mas ao mesmo tempo estavam cheios de expectativas e ricos em lembranças da vida deixada na terra natal. Portanto, situação muito semelhante àquela descrita por Gilroy em *Atlântico Negro*, resguardadas às especificidades de cada contexto, ambos, negros africanos e nordestinos seguiram através do mar/rio rumo aos seus destinos miseráveis e, cada um a seu modo e no seu tempo, conseguiram superar-se através da negociação com o Outro, impondo sua cultura. Cláudio de Araújo Lima traça um retrato tranqüilo dessa viagem pelo rio Negro, quando diz:

(...) falavam sempre em voz alta. Discutindo assuntos de suas localidades. Pilheriando uns com os outros. Trocando confidencias em grupos de dois ou três. Contando bravatas de cangaceiros. Colorindo histórias de milagres. Remoendo saudades de namoradas deixadas por lá, à espera de casamento. (LIMA, 2002, p. 117)

O cenário das viagens já era indício das dificuldades que estariam por vir em terras amazônicas e do tratamento sempre desdenhoso e desacreditado que receberiam dos coronéis de barranco. Cláudio de Araújo Lima demonstra com precisão o ambiente em que se encontravam os nordestinos, descrevendo cada espaço ocupado ora por seres humanos ora por animais e outras mercadorias nesses gaiolas e/ou navios.

Marcados com o nome de Fé em Deus, os homens e animais se misturavam como mercadorias.

Nos amplos porões, e na maior parte do primeiro convés, que ficava a um metro, se tanto, do nível das soturnas águas do Rio Negro, amontoava-se a carga marcada com o nome do ‘Coronel Cipriano Maria da Conceição’.

O destino escrito em barro: ‘Fé em Deus’.

Caixas e mais caixas. Frescos e latões. Pacotes de diferentes tamanhos e pesos. Volumes com ferramentas. Amarrados com latas de querosene. E muitos garrafões de aguardente, material que o encarregado da arrumação tinha o cuidado de manter longe das máquinas, já a queimar lenha e soltando fagulhas para todos os lados.

(...) E de mistura com ele, como se fora mero acréscimo da abundante carga, uma leva de cearenses, quase só composta de homens.

Sessenta ou setenta cabeças de gado humano, levado por vários proprietários, que reforçavam seus rebanhos de quando em quando, à proporção que os preços da borracha subiam. Novos braços para o ‘fábrica’, assim mesmo no proparoxítono, como se dizia no linguajar específico da extração de seringa. (LIMA, 2002, p. 103)

Esses homens nordestinos traziam consigo o sonho do *Eldorado* em suas mentes e corações. Dentre eles, o narrador destaca José Maria Silvino – o Joca – que saiu de um lugar árido, marcado

pela seca, falta de trabalho e a conseqüente escassez de alimentos para um território desconhecido, hostil, isolado – de águas profundas e misteriosas. Para Joça, o deslocamento constitui-se em algo brutal e marca definitivamente sua identidade, chegando de fato a promover uma cisão, uma fratura em relação aos valores sócio-culturais já internalizados desde seu nascimento em uma região seca e de difícil trabalho:

— A gente sai do Ceará por causa da seca e vem pegar pelas trombas um aguaceiro desses. É uma desgraça mesmo a vida da gente. (LIMA, 2002, p. 207)

Esfregando as mãos, a tremer de frio, mal protegidos pelas camisas de pano leve, contavam a devastação que os atingira. (LIMA, 2002, p. 207)

Durante seis ou sete dias, sem que a friagem parasse, continuavam a chegar seringueiros, convergindo dos vários centros. Na maioria, em busca de medicamentos, de roupas, de comida. (LIMA, 2002, p. 208)

Nesse contexto, o nordestino é escravo, é o homem mercadoria, passível de negociação. Paradoxalmente, o processo capitalista que marca a modernidade na Amazônia, escraviza o homem, reiterando o dizer de Euclides da Cunha (1999), que afirma que o homem seringueiro trabalha para escravizar-se. Apesar dessa situação, ele consegue sobreviver, fincando novas raízes com o lugar. A seguir, destacamos um trecho do trabalho de Sant’Anna Júnior informativo sobre o processo de modernização no mundo na virada do séc. XIX para o XX:

(...) o projeto moderno é caracterizado por uma permanente contradição entre autonomia e controle ou entre habilitações e constrangimentos, rejeitando concepções dicotômicas da modernidade que a interpretam a partir da ênfase exclusiva em um ou em outro pólo. Outra idéia chave é a concepção das relações sociais modernas como sendo marcadas por desigualdades profundas entre pessoas, grupos ou classes que, ao desencadearem práticas distintas e enformadas por desejos e interesses diferenciados e confrontantes, produzem situações nas quais encontramos um diferencial de poder que atua como motor nas mudanças institucionais. (SANT’ANNA, 2004, p. 68).

Um olhar crítico facilmente subverte a ordem de inferioridade sempre atribuída aos seringueiros. Muda-se a formulação desse esquema interpretativo, fugindo do velho esquadro maniqueísta e observa-se o quanto há de força, de determinação e astúcia nos “brabos”, principalmente, em Joca. Cabe a ele desmontar-se para reconstruir-se não mais em um “lugar fixo”, central, mas no entrelugar, ou seja, na fronteira de dois territórios diferenciados – o nordeste como território estigmatizado pelo clima seco – e a Amazônia – território marcado pelos rios caudalosos, pela chuva, pelo excesso de vegetação. Olhando por esse viés, Joca e seus companheiros re-significam suas vidas e conseguem sobreviver enquanto outras personagens, como o coronel

Cipriano que, ao final da narrativa, após matar Conchita – prostituta com quem tivera um “caso amoroso” –, é visto descalço vendendo mercadorias de casa em casa, sucumbindo ao caos social que transformara em definitivo as cidades de Belém e Manaus após a derrocada da borracha na Amazônia. Matias Albuquerque assim se refere ao ex-seringalista:

... Porque a Casa Flores, então sob novo comando, informara-me que Cipriano se evadira da Penitenciária, antes de cumprir totalmente a pena. Ao passo que o meu amigo do banco, doente e envelhecido, me contara ter a impressão de haver visto Cipriano, uma tarde, maltrapilho e descalço, com uma bacia de folha à cabeça, apregoando miúdos de boi, de porta em porta da Rua Dr. Moreira. E até houve outra pessoa, antigo porteiro da Pensão Floreaux, agora garçom do Leão de Ouro, que me assegurava ter sabido da morte na Santa Casa, do antigo potentado do seringal ‘Fé em Deus’. (LIMA, 2002, p. 366).

Nessa história, percebe-se que a vida dos seringueiros foi acima de tudo marcada pela luta e superação, diferentemente do final trágico que marcou a vida de Cipriano. Aldrin Moura de Figueiredo aponta para a possibilidade da não-resignação por parte de seringueiros da Amazônia, dizendo:

O certo é que não dá para acreditar que os seringueiros aceitaram passivamente a idéia de que eram escravos de um contrato firmado com os seringalistas – um contrato que impunha a disciplina e deixava aos trabalhadores unicamente o caminho da obediência e da resignação. (1997, p. 16)

Os nordestinos logo na chegada ao seringal Fé em Deus, comandado pelo coronel Cipriano, percebem as dificuldades que seriam encontradas nessa nova terra desconhecida e cheia de desafios. É preciso se readaptar a um novo estilo de vida, pois na Amazônia eram obrigados a aprender a caçar, pescar, atirar, entre outras coisas, antes desconhecidas e desnecessárias para a vida no sertão nordestino.

Entregaram-lhe a machadinha. O facão. E mais o resto do material básico: garfo, colher, caneca, prato, panelas. Afinal, um rifle com duzentas balas.
 __ Coronel, me desculpe, mas que é isso?
 __ Nunca viu? Ou será que está pensando que é um maracá?
 __ Queria só saber, me desculpe, para que tanta bala?
 __ Não é pra matar passarinho, não. Ou vai querer enfrentar onça e índio, só mostrando a mão, como padre pra espantar o demônio?
 Joca ficou meio desajeitado e confessou:
 __ Coronel, é que eu nunca dei tiro, não. Não sei nem pegar em espingarda.
 (LIMA, 2002, p. 149)

A ausência de educação no Brasil, na virada do século XIX para o início do séc. XX é gritante, e o personagem Joca comparece à narrativa como um sujeito analfabeto que vem do nordeste para a Amazônia na esperança de uma melhor condição de vida, para então retornar ao Ceará e prosseguir com a vida, casado e com filhos. Ao chegar ao seringal descobre que a vida será

mais difícil do que ele imaginava. É o que se observa na seguinte passagem: “A gente está pensando que é melhor morrer na seca do Ceará, do que ficar nessa porqueira”. (LIMA, 2002, p.183).

A superação do nordestino em lugar desconhecido consiste ainda na criação de estratégias de organização de trabalho e de sobrevivência na mata. Revelando uma força extraordinária, conseguiam superar o frio, a solidão, as doenças e todos os desafios da floresta. Outro problema para o seringueiro era o excesso de água, pois os nordestinos saídos de uma terra seca e hostil não estavam acostumados com uma terra tão molhada como a Amazônia, além de um clima tão peculiar, que alternava fases de muita chuva e fases de estiagem e frio.

Os sete dias de friagem perturbaram profundamente a vida no seringal. Inúmeros seringueiros haviam adormecido, com resfriados de maior ou menor gravidade.

A produção praticamente paralisava. Inclusive porque muitos homens tiveram suas barracas arrasadas pelo vendaval e a chuva torrencial. (LIMA, 2002, p.210)

___ A água não é nada. Podia até vir o dilúvio, que eu nem ligava. A desgraça é não ter com quem falar. Tem vez que eu tenho até medo de ficar mouco de uma vez. (LIMA, 2002, p.224)

(...) eu tive muita febre esta semana inteira. (LIMA, 2002, p.230)

___ A sezão me pegou outra vez. (LIMA, 2002, p.231)

Os seringueiros sofriam com os resfriados e com todas as doenças provenientes da vida na floresta. Para combatê-las, precisavam da ajuda dos autóctones que os ensinavam a usar remédios extraídos da mata. Nesse momento, entrava em cena na narrativa literária a sabedoria do caboclo, depois explorada pelas indústrias farmacêuticas internacionais figurando ainda como matéria das narrativas literárias. Eles eram atacados pelas doenças, principalmente, a sezão, entre outros motivos, pela má alimentação. Isso fazia com que perdessem a imunidade, tornando-se frágeis a aquisição de doenças. As doenças só eram erradicadas quando os seringueiros passavam a se alimentar melhor devido à queda da borracha e não mais necessitassem comprar os produtos no barracão. É o que observa o narrador Matias no trecho a seguir, que aborda com propriedade a questão:

Algo ainda, que só muito mais tarde eu viria a compreender, lendo comentários de uma revista francesa sobre a importância das vitaminas na alimentação, que se revolucionara naqueles confins. Desde que os seringueiros receberam permissão para plantar suas roças, para comer carne fresca de peixe ou de caça, o que lhes fora sempre vedado, pela obrigação de se alimentarem, exclusivamente, de conservas compradas no armazém do seringal.

E com isso, em breve prazo, a total liquidação do flagelo que antes representava por lá a beribéri, causa aniquiladora de tantas vidas no tempo da grandeza. (LIMA, 2002, p. 352)

A religião também era uma das formas que os nordestinos encontravam para superar os problemas no seringal. Essa é uma das características do nordestino que está diretamente ligada com a questão cultural, econômica e política, uma vez que as dificuldades levam a necessidade de recorrer às forças superiores. Para Barros (1991), essa busca reforça um processo de fuga alienante e de libertação, pois as pessoas querem encontrar uma saída para a pobreza, a opressão, o sofrimento, a exclusão. Elas investem na religiosidade como esperança de transformação do mundo, como o caminho para alcançarem o que desejarem.

Tenho fé em Deus e em Nossa Senhora de Nazaré, que o vapor da linha vai afundar, e o peste vai ser comido pelas piranhas e pelas piraibas. Se Deus quiser. E aí, a gente vai fazer uma festa, hein, seu Antoninho? (LIMA, 2002, p. 186)

__ Joca não é nome de gente. Não foi batizado?

__ Batizado e crismado, graças a Deus. (LIMA, 2002, p. 148)

As crises existenciais, decorrentes da solidão enfrentada por seringueiros faziam-nos fortes diante das adversidades provocadas pela ausência de uma companheira para conversar, dividir as agruras do cotidiano e saciar os desejos da carne. Diante do marasmo em que se encontravam, criavam sua própria forma de se comunicar e suprir seus desejos, como podemos observar no trecho a seguir descrito:

__ Eu falo sozinho pra burro. Senão acabo perdendo a fala. Só ouvindo cantoria de passarinho, gemido de sapo-boi? Não. Eu me dano a cantar, discuto com as madeiras, digo nome feio, xingo as tigelinhas quando um cai da mão. Bato boca o dia inteiro sem parar. (LIMA, 2002, p. 224)

(...)

Arranjou um papagaio no mato. Ensinou o bicho a falar, e ele fala que só vendo. Outro dia, eu apareci lá na barraca dele e, quando ia chegando perto, comecei a ouvir uma conversa enrolada. Pensei que era índio. Fui chegando devagarzinho, meio desconfiado. Nada. Era o Elpídio conversando com o papagaio. (LIMA, 2002, p. 224)

Longe de casa, eles precisam também aprender a “se virar” sozinhos, como dissemos, encontrar suas estratégias de superação. Havia um contrato para a adaptação na vida ao seringal. Era preciso seguir as regras dos seringalistas, caso quisessem permanecer muito tempo nas colocações¹⁴.

__ Desculpe, seu moço, mas amanhã não vai ter janta?

__ Janta? Janta, você vai se arranjar sozinho amanhã. Depois do almoço, já vai pro centro, começar a aprender a viver por sua conta. (2002, p. 151)

De tudo quanto lhe era dito, o brabo precisava se inteirar, antes de mais nada, de que ficava expressamente proibido de plantar. Nada de fazer lavoura. Nem de caçar ou pescar. Tinha de consagrar o tempo do trabalho, numa faixa média diária

¹⁴ Colocação é o local onde os seringueiros viviam e trabalhavam para produzirem a borracha.

de doze horas, somente a extração da borracha, conforme as instruções que receberia oportunamente. Ficava obrigado a se aviar, exclusivamente, no armazém do seringal. Semanalmente, se o centro fosse perto. De quinze em quinze dias, se mais distanciado. E devia ficar sabendo que era considerado ‘crime’ tentar a aquisição de mercadorias em turco de regatão, a quem também não podia, em hipótese nenhuma, vender qualquer quantidade de seringa, por menor que fosse. Multa para a desobediência: cem mil-réis. (2002, p. 152)

Em várias ocasiões, o leitor perceberá Joca afirmar que sairá “desta porqueira (o seringal) nem que seja morto” (2002, p.187), passado algum tempo de muito trabalho, ele consegue deixar o seringal Fé em Deus. Emociona-se ao sair de lá e reage misturando a alegria de quem vai e a saudade de quem fica: “Seus lábios tremiam. E lágrimas corriam, ao mesmo tempo que ria, nervosamente”. (2002, p. 272). Mas retorna e permanece lá até sua morte.

Esse atavismo de Joca com o lugar, essa pertença forjada na luta pela sobrevivência no interior das matas não o deixará partir em definitivo para o Ceará, sonho que acalentava desde sua chegada ao seringal Fé em Deus. Com efeito, após conseguir o sonhado saldo no barracão, é flagrado por Matias Albuquerque na situação a seguir descrita:

E cheguei a porta do Cassina, num último olhar sobre a bela Praça da República, esperando a carruagem que nos levaria. Quando ouvi pronunciar meu nome, quase cochichadamente.

__ Seu Albuquerque.

Cheguei a pensar que ouvia errado.

__ Não conhece mais os pobres?

Ali estava Joca, em fatiota branca, engravatado, anel no dedo e chapéu-do-chile.

__ Você está que nem um dono de seringal. Quase que nem te reconhecia. Mas ainda por aqui? Meio ressabiado, começou a contar suas aventuras:

__ Também andei de francesa, seu Albuquerque.

__ Então já pode ser chamado de Coronel ... Coronel Joca.

(...)

__ Será que vai se estabelecer?

__ Não Senhor... Acabou o cobre... E eu vim falar com o senhor ... Eu queria voltar pro ‘Fé em Deus’. (LIMA, 2002, p. 289-290)

Ao optar pelo retorno ao Fé em Deus, Joca demonstra que enfim encontrou seu lugar, nessas frestas, nesse entrelugar construído com seu corpo, seu suor e lágrimas. Matreiro e sempre bem humorado, a personagem satiriza suas fragilidades, ri das situações adversas, encontrando sua forma de viver, sempre muito particular nessa parte dos trópicos. É descrito pelo narrador Matias Albuquerque como alguém de humor amargo e ao mesmo tempo pilhérico, fato que o singulariza como personagem central no Seringal Fé em Deus. Ele sempre ironiza as dificuldades e ridiculariza o Coronel do seringal onde trabalha. “__ Depois da doença, fiquei assim. Uma fome do diabo, que eu só penso em comer a toda hora. Sou capaz de comer até o Cipriano, assado na brasa”. (LIMA, 2002, p. 185).

Apesar de toda a dificuldade de adaptação enfrentada na região amazônica, o nordestino sempre superava as dificuldades diárias, através de negociações que fazia com o lugar. Demonstrava sempre o orgulho de ser cearense. Joca falava: “Eu sou é cearense. Não sou caboclo mole do Amazonas, não”. (LIMA, 2002, p. 172). Dizia ser corajoso e sentia-se honrado por isso. Alimentava-se sempre de boa esperança que compartilhava com seu companheiro de colocação – o Quinquim. Assim como todos os nordestinos, não gostava do excesso de água e nem do período da friagem, pois não estava acostumado com isso.

Esfregando as mãos, a tremer de frio, mal protegidos pelas camisas de pano leve, contavam a devastação que os atingira. (LIMA, 2002, p. 207)

Durante seis ou sete dias, sem que a friagem parasse, continuaram a chegar seringueiros, convergindo dos vários centros. Na maioria, em busca de medicamentos, de roupas, de comida. (LIMA, 2002, p. 208)

Ao contrário de Joca, que é estrangeiro na Amazônia, migrante originário do Nordeste brasileiro, Inácio é caboclo, nativo da terra, portador de uma sabedoria local que o diferenciava dos demais. O nativo se revelará um sujeito fraterno, possuidor da capacidade de doar, enquanto o migrante estrangeiro, a princípio, apenas possui o interesse de ganhar e acredita estar na Amazônia de passagem: “Um soldado das hastes de Plácido de Castro, que aparecera no seringal, um ano após terminar a revolução, pedindo abrigo e trabalho, bastante deteriorado pelo álcool”. (LIMA, 2002, p. 133)

O estrangeiro depende da orientação do autóctone para garantir sua sobrevivência. Segundo Jorge Larrosa, “estrangeiros são seres obscuros e sempre enigmáticos que não podemos ignorar tão facilmente e cuja presença provoca reações, às vezes, contraditórias e inquietantes”. (2002, p.70). Mas ele diz ainda que “não podemos nos assustar ao encontrar com o estrangeiro, pois nós também somos estrangeiros”. (idem, p.69). No caso, Inácio possui conhecimento de tudo que diz respeito a sua terra, conhece a gastronomia, o clima, os costumes, os hábitos, as matas, as encantarias e mistérios da Amazônia. Mesmo assim, ainda se sente estrangeiro e recusa-se a se adaptar ao novo estilo de vida imposto pelo seringalista, ávido por grande quantidade de pélas da borracha.

Maneco e Inácio, nascidos e criados na região, garantiam que a grande enchente estava por pouco. (LIMA, 2002, p. 165)

— Ah. Foi uma jabota que o Quinquim pegou aí no mato, ontem. Olhe só o tamanho dela. E foi preparada com todo capricho, jogando a bicha pro ar três vezes. Como o Inácio ensinou. (LIMA, 2002, p. 184)

(...) Vai ser uma maniçoba de arreentar tripa, que eu também aprendi com o Inácio. (LIMA, 2002, p. 185)

Inácio, como nativo que é, aprendeu muito cedo a conviver com as dificuldades de seu ambiente e concebe seus problemas de modo diferente ao do estrangeiro. Inserido na floresta, ela

lhe impõe algumas privações, mas proporciona também inúmeras vantagens. É nela que ele trabalha, pesca e caça apenas para sua subsistência. Não acredita ser necessário tanto esforço e sofrimento para sobreviver e, nesse sentido, revela-se como um sujeito à margem do processo capitalista que move os demais personagens, especialmente os estrangeiros que seguem para a região com um projeto de enriquecimento. Porém, o seu modo de pensar e agir é interpretado pelos seringalistas como sendo preguiça e falta de disposição para o trabalho. É o que se observa na fala do Coronel Cipriano:

O senhor vai aprender com o tempo, caboclo aqui do Amazonas não tem tutano para enfiar a cara na mata. Só quer viver em beira de lago e de rio, pescando. Coisa de cabra preguiçoso. Só o senhor vendo, um peste desses é capaz de ficar uma porção de tempo parado que nem uma estátua, esperando a hora de sapecar o arpão em cima dum peixe-boi. Mas bota o safado pra cortar seringa. Pois sim. Isso é coisa pra cearense, cabra safado de ganância, mas bom na machadinha. (LIMA, 2002, p. 134)

O caboclo Inácio interage com o rio que o cerca, o que será abordado amplamente no capítulo 3 do presente trabalho. Para o nortista, o rio que provoca a enchente e acarreta muitos infortúnios é também o elemento que lhe fornece a alimentação e o transporte. Tomando como base o dizer de Leandro Tocantins: “Os rios são estrada obrigatória, entrada para a conquista do deserto verde” (1982, p. 7).

O caboclo Inácio vive na imensidão e solidão da selva, totalmente esquecido do restante da nação. A cada dia enfrenta um desafio pela sobrevivência, fugindo constantemente da fome e das doenças, mas não do seu lugar, pois nele há a esperança de uma vida melhor.

Analisando essas personagens a partir dos Estudos Culturais, enfoca-se a diferença dentro de cada uma delas. Para Tomaz Tadeu da Silva (2000), a análise da diferença ajuda também na compreensão da identidade. “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas da exclusão social”. (2000, p. 39).

Nos corpos dessas personagens existem marcas da diversidade em relação ao lugar. Esses estudos também são orientados pela hipótese de que entre as diferentes culturas existem relações de poder e dominação que devem ser questionadas.

A Amazônia é local de novas relações identitárias – transitórias, portanto marcadas pelo nomadismo sempre, que se deixam interpenetrar pela pluralidade de diversos cruzamentos culturais. Segundo Stuart Hall (2004), mesmo que se tenha forte relação com seu lugar de origem, ao ultrapassar fronteiras, as pessoas perdem diversos vínculos com seus lugares e suas tradições, obrigando-se a negociar com as culturas a que se agregam. Isso é o que acontece com os

nordestinos quando chegam à floresta amazônica. Ao preservar traços fundamentais como linguagem e histórias particulares do passado, o sujeito busca também se proteger da assimilação unificadora e homogeneizante do seu novo “lugar”.

A selva é traduzida no romance em estudo com toda sua cor, ardor e totalização, porém a Amazônia é vista, também, como um lugar que pode moldar o percurso humano e reformular suas concepções de mundo. Disso resulta a construção de personagens híbridas, fronteiriças que oscilam entre o trabalho e a marginalidade em busca de sua autodefesa.

Joca mente e engana o Coronel Cipriano, rompendo as regras do seringal, ao caçar e plantar, em benefício próprio. O mesmo faz Inácio que bebe excessivamente, caça e pesca contra as ordens de Cipriano, afastando-se da escravização do trabalho no corte de seringa. Porém, mesmo assim ele não perde o contato com sua gente e nem o conhecimento de onde mora. Produz a partir da construção de redes de trocas, da estruturação de forças comunitárias sempre renováveis.

Através dessas redes de troca e negociação, os seringueiros encontram suas formas de vencer a árdua vida a que são submetidos em nome do trabalho e da sobrevivência. Uma dessas formas é tentando aumentar o saldo da seringa, misturando objetos à borracha durante a sua coagulação.

Misturando tudo que o senhor imaginar. Metendo pedaços de sernambi entre as camadas de fina, enquanto faz a coagulação. Calhaus que ache perto de um igapó. Pedaços de latas de conserva bem amassadas. Qualquer cabo de colher imprestável, ou resto de machadinha quebrada durante o trabalho. Tudo, tudo capaz de aumentar o peso, seringueiro aproveita para enxertar nas peles durante a defumação. (LIMA, 2002, p. 122)

O homem, em busca de satisfação de suas necessidades como alimentação, abrigo, segurança e trabalho, organizam coletivamente, negociam com o lugar, perfazem um trajeto de reterritorialização no sentido de preservar-se a si na esperança de retornar aos lugares de origem, alguns. Outros, por opção, resolvem fincar suas raízes na Amazônia, recriando-a simbólica e sistematicamente:

Porque essa transitoriedade (...) era a marca da existência naquelas paragens, onde se chegava já numa busca obsessiva de juntar dinheiro, contando as horas pelos mil-réis de lucro, com a idéia de não permanecer. Um dia-a-dia com o pensamento voltado para a sonhada data de partir, de vez. Sensação de efêmero, que ia desde o endinheirado proprietário, quase sempre com o pouso fixo em Manaus, até o último seringueiro, que deixara noiva, ou mulher com filhos, à sua espera, em qualquer desvão do sertão nordestino. (LIMA, 2002, p. 130)

O registro dos percursos desses personagens é relevante para que se explicitem as lutas pela sobrevivência, o enfrentamento das dificuldades em meios adversos, as condições e representações dos migrantes e os fatores que impulsionam os deslocamentos sucessivos. Os espaços recriados

correspondem não só ao processo de fragmentação dos migrantes, mas também às diferentes posições ocupadas por eles nesse espaço recriado com muita imaginação.

Os “estrangeiros” se confundem e/ou se misturam aos autóctones e lá introduzem os seus “dizeres” e os seus “fazerem”. Negociam sempre, mantendo uma relação amigável entre si, enfrentando juntos as adversidades e colaborando mutuamente uns com os outros, criando, a partir da margens, uma rede “invisível” de poder na Amazônia, a partir dos compadrios.

Apenas aparentemente antagônicos, na realidade o nordestino Joca e o caboclo Inácio tendem a se apoiar nos valores da terra, buscando adequar-se ao novo ambiente marcado pela corrida sem freios em busca do látex, corrida mobilizada pela ação sem limites do capital internacional em plena floresta amazônica. Joca precisa se adaptar à nova terra e Inácio precisa se readaptar às novas formas de trabalho e de sobrevivência no seringal. Ambos rompem, como assegura Stuart Hall (2004), com a constituição de identidades fixas, uma vez que as personagens em foco são obrigadas a se reconstruírem sempre, por meio de inúmeras negociações, na intenção de lançar-se a novos desafios.

A relação marcante entre os homens da terra e os homens de “fora”, evidencia-se em muitas passagens durante o enredo de *Coronel de Barranco*, mas atinge sua culminância na cena em que Joca morre. Todos do seringal compadecem-se do destino do cearense; unem-se em volta de seu corpo, emocionam-se e choram, consolando uns aos outros pela perda do companheiro. A emoção dos seringueiros surpreende até o narrador Matias Albuquerque. “Então, vivendo um dos momentos de maior surpresa na minha experiência de vida naqueles confins, vi duas lágrimas escorrerem pelo rosto duro do duro Maciel”. (LIMA, 2002, p. 333)

Por fim, através dessa breve consideração observa-se como as velhas e estabilizadas identidades estão em declínio, fazendo surgir as novas identidades fragmentadas e não unificadas, vistas como parte de um processo mais amplo de mudança que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades capitalistas. Confirma-se aqui o pensamento de Hall, quando ele diz que:

(...) à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (2003, p.13).

Como se trata de um tema vasto, apenas tecemos alguns fios dessa intrigante questão, reconhecendo as lacunas de nosso trabalho. Em razão disso, registramos nosso compromisso em continuar o debate em trabalhos posteriores, aprofundando algumas dessas temáticas.

3 – CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS NA FICÇÃO AMAZÔNICA

“A borracha vinha transformar a sociedade amazônica, a começar pelo modo de ser individual. Dominou corpo e alma do homem, até ao sacrifício mais extremo, para oferecer à humanidade uma parcela de bens materiais e até reflexos de sensibilidade espiritual”.

Leandro Tocantins

A leitura de *Coronel de Barranco*, de Cláudio de Araújo Lima, permite apontar várias questões inovadoras sobre a Literatura amazônica no século XX. Trata-se de uma obra que apresenta personagens com características essencialmente complexas, já que vivenciam em seus

próprios corpos as transformações proporcionadas pelo capitalismo selvagem nessa parte dos trópicos.

Na obra em análise, percebe-se que dentre tantas personagens, há as que são ficcionais, saídas, portanto, da imaginação do autor, como o narrador Matias Albuquerque. Há, também, aquelas que são representação ficcional de sujeitos históricos que de fato passaram pela Amazônia, a exemplo do botânico inglês Henry A. Wickham. Entretanto, no interior de *Coronel de Barranco*, todas se configuram como *personae*, dotadas de pensamento próprio, criaturas ou seres de ficção cuja autonomia na obra ficcional não deve levar o leitor a confundi-las com pessoas históricas. Para Beth Brait (1990), as personagens ditas históricas representam pessoas, segundo as modalidades próprias da ficção.

Em *Coronel de Barranco*, Henry Wickham é um cientista inglês que vem para a Amazônia para conhecer melhor o trabalho da seringa e, posteriormente, levar amostras das sementes da *Hevea Brasiliensis* para a Europa. E Matias Albuquerque é um nativo da região amazônica que passa um tempo na Europa e, em 1904, retorna a Manaus, no auge da *Belle Époque* ou do fausto cultural proporcionado pelo enriquecimento dos coronéis de barranco. Apesar de todo o enriquecimento das cidades amazônicas, especialmente Belém e Manaus, durante o primeiro ciclo da borracha, Matias Albuquerque, agora um gentil cavalheiro de cultura cosmopolita, falante de vários idiomas, prefere se refugiar no seringal Fé em Deus, a fim de remoer suas lembranças. Enquanto vive lá no Alto Acre, fronteira com a Bolívia, capta *in locu* as transformações e contradições do período áureo da borracha, os conflitos resultantes da 1ª Guerra Mundial e da gripe espanhola.

Manaus, ao lado de Belém, foi uma das cidades que mergulhou na dispendiosa vida em estilo europeu. A sociedade amazônica parecia querer recriar todas as características européias em meio à floresta. Perde-se a noção do valor dos hábitos e costumes nacionais e locais em detrimento do estilo de vida europeu. Isso faz com que Matias Albuquerque se assuste com a nova forma de viver do povo da região, ao retornar para o Brasil, depois de um longo período na Europa.

Apreciando as edificações modernas, muitas delas inspiradas na arquitetura francesa, quando não eram cópia legítima de um prédio londrino.

Passando a pé pelas lojas elegantes, que exibiam nas vitrines os últimos modelos femininos de Paris, e o que se considerava de melhor em matéria de moda masculina na City.

E as ricas joalheiras, arrumadas à maneira das que eu me habituava a ver na Rue Royale. (LIMA, 2002, p. 92)

Luxuosas pensões alegres. Como a afamada Floreaux, situada no centro de um jardim, que se dava ao luxo de manter, diariamente, noite adentro, um jantar-dançante, com orquestra exclusiva. (LIMA, 2002, p. 93)

Homens de negócio, que poucos anos antes, viviam na obscuridade. Broncos proprietários de seringais, ainda mal adaptados à indumentária e aos hábitos de opulência. Intelectuais e jornalistas de várias procedências, atraídos pela possibilidade de se abrigarem à sombra de políticos e figuras do governo. Aventureiros de toda espécie, vindos em busca de uma brecha para a conquista fácil da fortuna. (LIMA, 2002, p. 93-94)

O narrador transforma-se em um brasileiro de gosto europeu, apesar de muito coerente com os costumes locais, abominando o comportamento pedante da elite da borracha. Sente-se incomodado com o burburinho e excessos dos novos ricos do látex, as pessoas falando alto sobre suas fortunas, gastando dinheiro e bebendo demasiadamente, como se a vida se resumisse num festim eterno: “E gente que falava em voz alta, o que em mim produziu um efeito oposto ao que imaginava o meu velho amigo, ao ouvir-me comentar a vida noturna da pequena grande cidade” (LIMA, 2002, p. 101). Matias não quis ficar em Manaus, exatamente por não gostar da impressão que as pessoas passavam umas para outras sobre suas riquezas.

Empreendendo uma breve retrospectiva, observamos que no começo da narrativa o jovem Matias Albuquerque é apresentado como o único no seringal capaz de acompanhar o inglês Henry Wickham, pois tinha noções da língua inglesa e possuía também habilidades de deslocamento na floresta. Matias sabia remar, conhecia a mata e os seringueiros, além de ser sempre muito atencioso e gentil com o europeu. Dessa forma, sentia-se vaidoso por ser no seringal aquele que melhor se comunicava com o cientista.

(...) me distraíra com o hóspede, e de certo modo fora dominado por compreensível onda de vaidade, quando ele pediu que dissesse ao tio Amâncio, em português, que eu estava, em curto tempo, conseguindo rápido progresso no meu inglês de conversação. Sem falar, insistia Wickham, no que lhe parecia um fenômeno: um jovem de dezoito anos, perdido na selva amazônica, haver lido romances de Dickens e de Thacheray, e saber de cor alguns versos de Byron, uns poucos e os únicos, aliás, que eu guardava de memória. (LIMA, 2002, p. 43)

O romance empenha-se em marcar as diferenças, opondo o mundo do seringal e da natureza, ao da cidade e da civilização. Uma das diferenças se dá até mesmo pela marcação de tempo: o civilizado guia-se pelo relógio, e o homem da selva, pela posição do sol. “Pela posição do sol, calculei que seriam umas quatro e meia”. (LIMA, 2002, p. 50). Essa habilidade do homem da floresta é trabalhada pelo historiador Leandro Tocantins ao dizer que:

Plantas, animais, criaturas humanas desenvolvem-se juntas, dependem extremamente uns dos outros. A floresta, os rios, os igapós, os paranás, os igarapés, os lagos, com seus povoados vegetais ou animais, envolvendo o homem numa teia de interesses, de necessidades e de competição. (1982, p. 45).

O seringal Fé em Deus é habitado por nativos da floresta e pelos nordestinos que chegam a Amazônia em busca do Eldorado. Como vimos, entre os nordestinos estão Joca e Quinquim que trabalham como seringueiros no seringal Fé em Deus. Como Joça, também Quiquim é a réplica do migrante nordestino que foi ao Amazonas em busca da fortuna e, muitas vezes, para fugir das inclemências das secas. Como Joca, todos eles viveram as mesmas reações psicológicas e passaram pelas experiências de “brabo”, para se tornarem em “manso”, isto é, homens já adaptados ao meio.

A princípio, o dono do seringal é o Coronel Cipriano. Ele é a representação do típico coronel de barranco da região amazônica no final do século XIX e no início do século XX. Controla o barracão, que é o centro do seringal, local onde ficam os produtos que são vendidos aos seringueiros; de onde sai o sustento do seringalista; degrada-se em relação às casas aviadoras devido à produção de borracha no Extremo-Oriente e as ameaças de guerra. Além dele, há também Zeca, o nativo Inácio e Antoninho – que cuidava do almoxarifado e era gerente do barracão, ele foge com Conchita, a prostituta sustentada por Cipriano no seringal.

Empreendendo uma análise do perfil dos seringalistas da Amazônia, Leandro Tocantins (2000) diz que o padrão dos seringais é réplica dos canaviais nordestinos, de onde a maioria provém. Exemplo desses modelos de aristocracia são os títulos de Coronel, distribuídos pelo Governo Federal, que foram utilizados como representação de enobrecimento regional. “Coronel passou a ser aquele que ultrapassasse o estágio de seringueiro propriamente dito para o de dono do seringal. Nobreza de beira de barranco, diziam os comentadores irônicos da época”. (TOCANTINS, 2000, p. 215-216).

Uma das vantagens dos donos dos seringais era ter a presença de uma mulher no barracão. E quando não havia uma disponível para ser esposa, eles se propunham a pagar por isso. A mulher é marginalizada na produção literária em estudo e sua representação segue a mesma dos produtos variados utilizados no mundo do seringal – ela é quase sempre vista como um objeto. Elas eram transformadas em simples mercadorias para saciar a luxúria desumana dos patrões que dispunham de seus corpos e de sua juventude sem nenhum pudor. Apesar de serem “objetos” raros, elas eram tratadas como mercadoria de pouco valor, mas mesmo assim eram disputadas, devido à escassez de mulheres na Amazônia no final do século XIX e início do século XX.

As mulheres profissionais do sexo – prostitutas – no perímetro urbano ofereciam um contraste violento quando se deslocava para o espaço do seringal. Nesse ambiente, elas estavam prontas para satisfazer os caprichos dos proprietários, os únicos que estavam em condições de poder pagar pelo seu corpo. Se o seringueiro conseguisse saldo para se integrar neste quadro, perdia rapidamente o que ganhava.

No contexto amazônico, mais do que nunca a mulher fora criada para ser mãe e esposa, num aprofundamento da visão conservadora do gênero feminino. Há, porém, aquelas que não seguiam

esse princípio. Rebelaram-se e se prostituíram. Umas por vontade própria, enquanto outras, porque se viam sem saída, sem nenhuma perspectiva de uma vida digna. A literatura amazônica nos fornece exemplos de várias personagens que se entregam aos homens e tornam-se prostitutas. Quando a mulher não queria relacionar-se com determinado homem e este queria impor-se na relação, não a respeitando, havia mortes por ciúmes, como no caso da personagem Rosinha, ou fugas, como Conchita, em *Coronel de Barranco*.

Conchita é a única mulher levada pelo Coronel Cipriano ao seringal Fé em Deus. Os seringueiros são obrigados a levar a vida no interior da Amazônia sem mulheres, o que consiste em mais um fator de superação para eles, pois a falta de mulheres transforma o seringal em prisão, onde os homens são duplamente punidos pela ausência de liberdade e pela amputação sexual a que são submetidos. Apesar disso, ultrapassam suas dificuldades como se observam nas palavras de Cipriano: “__ Eles se defendem, seu Albuquerque. Como eu também me defendia quando era seringueiro. Com o tempo, o senhor vai saber direitinho como esses cabras inventam cada manha pra resolver a falta de mulher. Só mesmo vendo. O senhor num é capaz de imaginar”. (LIMA, 2002, p. 120).

Conchita é apresentada pelo narrador não como uma mulher desejada, mas como uma prostituta velha, que não despertava o interesse dele, que nada se assemelhava a Rosinha, amor da adolescência de Matias. Entretanto será a oriental Mitsi seu verdadeiro e único amor, que a morte veio cedo tolher de sua convivência, e a quem o narrador de *Coronel de Barranco* dedica os melhores anos de sua vida. Isso fica evidente na narrativa: A ‘senhora’ para uns, o ‘casquinho’ para outros, o ‘bicho velho’ para muito poucos, ela era tratada, em princípio, como o ‘peixão’, sobre quem se concentravam os interesses eróticos daquela sociedade sem mulheres. (LIMA, 2002, p. 256).

No romance *Coronel de Barranco*, o narrador descreve os juízos de valor que têm os seringueiros sobre a Conchita – espécie de objeto raro naquele universo hostil. Ele a apresenta a partir dos seus conceitos e valores. Enquanto isso, os seringueiros a idealizam pela falta de aproximação com ela e pela presença de figuras do sexo feminino no seringal.

Ninguém a via era verdade. Mas também era verdade que a seringueirada toda a ‘imaginava’. A sua maneira, é claro. Com a imaginação superaquecida pela influência da prolongada abstinência carnal, que ia aos poucos temperando a realidade. Transformando a velha meretriz aposentada num verdadeiro mito. Quase uma deusa, inspiradora de sonhos lascivos e de excessos masturbatórios, que confessavam sem a menor cerimônia. (2002, p. 257).

Conchita não expressa seus pensamentos e idéias; se esconde dos homens do seringal, pois passa a maior parte do tempo dentro de seus aposentos na casa do coronel Cipriano. Com esse

comportamento, a prostituta fica à mercê das descrições do narrador, que a descreve e tudo diz acerca dela, calando-a. Para Ruth Silviano Brandão (2006), o silêncio das personagens femininas está relacionado com o desejo que o homem possui por elas.

(...) a idealização da mulher se faz de tal forma que é como se ela ‘naturalmente’ coincidissem com o objeto de desejo masculino. O temor do homem diante da mulher desejante, com discurso próprio, acaba por calá-la, através de um estranho recurso: registrar a voz feminina via discurso masculino, aí a inscrevendo como se fosse sua própria enunciação. (2006, p. 32).

Ao calar a mulher, o homem ocupa todos os espaços, todos os vazios. Conchita é o outro que não está presente na vida de mais ninguém no seringal Fé em Deus; é o objeto de desejo dos seringueiros e falar nela é aliviar as ausências e necessidades. Ainda para Brandão: “A mulher é, então, o Outro para o homem, aquilo que ele não reconhece, seu inconsciente”. (2006, p. 114). Para Matos & Soihet (2003), as mulheres são objetos de olhares, mas ao mesmo tempo são envolvidas em um silêncio, principalmente, por causa de seus corpos.

Há muito que as mulheres são esquecidas, as sem – voz da História. O silêncio que as envolve é impressionante. Pesa primeiramente sobre o corpo, assimilando à função anônima e impessoal da reprodução. O corpo feminino, no entanto, é onipresente, no discurso dos poetas, dos médicos ou dos políticos; em imagens de toda natureza – quadros, esculturas, cartazes – que povoam as nossas cidades. Mas esse corpo exposto, encenado, continua opaco. Objeto do olhar e do desejo, fala-se dele. Mas ele se cala. As mulheres não falam, não devem, falar dele. O pudor que encobre seus membros ou lhes cerra os lábios é a própria marca da feminilidade. (2003, p. 13).

A prostituta chega ao Fé em Deus como uma ‘encomenda’, trazida pelo regatão¹⁵, algo que, para o narrador, mudou os caminhos do seringal, modificando a situação de marasmo que havia por lá, pois não existia até aquele momento uma mulher com roupas elegantes, coberta de jóias e perfumes franceses como Conchita.

E daí a pouco, de braço dado com Cipriano, vi a ‘encomenda’ chegando ao barracão, com chapéu de plumas, deixando pelo caminho forte odor de perfume francês, falando com um sotaque que me deu a impressão de ser eslavo. (2002, p. 255)

Os Coronéis de Barranco preferiam as francesas, enquanto as senhoras de respeito eram guardadas nos palacetes, cercadas de criadas e ocupadas em afazeres de menor importância. Numa sociedade carente de mulheres, também o sexo seria um privilégio. Márcio Souza (2001) afirma que

¹⁵ Regatão é um vendedor ou comprador que percorre os rios amazônicos de barco parando de seringal em seringal.

a mulher amazônica estava muito relacionada a bens materiais, era tratada como mercadoria valiosa, pois era “objeto” raro na região. É o que se observa na passagem a seguir:

Na sociedade tribal amazônica, a mulher estava integrada sob diversas formas de submissão. Com o extrativismo da borracha, em que a procura era maior que a oferta, ela seria transformadora em bem de luxo, objeto de alto valor, um item precioso na lista de mercadorias, uma mobília. (SOUZA, 2001, p. 181).

A presença feminina no seringal era rara, principalmente para os seringueiros isolados na floresta e presos a um trabalho rotineiro. Geralmente os homens tinham entre vinte e trinta anos e a única solução era comprar as índias que viviam nas localidades mais próximas. Outra possibilidade eram as prostitutas. Mulheres velhas doentes, em número tão pequeno que mal chegavam para todos os homens, eram comercializadas a preço aviltante e levadas aos seringais pela figura do regatão. Enquanto o coronel podia contar com as perfumadas *cocottes* das cidades, o seringueiro era obrigado a criar outros meios e possibilidades para viver em meio à floresta, sobre as rígidas regras do primeiro ciclo da borracha.

O Zé da Silva (...) também arranhou uma mulher. (...)
O velho [um cearense que morava em Xapuri] tem uma indiazona bonita. E disse que fazia uma sociedade com o Zé da Silva, se ele garantisse a bóia pros dois. Um pedaço de índia, seu Albuquerque, com perdão da palavra. (LIMA, 2002, p. 350)

A ausência da mulher possibilita enfocar o sexo como sendo algo marginalizado, e, ainda, havia a prática do bestialismo, através do qual o seringueiro procura satisfazer o instinto sexual com fêmeas de animais, entre elas a fêmea do boto e a égua, além de alimentos como o bacalhau e a melancia, que também aparecem como estratégias para o prazer sexual, na narrativa de *Coronel de Barranco*.

__ Ontem estive pensando. Assim que tiver saldo pra pagar o homem, acho que vou lá mais pra cima, mais pra perto da Bolívia. Diz que é só atravessar o rio. Em Cobija tem mulher que não acaba mais. O regatão que me disse.

__ O melhor é agüentar. Ou fazer como o Dico. Espia as olheiras dele. Resolve mesmo é na canhota. (LIMA, 2002, p. 226)

__ Eu quero é mulher mesmo.

__ Muito melhor. Canhota não paga passagem, nem gasta aviamento, e é na hora que der vontade.

(...)

Vieram alusões aos que tinham fama de se defender nos troncos moles de certas árvores. Nas fêmeas de boto. (LIMA, 2002, 227)

(...)

Deixa de arranjar briga, tamanho domingo. Melhor é fazer como aquele alagoano, que o Paraíba contou. Ele resolveu se remediar com um pedaço de bacalhau enrolado. (LIMA, 2002, p. 228)

(...)

__ Depois, quando fica enjoado, faz uma temporada de melancia. Bota a bicha no sol pra esquentar. Ele disse que é experimentar e ficar freguês. (LIMA, 2002, p. 228)

A presença da mulher está sempre associada à desvantagem econômica. “Seringa com saia não combina”. (LIMA, 2002, p.204). Os seringalistas recusam as mulheres e as crianças e afirmam que elas não são rentáveis e atrapalham o trabalho dos seringueiros no corte da seringa.

__ No Fé em Deus, fêmea? (...) Não quero nem fêmea de bicho. Já ando meio danado com um cearense lá que se meteu a comprar uma mula. O Senhor já pensou, Seu Albuquerque? Como é que um seringueiro vai trabalhar direito, cortar mesmo de verdade desde manhã desde manhã cedo, com mulher parindo a toda hora e cuidando de curumim. (p.119)

__ Que nada, seu Albuquerque, o tempo é pouco pra ficar em cima de mulher. Começa a relaxar no corte. E se dana logo a querer plantar porcaria, pra não comprar no barracão. No fim, o patrão é que se dana todo. (...)
(...) Seringueiro com fêmea fica é com uma ganância de saldo. (LIMA, 2002, p. 119)

Os seringalistas saciam suas necessidades com as prostitutas européias, que são suas preferidas, como já foi dito. As mulheres de pele branca como leite se contrapõem às de pele escura que são nativas da região amazônica. Devido à interferência francesa na economia amazônica, as mulheres francesas também se tornaram mito sexual. No seringal Fé em Deus, como exposto anteriormente, Conchita habita o pensamento dos seringueiros e inspira sonhos lascivos e excessos masturbatórios.

Os hábitos reservados, roupas inadequadas ao seringal, o fato de ter poucas falas e expressão de desejos e opiniões, fazem com que Conchita cause divergências no cenário amazônico. O seu poder de sedução, o perigo e estranheza que emanam dela são signos aceitos como uma feminilidade atraente. Ela se “fantasia” de mulher, enfeita-se, perfuma-se, sentindo-se, sem seus adornos, despojada de sua condição feminina.

Não que se mostrasse facilmente, ou sequer se deixasse ver, assim sem mais nem menos. Ao contrário. Nos dias de domingo, pelo tempo que durassem os aviamentos, ela permanecia praticamente em clausura. (LIMA, 2002, p. 256)

(...)

Mesmo nos dias de semana, só por escassos minutos a ‘madama’ andava pelo terreiro, perto do barracão. Ou se sentava no alpendre, após o jantar. E sem relaxar a indumentária elegante. Como se continuasse a viver na Pensão da Sara, onde se tornara ‘gerente’, desde que as rugas e a flacidez das carnes lhe roubaram o posto destacado que, por volta de 1900, ainda ocupava, com o maior brilho, nos domínios da Pensão Floreaux. (LIMA, 2002, p. 256)

As mulheres são parte do luxo dos homens de poder da Amazônia. Uma vez que, são tidas como o espetáculo do homem; “O homem rico gosta de ostentar a beleza de sua(s) amante(s): um luxo que ele se pode permitir e que lhe glorifica a virilidade”. (MATOS & SOIHIT, 2003, p. 14). *Coronel de Barranco* é um dos poucos romances da borracha em que o seringalista é solteiro e leva a vida a divertir-se com prostitutas estrangeiras nas viagens que faz a Manaus. As obras, em geral, apresentam seringalistas casados que aproveitam as viagens para aventuras extraconjugais.

O privilégio da mulher que a personagem do seringalista pode auferir não é duradouro, pois mesmo possibilitando luxo e conforto à prostituta, que se torna “senhora”, trai Cipriano com o empregado de confiança do Coronel – o Antoninho. Eles fogem juntos. A traição de Conchita é a demonstração de que, apesar da muita idade, a ex-prostituta não perdeu o desejo sexual e a esperança de uma autêntica relação amorosa.

A mulher mais uma vez acarreta um desfecho trágico na ficção da borracha. A personagem do seringalista vinga-se da traição com um duplo assassinato; é presa, condenada e ainda sofre a ruína econômica em virtude da decadência da borracha.

(...) na primeira página da Gazeta da Tarde, a fotografia de Cipriano e Zeca, já presos na delegacia, após ser descoberto o crime que ficara em mistério por vários dias.

Bem ao lado, na mesma página, um grande retrato de Conchita.

Velho retrato, de muitos anos atrás.

De uma época, em que a causadora da tragédia, jovem e bela, ainda estava no apogeu de sua carreira de cocote, pouco antes chegada de Paris, para enriquecer o elenco do alto meretrício de Manaus.

(LIMA, 2002, pp. 318-319)

Na constância da abordagem do ser feminino como coisa rara, escassa ou inexistente no seringal, as personagens sofrem um apagamento, na maioria das obras do ciclo e não realizam uma ação ficcional efetiva. As personagens femininas não possuem individualidade nas narrativas, não têm pensamento ou atos descritos que lhes possam dar um caráter próprio. Aparecem comparadas a mercadorias, sendo objeto de disputa tal como a cabocla Maibi¹⁶, do conto homônimo *Inferno Verde*, de Alberto Rangel, ou a prostituta Conchita, de *Coronel de Barranco*.

No conto, assim como em *Coronel de Barranco*, os significados da mulher e da árvore da seringueira aproximam-se em vários pontos. Como a seringueira, a mulher também não pertence ao seringueiro, é um bem do qual só pode usufruir quem sobre ele adquire direito. As posses mal realizadas da seringueira e da mulher só podem ser compensadas com as mortes de ambas. Cortar a seringueira para extrair seu leite é uma forma de matá-la, sangrar a mulher até que se esvaia todo o

¹⁶ RANGEL, Alberto. *Inferno Verde*. Organização Tenório Telles e estudo crítico por Marcos Frederico Krüger. 5ª ed. Revista. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001.

seu sangue, também. A cena final de Maibi expõe os dois seres explorados do seringal e é extensiva, como faz notar o narrador, do processo predatório da natureza como um todo:

O martírio de Maibi, com a sua vida a escoar-se nas tigelinhas do seringueiro, seria ainda assim bem menor que o do Amazonas, oferecendo-se em pasto de uma indústria que o esgota. A vingança do seringueiro, com intenção diversa, esculpira a imagem imponente e flagrante de sua sacrificadora exploração. Havia uma auréola de oblação nesse cadáver, que se diria representar, em miniatura, um crime maior, não cometido pelo Amor, em coração desvairado, mas pela ambição coletiva de milhares d'almas, endoidecidas na cobiça universal. (RANGEL, 2001, p. 136)

No cenário amazônico, muitas vezes o ser humano é exterminado pelo próprio ser humano. As mulheres são escravizadas e transformadas em simples mercadoria para saciar a luxúria desumana dos patrões que dispõem de seus corpos e de sua juventude sem nenhum pudor. Como mercadoria de pouco valor, depois de usadas são esquecidas e suas fisionomias só aparentam desânimo e sofrimento. Com o tempo, o corpo das mulheres se deteriora com o seringal. O tempo e as circunstâncias do mau uso ajudam a enfraquecer.

A identidade feminina é construída e desconstruída numa teia de discursos onde estão presentes os preconceitos e os estereótipos. Cabe a personagem feminina ter direito à existência, com sentimentos e projetos pessoais, ser menos tipificada, além de possuir funções e papéis sócio-econômicos diversificados.

Para SILVA (2005), os homens tendem a construir posições de sujeito para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência. Porém, ainda no pensar do autor, mesmo tendo uma identidade masculina partilhada, elas passam por uma fragmentação e reconstrução identitária, sendo, portanto, distintas e opostas.

Em meio a essa vida de superação, os homens seringueiros criam suas formas de vencer as necessidades físicas, demonstrando o quanto o corpo é importante na composição das personagens amazônicas e mostrando também como ele é objeto de exposição, admiração, desejo e interferência. O corpo das personagens de Cláudio de Araújo Lima exige múltiplos sentidos, olhares, teorias e interações de saberes. Ele move-se como indício da dor ou da alegria. Em outras palavras, é o representante das batalhas vividas interna e externamente pelos habitantes da floresta.

As duas mulheres na vida do narrador, sua prima Rosinha e a oriental Mitsi, mulheres de personalidades diferentes que perpassam a vida do narrador em dois momentos decisivos de sua vida: Rosinha é o amor da juventude que ele não realizou. Ela era uma moça alegre, esperta, de olhos grandes e negros, colo moreno, uma das poucas pessoas com quem Matias Albuquerque conversara no período de sua juventude em que morou em meio à floresta.

Porém, Rosinha cometeu um erro grave para a época em que viveu, engravidou de um padre, ignorando o amor de Sandoval, um caboclo da região onde morava. Assassinada pelo seringueiro, Rosinha morre como consequência de um erro, não aceito pela sociedade em transição entre os séculos XIX e XX – a gravidez indesejada antes do casamento, e o que é pior, a paternidade ser atribuída a um padre. Seu corpo se transforma pelo erro cometido, assim como, é seu próprio corpo que lhe leva a morte. O corpo amazônico em *Coronel de Barranco* é violado, mas mesmo assim não deixa de ser fértil; pode ser comparado a fertilidade das terras amazônicas. Assim como Conchita, Rosinha é descrita, através do olhar masculino.

Alegre e irônica ... mulher feita. Triste e agressiva como na noite de sua confissão de amor. Misteriosa, como nos dois dias que passara a se esconder de mim, após a última conversa. Desgraçada, como no instante patético em que o punhal de Sandoval lhe arrancara das entranhas o filho proibido, que fizera meu tio sentir-se o cúmplice involuntário de um sacrilégio. (2002, p. 76 - 77)

A personagem Rosinha também fala pouco, angustiava-se ao se ver grávida de um filho inesperado e é mais uma mulher silenciada na narrativa em estudo. Silenciada por não ser ouvida e pela sua morte brutal e rápida. Matos & Soihet afirmam que “a mulher é assimilada ao pecado: uma tentadora da qual é mister se defender, reduzindo-a ao silêncio: velando-a”. (2003, p. 21)

Rosinha infringiu o conceito de que boas mulheres precisam ser discretas, dissimular suas formas, mostrando comedimento nos gestos, nos olhares, na expressão das emoções. Além do que, a gravidez era exemplo da virilidade do marido, não sendo permitidos filhos fora do casamento, que, entre outras coisas, envergonhariam muito a família da mulher.

Resultado de relações sexuais extraconjugais, a gravidez indesejada era ocultada de diferentes formas. Roupas largas, cintas apertadas, pouco contato com o público tentavam esconder as formas arredondadas que o corpo ganhava. (MATOS & SOIHET, 2003, p. 163)

Em outro ponto da história de Matias está Mitsi. Ela é o retrato da feminilidade, atrai a atenção e os olhares. A mulher com quem Matias Albuquerque realmente vivera um grande amor, mas que por motivo de doença a perdeu inesperadamente. Matias descreve a angústia de ver de perto a morte da mulher que tanto amou:

Noites amargas, que eu passava sem dormir, aconchegado a ela. Como se estivesse a despedir-me, segundo por segundo, da criatura que fora a única a quem eu amara de fato. E que a mim, também, dera a plena certeza de me encher de amor, ao longo dos sete anos em que nossas vidas se fundiram na mais total identificação. (LIMA, 2002, p. 112)

Mitsi enfraquece aos poucos com sua doença, perde a beleza de seu corpo, o apoio das roupas e dos acessórios que a deixavam femininas, mostrando mais uma vez que o corpo é fundamental, principalmente, na constituição das “mulheres de papel”.

O corpo doente, próximo à morte, deixa, imaginariamente, de ser um corpo feminino, e a relação que se produzia entre o corpo vivo e as roupas, que serviam para fazê-lo resplender, cessa, ocorrendo uma disjunção entre um e outro. Não tenha o que duplicar, as roupas perdem sua função. A violência da doença desmascara o papel dos enfeites, tornando-os signos vazios, que ao remetem a nada, já que destruiu-se a imagem corporal com a destruição concreta do corpo. (BRANDÃO, 2006, p. 170 – 171)

O corpo, principalmente no século XX, ocupa uma posição privilegiada para compreensão e a produção do humano, do social, do político e do simbólico. A disposição e a interpretação das tarefas e dos hábitos corporais que constituem a vida cotidiana revelam os princípios ideológicos, cuja condição se naturaliza precisamente por envolver o corpo. No caso das mulheres, muitos são os elementos que compõem sua feminilidade. É o que se percebe nas três mulheres que passam pela vida do narrador do romance em análise: roupas, acessórios, perfume, tudo é componente da constituição do corpo feminino.

As roupas, o penteado, o perfume são os signos que cobrem a vacuidade de um corpo que precisa deles para se mostrar como corpo feminino. Entretanto, um não coincide com o outro; a ausência dos adornos faz eclodir justamente a falência dos signos que permitiam que este corpo significasse. (BRANDÃO, 2006, p.171)

Parafrazeando Zandra Pedraza Gómez (1981), o corpo é essencial, pois ele é que organiza a vida em si, tanto a individual quanto a social. É o expoente de características que o fazem objeto de determinadas atenções e lhe aplicam valores particulares para a vida em torno de fatos como o nascimento, o crescimento, a alimentação, as práticas sexuais, a reprodução, entre outros.

O corpo é tão importante na composição dos habitantes da floresta amazônica que é ele também que determina o espaço em que as personagens estão inseridas: perna¹⁷, manga¹⁸, seio¹⁹, boca²⁰, as partes do corpo humano à disposição para denominar o espaço. Para Daniela Marchese (2005), as pernas formam a estrada por onde percorre o seringueiro e referem-se a um lugar que tem formato do corpo humano, aonde o seringueiro vai para cortar. A pesquisadora diz ainda que a

¹⁷ A perna é uma parte da estrada da seringa. Como no corpo humano se distingue duas pernas: a direita e a esquerda.

¹⁸ A manga é um pequeno desvio para fora da estrada onde há árvores fora do rodo da estrada. O seringueiro entra pela manga, corta e volta pelo mesmo caminho.

¹⁹ O seio é o espaço interno ao corpo da estrada que está circunscrito as pernas da estrada.

²⁰ A boca é a abertura, a entrada da estrada. Todas as estradas têm uma boca.

anatomia do corpo aplicada ao espaço permite denominar lugares, caminhos e superfícies do solo concebidas como pontos, retas e áreas.

Se poderia dizer que o corpo empresta parte de sua anatomia ao espaço. Na falta de pontos de referência ‘objetivos’ e intersubjetivos, se assume um parâmetro subjetivo, mas igual para todos e adaptável ao território: o corpo, símbolo material de orientação e de comunicação social intersubjetiva. O território é indiferenciado e aparentemente indiferente de lugar para lugar, enquanto a denominação de cada lugar em particular se torna, assim, parâmetro comunicativo e de definição simbólica. (MARCHESE, 2005, p. 62).

A correspondência entre nomes dos espaços e corpos provavelmente foi atribuída pelos próprios seringueiros à estrada – o local de trabalho diretamente relacionado com a identidade de cada um destes homens.

O seringueiro, de fato, não é mais do que o filho adotivo da floresta, lugar que em parte ele próprio contribuiu para estruturar, a fim de que se tornasse funcional ao seu trabalho e à sua sobrevivência. Por outro lado, porém, também a floresta contribuiu para forjar àqueles novos habitantes uma nova cultura e, portanto, uma identidade. (MARCHESE, 2005, p. 128)

O pensamento de Marchese corrobora com as atitudes do narrador cosmopolita, pois ele usa as denominações do corpo para designar a vida e o percurso dos seringueiros na floresta. O corpo está presente na estrada e no rio, porém, de acordo com os estudos da italiana, “a terminologia que se refere ao rio é compartilhada e utilizada também pelos não *seringueiros*, aquela que se refere às *estradas*, sendo funcional ao trabalho, é conhecida e usada apenas no interior do grupo de *seringueiros*”. (2005, p. 61). E diz ainda que “cabeça, pernas, manga, boca e seio dos corpos do rio e da estrada identificam lugares que se transformam em pontos cardeais e, a partir de tais estruturas, se determinam também os percursos, as direções daquele espaço”. (2005, p. 61). Pode-se comprovar isso nos trechos do romance:

Cerca de nove horas, para grande espanto do inglês, o tapiri de Sandoval ressurgiu subitamente à nossa frente, sem quem ele pudesse esperar, tanto havíamos andado no seio da mata, onde noventa e muitas árvores foram sangradas. (LIMA, 2002, p. 46)

E onde um braço do Rio Negro, em 1874, ainda se enfiava terra adentro por alguns quilômetros, agora se estendia a grande Avenida Eduardo Ribeiro. (LIMA, 2002, p. 92)

E a combinação de lhe entregar umas peles de seringa, pela madrugada, milha e meia adiante, na boca do igarapé. (LIMA, 2002, p. 200)

O corpo transformava-se, assim, no grande instrumento de classificação na sociedade que forma o seringal. Um portador de diversos signos para onde se dirigia toda a violência, mas dele

partiam inúmeras formas de resistência. Era ele que carregava, também, símbolos de propriedade e transgressão.

3.1 – Identidades híbridas

Nesse subcapítulo, faremos um breve discussão acerca da expressão *identidade*, a partir do estudo de uma obra que expressa o universo e o homem que finca suas raízes na Amazônia. Trabalharemos com alguns conceitos elaborados pelos teóricos dos Estudos Culturais, na intenção de observar as relações que nascem dos processos de mestiçagem ou hibridização cultural e que levam a formação de múltiplas identidades no espaço da Amazônia brasileira.

Em primeiro lugar, é importante trazer a discussão a origem da palavra identidade. A palavra é formada pelo prefixo *idem* (o mesmo, a mesma coisa) origina-se do latim, mais o termo *itātis* (-dade). A palavra identidade surge ainda no século XVII e ganha no século XX recorrência nos estudos literários para marcar espaço nas literaturas minorizadas, em face das literaturas canônicas.

A noção do híbrido emerge na crítica teórica a partir da problematização da questão da representação, que ganha os seus contornos com Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Edward Said. Na América Latina, principalmente, na Amazônia, a abrupta interpenetração e coexistência de culturas estrangeiras geraram, entre outras coisas, o hibridismo. Essa terminologia se desenvolveu

no afã de designar novos processos e produtos resultantes das ordens simbólicas, que desde o final do século XV, concorreram para a formação dos países latino-americanos.

O registro dessa hibridização se faz da observação do percurso das personagens no romance para que seja formado um “outro” olhar, além é claro de observar as culturas em que estão inseridas, as identidades e suas fragmentações, as redes de dependência, as transformações culturais. A partir dessa análise, pode-se ressaltar e aferir valores na narrativa em foco, o que é necessário para conhecer as identidades amazônicas que se formam ao se atrelar as mais diversas culturas em um mesmo universo. Para Hall:

As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais (...). (2003, p. 43)

Se no século XIX o termo híbrido, hibridismo e hibridização eram palavras e noções quase que exclusivamente circunscritas ao âmbito da biologia e da antropologia e carregadas de sentido negativo, no final do século XX, elas ocupam destaque nas Ciências Naturais, Letras e Estudos Culturais. Para Nestor Garcia Canclini (2006), a eficácia dos processos de hibridismo reside, principalmente, na capacidade de representar o que as interações sociais têm de oblíquo e dissimulado e de propiciar uma reflexão acerca dos vínculos entre cultura e poder, os quais não são verticais.

Os migrantes nordestinos, principalmente, nas pessoas de Joca e Quinquim, como vimos, vêm de lugares diferentes, chegam a Amazônia com objetivos diversos e constituem-se híbridos nesse novo universo em que são inseridos. Em sua maioria, desejam apenas explorar a região para depois voltarem aos seus locais de origem. Esse processo de exploração faz com que as personagens ocupem apenas um local de fronteira, espaço temporário e diversificado, onde são obrigadas a criar suas estratégias de sobrevivência e superação dos desafios.

Porém, para Daniela Marchese (2005), a floresta adotou os imigrantes nordestinos, forjando suas identidades. Mas ao mesmo tempo contribuindo para criar uma nova forma de se comportar e agir na floresta, com base nas exigências produtivas ligadas à extração e ao trabalho da borracha. Em outras palavras, “é por este motivo que pessoas e lugares encontram-se em uma relação dialética: se de um lado aquele lugar deu identidade às pessoas, de outro aquelas pessoas criaram a identidade daquele lugar” (2005, p. 126).

Para Antonio Cornejo Polar (2000), migrar é uma nostalgia que remete a experiências do ontem e de espaços que se deixaram para trás. Assim como Stuart Hall, Polar também acredita que não se perde o elo com seu lugar de origem. O crítico peruano considera que o deslocamento

migratório duplica o território do sujeito e lhe oferece a oportunidade de falar a partir de mais de um lugar. E diz ainda:

(...) o migrante nunca deixa de o ser totalmente, ainda que se instale definitivamente em um espaço e o modifique à sua imagem e semelhança, porque sempre terá atrás de si sua experiência fundadora e uma quase imperturbável capacidade de referir a existência à natureza das estações e das fronteiras que teve de conhecer, para instalar-se num lugar que provavelmente tanto o fascina como o aterra. (2000, p.136)

Muitas são as soluções buscadas pelos migrantes para superar as dificuldades. Uma delas é a prática ilegal da caça, da pesca e da plantação para a obtenção mais rápida de saldo. Vê-se na trajetória, principalmente, de Quinquim e Joca, o quanto eles precisaram se esforçar para manter-se no seringal Fé em Deus e, mesmo assim, no caso de suas plantações, são denunciadas ao Coronel Cipriano pelo Maciel, seringueiro que morava em outra colocação.

Poucos metros adiante do alpendrado onde ficava o defumador distingui uma pequena área de plantação. Por detrás de uma espécie de muralha natural, feita de vegetação densa, percebi uma horta disfarçada, onde os dois [Quinquim e Joca] haviam plantado vários canteiros de jerimum, de couve, de maxixe, de cariru, de maniva. Tudo já bem desenvolvido, porque tinham aproveitado um amplo pedaço de terra-firme. Vi também um trecho de macaxeiras. Pés de pimenta. E um milharal formado, com as espigas de fora. (LIMA, 2002, p. 183)

O comportamento dos “brabos” é justificável por Denise Bernuzzi Sant’anna. A pesquisadora afirma que as pessoas ao se sentirem sem saídas, presas a obstáculos, são obrigadas a abandonar certos instrumentos, roupas, bagagem, ou então utilizá-las de uma determinada maneira. “Toda a sua atenção e todas as partes do seu corpo se voltam agora para o obstáculo”. (2001, p. 112). Tomando como base essas informações, percebe-se o motivo pelo qual, mesmo diante de tantas dificuldades, os seringueiros trabalham excessivamente. Eles dedicam toda a sua atenção ao obstáculo que precisa ser superado – a conquista do saldo – que o levará para fora do seringal ou proporcionará melhores condições de vida.

Discutir o papel das personagens é buscar a explicação de suas constituições através de um entrelugar, que é fruto do deslocamento; é o espaço intersticial; é zona intermediária entre o Mesmo e o Outro; é um estado de duplo pertencimento. Nem totalmente lá, nem totalmente cá, daí suas multiplicidades. Por isso, os que são minorias, no caso dos seringueiros, vêem-se obrigados a criar estratégias de sobrevivência e superação das dificuldades encontradas em meio à floresta amazônica, que é local de passagem. Eles precisam, portanto, se adequar às novas situações.

Homi Bhabha (1998) afirma que o tropo dos nossos tempos é colocar a questão da cultura na esfera do além, onde estaríamos vivendo nas ‘fronteiras do presente’. A esfera do além não indica

uma superação do passado ou uma escalada rumo ao futuro, mas um lugar e um momento de trânsito, como os vividos pelas personagens de Joca e Quinquim. Os nordestinos vivem exatamente esta contraposição entre o presente, o passado e o futuro. No presente, lutam na Amazônia pela sua sobrevivência, sem esquecer do passado, a terra de origem, o nordeste. Mas não deixam de sonhar com um futuro melhor.

Bhabha (1998) define o que ele chama de *in-between*, o entrelugar da cultura, ponto que estaria precisamente nessas fronteiras e que simultaneamente articularia as temporalidades e as espacialidades do contemporâneo: tempo e espaços múltiplos nos quais vão se confrontar permanentemente presente e passado, modernização e tradição, tecnologia e natureza.

Ao promover esse confronto, a noção de entrelugar traz à tona uma espécie de reordenação – política e cultural – do mundo, um remapeamento baseado na superação de vários dos pilares da modernidade cultural, como a dialética da dependência cultural, a distinção entre original e cópia, a oposição entre tradição e novidade.

O conceito de entrelugar vai ser particularmente relevante para entender o que acontece com a contemporaneidade periférica, até porque, em certa medida, ele surge dos embates vividos nas margens dos cânones culturais. Embora a idéia de periferia sugira uma centralidade já proclamada obsoleta, ao mesmo tempo a cultura periférica emerge no contemporâneo como o instrumento principal da desestabilização do centro. Silvano Santiago (1982), usando o termo antes de Bhabha, já definia o entrelugar como ponto de partida para a constituição de um pensamento que desconstrua a história da dependência.

Em *Coronel de Barranco*, o entrelugar é a Amazônia, sua floresta, o seringa, lugares desconhecidos, misteriosos e até mesmo perigosos, na visão, principalmente dos nordestinos, pois eles não estavam acostumados com os rios, com árvores grandes e com a vegetação densa. Para muitos deles, a floresta era o inferno verde que iria domesticá-los para que pudessem sobreviver dentro dela.

A floresta é o entrelugar e Homi Bhabha (1998) o define como sendo um terreno de elaboração de estratégias de subjetivação, ou seja, o início de novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade. O teórico acrescenta ainda que é na diferença que o valor cultural é negociado.

As personagens da narrativa *Coronel de Barranco* apresentam um caráter múltiplo da cultura contemporânea, sendo marcados pela existência de várias identidades e/ou origens. Os discursos tecidos no entrelugar – a Amazônia – apontam para um entrelaçamento entre experiência cultural. Surgem, em meio à diferença, os discursos de heterogeneidade, de um entrelugar complexo e híbrido, por vezes, misterioso e desconhecido. Ao focalizar a complexidade da identidade dessas

personagens, em que relações intersubjetivas se constituem de maneira complexa, conceitos como o de hibridismo são problematizados, tendo como referência os respectivos contextos vividos por elas.

O diálogo entre sujeitos híbridos faz emergir entrelugares, construídos a partir do momento em que buscam negociação com outras comunidades. Para Bhabha (1998), o hibridismo cultural emerge em momentos de transformação histórica, como no caso da personagem Matias Albuquerque, em *Coronel de Barranco*, que vai estudar “fora” na busca de transformação social, porém, ao retornar, vê-se em um processo de hibridização, pois os valores provenientes de suas raízes se “chocam” com os valores adquiridos em “outros lugares”, o que implicará na formação de uma identidade híbrida.

Situação de hibridização semelhante está presente também no conto *A Terceira Margem do Rio*²¹, de Guimarães Rosa. No texto, o pai do narrador se coloca em um “não-lugar”, põe-se em uma canoa e passa a bordejar as margens do rio, sem contudo ancorar em nenhum lugar. Diferentemente do resto da família, que abandona a localidade, depois de ter desistido do desembarque do chefe da família, o protagonista do conto mantém-se preso ao local da cultura habitada pelo pai, aguardando o momento de ocupar o lugar do pai na canoa. Porém, ao chegar a hora, ele recusa e foge.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto __ o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia...Por favor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo em perdão. (ROSA, 1988, 34).

Matias, assim como a personagem do conto chamada de “nosso pai” não se prende a lugar nenhum, não cria laços. O narrador quer apenas novas experiências na Amazônia, mas sem perder os hábitos e costumes adquiridos no período em que morou na Europa. Viver na Amazônica era: “__ Uma experiência. Mais uma, para acrescentar às muitas que fui acumulando nestes quarenta e seis anos de vida”. (LIMA, 2002, p. 102).

O comportamento do narrador traz ao diálogo o discurso de Zygmunt Bauman (2005), quando ele afirma que a identidade não tem a solidez de uma rocha. Em outras palavras, a identidade é revogável, o que justifica as negociações de Matias Albuquerque durante o período que ficou na Amazônia. Nota-se esse comportamento nas passagens a seguir, quando ele começa a se sentir bem no lugar que antes era chamado, por ele, de não civilizado: “(...) agora que descobria, pela primeira vez, depois de tantos anos de civilização, os encantos daquela vida selvagem mas tranqüila”. (2002, p. 160).

²¹ ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

O narrador Matias Albuquerque tem dificuldades de se readaptar a região amazônica e a princípio demonstra não se preocupar com a região e muito menos com a seringueira – a verdadeira responsável por toda a estrutura daquele ambiente. “Tudo que se encontrasse a curta distância das seringueiras, que para mim não tinham a real existência além do momento em que a faina extrativa se realizava”. (LIMA, 2002, p. 42). As relações interrompidas entre Matias e a Amazônia é justificável para Stuart Hall, pois segundo ele, as pessoas sentem falta do lugar de origem, porém ao retornarem a ele, percebem que algumas ligações foram rompidas.

Muitos sentem falta dos ritmos de vida cosmopolita com os quais tinham se aclimatado. Muitos sentem que a ‘terra’ tornou-se irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas. Sentem-se felizes por estar em casa. (HALL, 2003, p. 27).

Matias se caracterizava como alguém de temperamento britânico: “Violentando meu temperamento mais britânico que o do britânico Wickham, decidi intervir, valendo-me dum pouco do inglês que aprendera no Colégio Anacleto”. (LIMA, 2002, p. 41). Ele tinha também habilidades com línguas estrangeiras, era um leitor voraz e sentia-se honrado por todas essas referências que o diferenciavam dos demais moradores do seringal.

Para fugir do jantar, tinha sempre a escusa de preferir meu hábito europeu de comer tarde, aproveitando para dizer-lhe que, até então, só me adaptara ao jantar com luz do dia para fazer-lhe companhia, declaração que ele ouviu muito lisonjeado. (LIMA, 2002, p. 257)

Ao sair do seringal rumo à Europa, Matias viveu muitas aventuras no período em que trabalhou com o cientista Henry Wickham. Mesmo não tendo “laços” com os locais por onde passou, Matias viveu alguns problemas na Europa, como a dificuldade de habitação, a demora para se adaptar a comida e ao clima europeu, enfim, aos hábitos do velho continente.

De dia a dia, ele queria chegar ao Jardim Botânico mais cedo. O que me causava desagrado, pelo frio que sentia a cada manhã mais intensamente, começando mesmo a me apavorar ante a idéia de que ainda estávamos no rigor do verão. (LIMA, 2002, p. 83)

(...) também principiava a temer o momento de não mais suportar aquela comida sensaborona, antítese da cozinha áspera mas saborosa, cujas delícias só agora eu lograva perceber quanto valiam. (LIMA, 2002, p. 83)

Começa a saudade da pátria a freqüentar meu espírito, com crescente insistência. Ainda agravada pela ausência de qualquer notícia de minha gente, cujo destino eu não podia adivinhar, depois que a tragédia de Rosinha houvesse, afinal chegado a se definir em sua extensão, principalmente, considerando a solidão em que eu havia deixado meus tios. (LIMA, 2002, p. 84).

Depois, ao retornar a Manaus da *Belle Époque*, viveu o processo inverso: a necessidade de se readaptar aos hábitos e costumes do povo amazônico, uma vez que, estava entrelaçado ao gosto europeu. Para o narrador, viver na Amazônia era “uma experiência enfiada” (LIMA, 2002, p. 131), porém era como se estivesse longe da civilização. Ele veio à Amazônia em busca de uma vida longe do mundo onde viveu durante anos. “Algo que fosse um absoluto contraste da minha experiência de civilização”. (LIMA, 2002, p. 96).

Matias apresentava-se com uma identidade desfragmentada, comprovando o pensamento de Stuart Hall, quando ele diz que não se tem “uma identidade fixa, essencial ou permanente”. (HALL, 2004, p.12). Em outras palavras, o teórico afirma que o sujeito tem diferentes momentos, e por consequência, suas identidades mudam de acordo com as interpelações sofridas por eles. Quem corrobora com este pensamento é Tomaz Tadeu da Silva no fragmento a seguir:

Consideremos as diferentes ‘identidades’ envolvidas em diferentes ocasiões, tais como participar de uma entrevista de emprego ou de uma reunião de pais na escola, ir a uma festa ou a um jogo de futebol, ou ir a um centro comercial. Em todas essas situações, podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros de forma diferente em cada um desses contextos. Em um certo sentido, somos posicionados – e também posicionados a nós mesmos – de acordo com os ‘campos sociais’ nos quais estamos atuando. (2000, p. 30)

O narrador apresenta-se como alguém saudosista e amargurado pelas experiências da vida; suas tristezas o levaram a Amazônia, mesmo que, a princípio, nada na região realmente o agradasse. Ele não gostava nem mesmo da conversa. Preferia o silêncio e suas reflexões. Gostava de ficar isolado. Observava as pessoas e os comportamentos, mas, sobretudo, era discreto. “Tão pronto me senti livre, fiz menção de caminhar em direção à popa, onde gostava de ficar a sós, entregue a meus pensamentos e recordações (...)”. (LIMA, 2002, p. 120-121). Matias também estava de passagem pelo seringal, assim como estive de passagem pela Europa. Não tinha lugar certo para ficar, nada o prendia a nenhum lugar. Era livre para deslocar-se. É o que se percebe em suas palavras:

À hora que melhor entendesse, eu tinha a liberdade de tomar qualquer embarcação, e descer rumo a Manaus, a Belém, outra vez a Paris. Ou, ao contrário, subir o tortuoso rio, Bolívia adentro, meter-me pelo coração do Peru, numa grande, nova, inédita aventura. (LIMA, 2002, p. 132)

Matias – da cidade – leva a lembrança de dias felizes, do conforto e das coisas do mundo civilizado. O seringal representa o novo, o desconhecido, o mistério, a prisão, o castigo, mas também a experiência. Além dessa relação do homem com a natureza, há também a relação da

convivência, o narrador separa-se dos outros e distancia-se dos seres. Ao fazer isso, angustia-se e vive ainda mais isolado.

Apesar da aparente diferença cultural entre Matias e os demais moradores do Fé em Deus, o narrador também precisava criar suas estratégias, inclusive para superar a falta da companhia Mitsi e, por consequência, das relações sexuais que deixara de ter quando a amada morreu.

Porque, de dia a dia, com o passar do tempo, sentia os graves sinais de um tédio, que se tornara cada vez mais pesado.

Já nem era apenas o problema da prolongada abstinência sexual, a que praticamente me habituara, vivendo só de recordações e com a certeza de que esse lado da vida nada mais me traria de bom.

Depois de uma amante tão complexa como Mitsi, não haveria de ser na cama de uma prostituta, por mais alto que fosse o seu preço, como era o caso das mulheres da Floreaux, que eu poderia reatar o fio partido da minha existência carnal, encerrada em Paris, com aquela morte que tanto me abalara. (LIMA, 2002, p. 264)

Matias, durante o período que viveu no seringal, em seu “exílio voluntário” (2002, p. 266), alimentava lembranças de sua vida na civilização, como costumava dizer. Por vezes, ele deseja andar por calçadas onde pudesse observar outras paisagens diferentes da floresta, entrar em livrarias, ler jornais do dia, ouvir boa música, conversar com pessoas cultas como ele, enfim, relembrar hábitos de uma vida deixada para trás.

Andar por avenidas calçadas, que me distanciassem do chão de terra batida que eu pisava, havia anos, quase dez anos. (LIMA, 2002, p. 264)

Entrar numa livraria. E escolher, por mim mesmo, alguns romances franceses, que me restituíssem os cenários de minha vida de moço, em vez de recebê-los ao critério do livreiro. (LIMA, 2002, p. 265)

Ler jornais do dia, que me dessem algo diferente daquela visão deformada pela leitura das folhas que me chegavam, em certas ocasiões, até com três meses de atraso. (LIMA, 2002, p. 265)

Ouvir música. Algum recital no Teatro Amazonas, que me devolvesse o encanto de uma valada de Chopin, se não pudesse me reencontrar com Wagner, que Mitsi me ensinara a amar. (LIMA, 2002, p. 265)

Conversar. Mesmo uma simples conversa de botequim, na Phoenix ou na Bolsa universal, em que a gramática voltasse a existir. (LIMA, 2002, p. 265).

O narrador revela o interesse por escrever um livro, e por isso escreve um diário, em que armazena todas as experiências relevantes vividas por ele. Como fica claro nos trechos a seguir: “Eu, que me tornara um judeu errante naqueles quase trinta anos, a ruminar o ideal de viver isolado num pedaço de mata, compondo e escrevendo os versos que já planejava em silêncio”. (LIMA, 2002, p. 94). Os registros do diário derivam da memória que lança luz sobre o que talvez seja decisivo: a condição migratória do próprio narrador.

Relendo hoje o que escrevi a certa altura da madrugada, vejo que cheguei, então, à conclusão de que a maior descoberta, a que sobrepujava todas as demais pela sua importância íntima, era a do mistério do tempo, vivida dentro da minha própria consciência. (LIMA, 2002, p. 266)

Com a saída de Cipriano do seringal, após a morte da prostituta Conchita, observa-se através do olhar do narrador, mais uma vez a superação dos nordestinos. Eles se esforçam para continuar o corte da seringa e a extração do látex e com isso receber aviamentos da Casa Flores.

Por todos os lados, observa-se o esforço que realizavam, com sacrifícios, para manter em nível razoável a extração de seringa, que tinha de ser a base do crédito para conseguir que a Casa Flores assegurasse os aviamentos mais indispensáveis. Ponto que fiz questão de frisar em minhas conversas, a fim de dividir com eles as responsabilidades, no caso de nos privarem das mercadorias essenciais. (LIMA, 2002, p. 347)

Desse momento em diante, o seringal Fé em Deus é marcado por outro tipo de comportamento dos trabalhadores da seringa. Eles se vêm dispostos ao trabalho, demonstram não só estar lutando pela sobrevivência, mas também, querem manter a lealdade com Matias Albuquerque que tanto os ajudaram em seu processo de adaptação no seringal. “Inegavelmente, trabalharam com afinco. Como se não o fizessem apenas para sobreviver, mas também estivessem preocupados em demonstrar lealdade para comigo”. (LIMA, 2002, p. 347). Os seringueiros davam a Matias, espécies de peixes e aves, flores silvestres raras, entre outras coisas, sempre dispensando a ele muita atenção e respeito, o que não era percebido antes nos tempos de Cipriano.

Com a queda do preço da borracha, surge uma humanização no seringal e vontade de permanecer nele. Os trabalhadores da seringa passam a desejar algo novo. “Um sentimento novo, de fixar-se à terra. O desejo de colaborar e de ajudar a reerguer o seringal. A possibilidade de encontrar no trabalho inglório, em vez de uma maldição, a perspectiva de uma vida mais humana”. (LIMA, 2002, p. 351). Com a queda da borracha, criou-se “um sentimento de solidariedade que nunca existira, assim tão estreito, entre os desbravadores”. (LIMA, 2002, p. 353).

O romance está povoado de personagens híbridas, que se encontram na travessia dos opostos, fronteiras ou dobras. O nordestino, em *Coronel de Barranco*, oscila entre o trabalho e a marginalidade em busca de sua autodefesa. Deseja ganhar dinheiro com o trabalho, mas ao se sentir coagido diante da autoridade dos seringalistas desobedece às leis do seringal em busca de uma melhor sobrevivência. De caráter instável, tanto pode defender quanto transgredir a ordem, mesmo sendo advertidos pelo experiente Matias Albuquerque.

Lembrei-me da roça e das plantações que, primeiro, procuraram ocultar, mas depois me mostraram com vaidade e até certo tom de desafio ao ‘regulamento’.

Pelo que os adverti, repetidas vezes, sobre os riscos que estavam correndo. (2002, p. 240).

Os seringueiros também acusam uns aos outros pelo mau comportamento na luta pela sobrevivência no seringal. Como não há representantes da lei, fazem-se as regras de acordo com a necessidade de cada um.

Os seringueiros, também. Contam coisas tenebrosas dos cearenses, em matéria de querer conseguir saldo depressa, de roubar a mulher do outro, de cometer os maiores abusos e crimes, nesses lugares onde nem chega a notícia de que existe uma justiça. Nem sequer polícia há por ali. (LIMA, 2002, p. 99).

Matias via os seringueiros como “homens inexperientes, incapazes de se dirigirem”. (2002, p. 325). Em outras palavras, Matias os observava como necessitados de apoio, principalmente, durante a queda da borracha, período esse que o narrador cosmopolita ficou sendo o responsável pelo Fé em Deus, ocupando o que ele chamava de “posto de sacrifício” (2002, p. 326).

Os nordestinos, na maioria cearense, sofrem para adaptar-se ao clima, a comida, ao trabalho no corte da seringa, enfim, a tudo que diz respeito à vida amazônica. Tanto Matias Albuquerque quanto os nordestinos apresentam-se vulneráveis aos lugares por onde passam, no que se refere ao processo de adaptação. Eles têm dificuldade de conciliar o velho e o novo. Os seringueiros tinham: “A ânsia invencível de partir dali. O desejo de falar, de comunicar, de saber que não está só no mundo”. (LIMA, 2002, p. 223). Porém, os nordestinos compõem o cenário amazônico, adaptando-se a ele:

De qualquer forma, os nordestinos, mostraram sua tenacidade e capacidade de sobreviver, mesclaram-se com as populações tradicionais e enriqueceram a cultura regional, difundindo o grande vale através de seu colorido folclore, da música, da culinária e da literatura de cordel. (2001, 185)

Os seringueiros podem ser pacíficos ou violentos, fiéis ou traidores, de acordo com sua necessidade. Para Antônio Candido (1995), muitas vezes as personagens, assim como os seres humanos, debatem-se com a necessidade de se decidir em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes, grotescos ou luminosos. É o que acontece com os nordestinos Joca e Quinquim, os caboclos Inácio, Matias, Antoninho, Sandoval, o Coronel Cipriano, a prostituta Conchita, todos estão em zona intermediária, readaptando-se a novas formas de vida e de sobrevivência. Eles estão com suas identidades fragmentadas. Estes personagens se vêem no entrelugar – um espaço em essência periférico – são exemplos da relação intercultural e

possibilitam o pensamento sobre a pluralidade existente em cada sujeito, o que torna possível o diálogo sobre a complexidade destas relações. Trazendo novamente Hall ao diálogo:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento (...). Ela permanece sempre incompleta, está sempre 'em processo', sempre 'sendo' formada. (2004, p. 38)

Ao analisar como as identidades se formam, é possível observar que elas são constituídas da relação com outras identidades, como expressa Stuart Hall (2004). Zilá Bernd (1992) afirma entre outras coisas que identidade é um conceito que não se pode separar da alteridade, ou seja, da relação que o homem social estabelece com os outros indivíduos. A autora diz ainda que a construção de uma identidade é indissociável da narrativa e conseqüentemente da literatura. Conclui-se, então, quão relevante é a observação de uma obra literária para a percepção identitária de um povo, uma gente e seu lugar.

A discussão sobre identidade é um tanto complexa. A sociedade precisa saber que pode conviver com as diferenças internas e desenvolver-se, não apesar de, mas também, por causa das diferenças. E, por isso, o livro *Coronel de Barranco* celebra o hibridismo, a mistura, a transformação que vem de novas e inesperadas combinações de seres humanos, culturas, idéias, etc.

4 – ESPACIALIDADE NO ROMANCE DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA

“Rio é destino. (...) A Amazônia nasce, desenvolve-se, perdura, segundo o evangelho escrito pelo rio”.
Leandro Tocantins

A Amazônia em *Coronel de Barranco* é espaço em (re)construção onde as mais diferentes personagens se encontram, protegidas ou isoladas pela imensidão da água e do verde. As histórias são construídas uma a uma, moldando a face do que seria a Amazônia no período do *boom* da borracha. Nesse sentido a expressão espaço pode estar associada a uma porção específica da superfície da Terra identificada seja pela natureza, seja por um modo particular como o homem ali imprimiu as suas marcas, seja ainda como referência de localização. Nesse sentido, o próprio corpo pode e deve ser encarado como lugar de construção dos sentidos do mundo e da vida.

A partir dessa acepção o espaço pode alcançar estatuto muito importante em uma narrativa ficcional e surge associado ou até integrado às personagens, como afirma Antônio Dimas (1994). O espaço é um sistema de valores que se transforma permanentemente pela ocupação da sociedade. É no espaço que as pessoas/personagens preenchem suas necessidades, interagem uma com às outras, trocam experiências, constroem saberes e conhecimentos.

Em *Coronel de Barranco*, o espaço, prioritário, pode ser apreendido a partir da ação dos personagens que constroem sua história na Amazônia brasileira num amplo período que compreende os anos de 1877 a 1920. O romance se desenvolve, primeiramente, a partir da viagem de Matias Albuquerque – que parte do Brasil para Europa, acompanhando o cientista Henry

Wickham. O narrador passa parte de sua vida, fazendo do espaço europeu, o seu lugar. Ele tenta compor sua identidade em meios a hábitos e costumes diferentes dos vividos na sua infância e na adolescência. Porém, ao retornar à Amazônica passa pelo mesmo processo de readaptação.

Nesse significativo momento histórico, observam-se como os seres humanos agem simbolicamente no processo de organização de seu espaço, atribuindo-lhe sentidos singulares e plurais. Nesse lugar, as personagens decidem, defendem seus projetos mirabolantes, num emaranhado de contradições que revelam, afinal, uma Amazônia marcada pela diversidade, desde a ocupação dos europeus (séc. XVI) e, posteriormente, dos nordestinos.

O destaque de *Coronel de Barranco* é a galeria de personagens externos ao lugar, formada pela grande migração nordestina para a Amazônia, que aumentou o movimento populacional dessa região, traçando um espaço marcado por rugosidades e sinuosidades singulares.

O produto econômico será a borracha, demandada pelo capital internacional, inicialmente tendo à frente a Inglaterra e, posteriormente, já na segunda fase, os Estados Unidos, além de outros países que sempre estiveram dispostos a explorar a região, principiando por seus rios navegáveis. Para Roberto Santos (1980), os estrangeiros se interessavam pela região por dois motivos. O primeiro era a crença em riquezas fabulosas e o segundo, pela necessidade imediata da borracha, matéria-prima importante para a manutenção da crescente indústria de automóveis, indústria farmacêutica, dentre outras, que deram a tônica da modernidade européia.

Segundo Márcio Souza (2001), em 1800, acontecem as primeiras exportações clandestinas de borracha. A Amazônia enviava regulares partidas de objetos manufaturados, como garrafas e sapatos, para o mercado europeu e o norte-americano. Porém, só em meados do século XIX, os habitantes da Amazônia perceberam que estavam vivendo um novo tempo com estabilidade política e econômica.

O primeiro acontecimento importante foi a criação da Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas, sob a iniciativa do Barão de Mauá. As linhas regulares abertas em 1852 permitiam o comércio entre Brasil e Peru. E, em 1867, o rio Amazonas foi aberto ao comércio de todas as nações.

A Amazônia parece, a partir deste momento, ter experimentado um vigor inesperado que a retirou do silencioso passado colonial, com suas vilas de poucas casas, para um ritmo de vida mais voraz. Uma nova psicologia, para Márcio Souza (2001), obrigava as elites a não se satisfazerem com a vida pacata e provinciana.

À medida que a cotação da borracha aumentava na bolsa de Londres, a população amazônica enriquecia, o que representava uma conquista do refinamento civilizado. Havia na região um manifesto sentido de eternidade no ciclo da borracha. Os coronéis de barranco achavam

que a borracha era um organismo vivo privilégio das terras amazônicas. “A seringueira, ao contrário do filão de ouro, mostrava-se inesgotável. Uma árvore regenera-se, multiplica-se aos milhões”. (SOUZA, 2001, p.177). Pedro Martinello (2004) também mostra como o capital estrangeiro tinha grande expressão para o mercado da borracha:

Inicialmente o capital empregado na exploração da borracha, oriundo ou não da região, era privado e inexpressivo. A crescente procura, no entanto, da matéria-prima nos mercados mundiais, atraiu de imediato o capital estrangeiro, que paulatinamente veio a se constituir no sustentáculo da atividade extrativa para toda a região, quer quanto ao crédito para as exportações e importações, quer como capital de giro e ainda para empréstimos aos governos locais. (2004, p. 36)

A Amazônia só conquistou o aspecto dinâmico de realizações sociais e econômicas com o advento da borracha. Antes, ela era uma região tropical e, como as outras, centro fornecedor de especiarias, de bichos exóticos, de poucos produtos cultiváveis. Embora atraísse a atenção dos cientistas e dos homens de letras, a sua participação na vida de outros povos quase passava despercebida. Foi o produto borracha que veio lançar a região ao mundo, especialmente como produtora de uma das mais notáveis matérias-primas oferecidas à humanidade, através de uma gama de expectativas e aspirações crescentes. À medida que o tempo passava, fortunas locais iam se formando e a construção de cidades como Belém e Manaus constituíam-se.

Roberto Santos (1980) diz que entre as décadas de 1860 e 1870 havia escassez de mão-de-obra na Amazônia, face à demanda crescente de borracha no mundo. E devido à corrente migratória proveniente do exterior e, sobretudo, da região nordestina do país, como dito antes, não houve o estrangulamento da produção de borracha. A ocupação do espaço amazônico se deu de diversas formas, como explicitado a seguir:

Houve colonização dirigida pelo governo e por particulares para fins agrícolas; parte dos imigrantes, face ao fracasso das colônias, encaminharam-se para os seringais. Houve imigração espontânea. E houve imigração induzida por intermediários mais ou menos inescrupulosos, que arregimentavam gente do Nordeste brasileiro para os trabalhos extrativos da borracha. (SANTOS, 1980, p. 87).

Nesse contexto, inicia-se para Michel de Certeau (1994), a organização de um espaço, ou seja, de um “território brasileiro de fronteira em que se cruzavam idéias diversas, oriundas da orquestração de diferentes visões políticas e econômicas. Tais injunções repercutiriam na organização de um outro tipo de território – o barracão, as estradas de seringa, os rios, as colocações e os corpos dos homens, ‘lugares’ em que a noção de espacialidade se constrói através das práticas

cotidianas dos sujeitos em interação entre si e com a natureza²²”. Segue o pensamento de Michel de Certeau sobre a questão do lugar/espço:

Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade.

Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidade de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidade contratuais. (1994, p. 201-202).

Milton Santos (2006) assevera que o sujeito não está mais submetido a lugares fixos, nem a convivência longa e repetitiva com os mesmos objetos, trajetos e imagens. No dizer do autor, a mobilidade se tornou quase uma regra. O movimento se sobrepõe ao repouso, uma vez que os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes. Mas eles também mudam os produtos, as mercadorias, as imagens e as idéias, à medida que se estabelecem. Este pensamento corrobora com o pensamento de Certeau (1994) quando ele diz que é possível que durante o deslocar-se alguns lugares venham a transformar-se em espaço. O geógrafo (1982) diz ainda que o espaço físico, por sua vez, não é uma existência dada para o homem, inerente ao planeta em que este se desenvolveu. Até em suas expressões mais “naturais”, como as florestas e os rios, o espaço físico não deixa de ser uma construção, que surge da interação com os sujeitos:

O espaço, soma dos resultados da intervenção humana sobre a terra, é formado pelo espaço construído que é também espaço produtivo, pelo espaço construído que é apenas uma expectativa, primeira ou segunda, de uma atividade produtiva, e ainda pelo espaço não-construído mas suscetível – face ao avanço da ciência e das técnicas às necessidades econômicas e políticas ou simplesmente militares – de tornar-se um valor, não-específico ou particular, mas universal, como o das mercadorias no mercado mundial.(...) O espaço, portanto, tornou-se a mercadoria universal por excelência. (1982, p. 19)

A migração muito contribuiu para a ocupação do espaço amazônico, sendo, em geral, o principal fator responsável pelo crescimento da população total da região. Ela foi também importante na elevação do volume da força de trabalho. Parte da mão-de-obra da imigração dirigida se reorientou para os seringais, com objetivo de trabalhar na produção da borracha.

No discurso crítico de Stuart Hall a dicotomia lugar/ espaço se acentua, pois para ele: “Os lugares permanecem fixos; é neles que temos ‘raízes’. Entretanto, o espaço pode ser ‘cruzado’ num piscar de olhos” (HALL, 2004, p.72-73). Ou seja, ao entrar em outra cultura, há uma interferência e ela dificulta a conservação da identidade cultural, antes considerada estável.

²² LIMA, Simone de Souza. Anotações retiradas de um artigo inédito intitulado: *A Questão da Espacialidade em Narrativas da Pan-Amazônia*. Ano 2007.

A literatura nacional, há tempos, vem usando o espaço amazônico como elemento referencial da cultura e da tradição nortista. Ele tem adquirido prioridade no desenvolvimento da ação das narrativas, comprovando mais uma vez o pensamento de Antônio Dimas (1994), para quem todos os elementos da narrativa podem ser encontrados no espaço.

O espaço geográfico amazônico é essencialmente aquático, por isso Leandro Tocantins (1982) diz que a história do homem desta região se confunde com a dos rios, uma vez que ele precisa se adaptar, aprender a conviver, em fusão, com os caminhos das águas. O rio integra o ambiente das personagens ficcionais amazônicas. Ele é o referencial para o desenvolvimento da vida. Uma vez na região, os migrantes eram “postos” distantes de quaisquer núcleos urbanos. O único meio hábil de transporte na região era o rio.

A biografia humana passa a ser contada a partir do rio. O rio, espécie de papai grande. Porque ninguém é filho de tal lugar (excetuando as cidades), ou vem ou vai para esse lugar. E sim, nasceu no Juruá, vive no Purus, casou no Acre, corta seringa no Madeira, mudou-se para o Yaco. Se é imigrante nordestino, e dos sertões, ele, que se acostumou a pisar em securas de terra, estranha tanta água, tanto rio de viajar, canoa e remo ao invés de cavalo e sela. (TOCANTINS, 1982, p. 8)

O personagem ficcional amazônico vivencia uma prática com o lugar que poderíamos caracterizar de processo simbiótico, quer dizer, em suas práticas cotidianas em relação ao trabalho, ao serviço doméstico, a busca pela comida e pelo prazer se efetiva no entrelaçamento com o rio, com a natureza, conforme podemos verificar nas palavras de Matias Albuquerque: “Além do mais, aleguei o prazer que me davam uns mergulhos no rio, antes do banho com a água de cacimba, para ir depois, descansando, tomar minha última refeição”. (LIMA, 2002, p. 257). E ainda quando ele afirma:

Nesse comenos, vendo Inácio se aproximar, encarreguei-o de providenciar algum peixe leve, capaz de servir como dieta.

Antoninho recomendou, com certa energia:

___ Mas olha lá, Inácio, não vai trazer peixe reimoso. Eu conheço tuas pescarias.

___ Vou não, meu chefe. Vou apanhar umas pescadas finas, que agora é tempo bom pra isso. Pescada de lago, o senhor vai ver. (LIMA, 2002, p. 176).

Assim como na narrativa em estudo, outras obras ambientadas na região amazônica destacam a importância dos rios para o homem do lugar. E essas narrativas tratam o rio, como um elemento comum, ou seja, é por ele que vem o visitante, a mercadoria, a solução dos problemas, o alimento, enfim, todos os constituintes de uma vida na floresta. É o que se percebe no livro *Um velho que lia romances de amor*²³, de Luis Sepúlveda. O narrador comenta que a única esperança da

²³ SEPÚLVEDA, Luis. *Um velho que lia romances de amor*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

população vem pelo rio e chega de barco. É por ele que chegam também os médicos e o atendimento de saúde.

As pessoas aguardavam a chegada do barco sem outra esperança que a de ver renovadas suas provisões de sal, gás, cerveja e aguardente, mas recebiam o dentista com alívio, sobretudo os sobreviventes da malária cansados de cuspir restos de dentes e ansiosos por ter a boca limpa de lascas, para experimentar uma das próteses alinhadas sobre uma toalha roxa de indiscutível ar cardinalício. (2004, p. 8).

Leandro Tocantins (1982) fala ainda sobre a importância dos fenômenos atmosféricos que interferem no movimento dos rios. Na Amazônia existem duas estações: o inverno, que acontece aproximadamente entre os meses de janeiro a julho, período em que chove muito e há enchentes; e o verão, de agosto a dezembro, período caracterizado pelas secas, águas baixas e dificuldade de navegação. Esta organização climática implica numa reorganização do espaço no seringal. É quando as cheias acontecem que os rios transbordam, as estradas ficam intransitáveis e, com isso, o corte da seringa fica suspenso. Cláudio de Araújo Lima expõe estes aspectos naturais, através da fala dos homens da região amazônica:

O vento está descendo o rio em vez de subir. Está descendo das serras da Bolívia. Repare como ele está quase gelado. Diz que lá em cima é tudo cheio de gelo. O vento vai passando por cima e, quando chega aqui, é como o senhor vai ver, que Deus nos livre e guarde. Por isso é que eu não gosto de junho e de julho. (LIMA, 2002, p. 206)

As duas oposições climáticas da floresta trazem tanto os benefícios quanto as dificuldades para a produção da borracha. Com as cheias e a conseqüente estagnação da vida no seringal, o Coronel Cipriano, assim como os demais seringalistas, “baixavam” em direção a cidade, em busca do prazer que a urbanização lhes proporcionava e da companhia das mulheres. “Antoninho sabia que, à medida que o rio fosse elevando seu nível, mais perto ficaria o dia em que o patrão se aproximava de um último estouro de raiva e do programa de baixar para Manaus”. (LIMA, 2002, p. 159).

A subida das águas também provocava mau humor em Cipriano. “Cipriano ia de mal a pior, cada dia que passava, e à medida que as águas galgavam os barrancos”. (LIMA, 2002, p. 160). O seringalista esperava com ansiedade os dias que passaria na cidade desfrutando da companhia das prostitutas da Pensão Floreaux, consumia bebida importada, vestia-se como um europeu. Era como se todo o seu *status* de Coronel só fosse realmente válido na cidade, em outras palavras, no lugar onde ele tinha prazer. Ele ia para Manaus, em busca de diversão, como percebido na passagem seguinte:

Em busca da vida noturna em que chafurdaria até a baixa das águas, como era o hábito daqueles falsos potentados que, ano por ano, sempre tratavam de trocar, no período da cheia, o mísero primitivismo da choupana na selva pelo luxo europeu do Hotel Cassina. A abstinência sexual forçada, pelos desregramentos orgíacos da Pensão Floreaux. O rude convívio dos seringueiros broncos, pelas mesuras bajulatórias dos grandes comerciantes aviadores. O grosseiro traje usado no seringal, pelo enfarpelamento nos fatos de H.J. engomados na Lavanderia Chinesa. A solidão, pelo vaivém dos sessenta mil habitantes da cidade moderna. O silêncio incômodo das noites agrestes, pelo *bruhaha* das salas de jogo e das casas aperitivas (LIMA, 2002, p. 160).

As águas dos rios amazônicos atravessam todo o percurso de cada personagem em *Coronel de Barranco*. Elas têm movimentos constantes e estão presentes na vida de todos. Porém, enquanto, os fatos se desenvolvem, as águas dos rios seguem seu curso natural, independente, de qualquer coisa. São testemunhas de passeios, das enchentes, das desavenças de Coronel Cipriano com o regatão, das saudades de Matias, das infrações dos seringueiros, de absolutamente tudo que compõe a realidade do Seringal Fé em Deus.

Os seringalistas retornavam, depois de três ou quatro meses, sentindo-se aliviados pelos prazeres desfrutados durante a temporada na cidade e também pelas vendas que tinham efetuado no mesmo período. Em contrapartida, este período era o pior para os seringueiros, pois as mudanças de tempo impossibilitavam o ganho de saldo e aumentavam os gastos com os utensílios e alimentação básica à sobrevivência.

Cheio de bom humor, como se a sua sorte dependesse, primeiramente, da quantidade de borracha extraída e não das vendas no armazém, que, durante as grandes águas, até lhe propiciavam vantagens relativamente maiores, sendo o período em que os seringueiros tinham só de gastar, para comer e viver, e o que traziam em peles jamais ajudavam a aumentar ou sequer manter o nível dos seus saldos. (LIMA, 2002, p. 165)

Os rios levam a todos os lugares na floresta e mexem com o imaginário de homens e mulheres da região amazônica. Eles são o espaço em transição; uma espécie de testemunha do mover das personagens. “Ou até para um mês inteiro, conforme a localização, como alguns, que só alcançam a barraca de canoa”. (LIMA, 2002, p. 221). Fazendo alusão a obra de Leandro Tocantins, pode-se dizer que na Amazônia, “os rios comandam a vida²⁴” e unem o que é considerado distante.

Completamente alheios a essa forma de vida, antes da chegada à Amazônia, os nordestinos preferem a seca, pois afirmam que ela tem fim, ao contrário do excesso de água que eles acreditam não acabar. “__ Acho que era melhor ter ficado lá, mesmo pra morrer de sede. Porque a seca

²⁴ TOCANTINS, Leandro. *O Rio Comanda a Vida: Uma interpretação da Amazônia*. Manaus: editora Valer/Edições Governo do Estado, 2000.

sempre acaba. E esse mundão de água? A gente não pode nem andar, no tempo da cheia”. (LIMA, 2002, p. 224).

Desta maneira, o clima reconfigura o espaço, e este redefine o ritmo que se desenrola as ações humanas entre o espaço, o tempo e o homem. Os seringueiros vivem a dicotomia do tempo em seus próprios corpos. Enquanto, o verão autoriza o trabalho, o inverno anuncia o marasmo e amplia as dificuldades de sobrevivência.

No processo de produção do espaço há uma constante dimensão política que leva a diferentes formas de controle. Quando a sociedade age sobre o espaço, ela não o faz sobre os objetos como realidade física, mas como realidade social, incluindo, nessa perspectiva, o próprio homem. Em outras palavras, os objetos sociais e os homens recebem atribuição de valores. Ou seja, à medida que os estrangeiros foram sendo inseridos na Amazônia, eles passaram a usar objetos que até àquele momento não lhe eram necessários.

(...) Primeiro, vai receber as ferramentas para trabalhar, que você vai pagar. Se perder, se quebrar, o negócio é com você. Pega logo um saco de serrapilheira, desses aí, pra botar os troços dentro.

Zeca ia entregando a mercadoria, enquanto o Antoninho, com o ar meio alheado, tomava notas para o assentamento no livro de contas correntes.

__ Um boião para defumação.

Joça mirava, meio intrigado, a peça de ferro.

__ Novecentas e sessenta tigelinhas.

Ao que Cipriano interveio, vendo os olhos arregalados do brabo diante das pequenas peças de folha-de-flandres:

__ Depois se explica como é que faz pra usar essa joça. Vai tocando, Zeca.

Entregaram-lhe a machadinha. O facão. E mais o resto do material básico: garfo, colher, caneca, prato, panelas. Afinal, um rifle com duzentas balas.

__ Coronel, me desculpe, mas que é isso?

__ Nunca viu? Ou será que está pensando que é um maracá?

__ Queria só saber, me desculpe, pra que tanta bala?

__ Não é pra matar passarinho, não. Ou vai querer enfrentar onça e índio, só mostrando a mão, como padre pra espantar demônio?

Joça ficou meio desajeitado e confessou:

__ Coronel, é que eu nunca dei tiro, não. Não sei nem pegar em espingarda.

(LIMA, 2002, p. 148-149)

Como componente do espaço amazônico, há o barracão sinônimo do poder, de onde os sujeitos compram suas mercadorias – espaço onde ocorre a socialização dos homens seringueiros; as estradas de seringa que simbolizam a esperança do Eldorado; que por sua vez, levam ao solitário tapiri, local onde se defumava a borracha, geralmente todo fechado de palha com uma pequena porta na frente. Matias Albuquerque descreve a moradia dos seringalistas na seguinte passagem:

Barracão tosco e feio, quase como uma choupana grande. Paredes e soalhos de paxiúba. Cobertura de palha. Tapas, em vez de portas, nos quartos. Um arremedo de cozinha, onde se preparava a refeição quase ao ar livre num grosseiro fogão de

barro. Ausência de qualquer peça que pudesse lembrar vagamente um banheiro, apenas representado por um cubículo onde se viam dois urinóis grandes, descascados nas beiras. (2002, p. 130)

O narrador compara a impessoalidade do seringal Fé em Deus com a humanizada casa de seu Tio Amâncio, onde vivera na juventude. “Uma construção simples, desprovida de apuro, que guardava, contudo, a essência de uma verdadeira morada humana”. (LIMA, 2002, p. 129). Ele se assusta com o lugar onde terá que viver, sente falta de sua família organizada e do calor maternal da tia, que vivia no seringal Tristeza.

É o narrador cosmopolita que constrói os espaços da narrativa, atribuindo-lhes significados a partir do conhecimento que já possui, da sua visão de mundo, de experiências outrora vividas. Por isso, faz uso da reconstituição de retalhos de sua memória e do que acredita ser importante para fazer seus relatos. O reconhecimento de lugares reais na ficção não implica que se trate da reprodução do mundo real, mas sim da leitura e do mundo particular do autor que o permitem perceber esses lugares referenciados. O narrador cria o seringal, a partir de suas impressões pessoais, de sua memória, sua vivência nessa parte da Amazônia.

Uma das relações sociais mais fortes no seringal se dá no barracão, onde se registra o traço da geografia humana; no centro econômico do seringal Fé em Deus e, também, nas colocações, onde ficam as moradias dos seringueiros. Em contrapartida, a cidade era cercada do luxo, do fausto de uma época de exageros, em que se acreditava que a riqueza era eterna (*belle époque*), fomentava-se a prostituição que completava a vida dos homens de poder da região, onde se gastava o dinheiro das Casas Aviadoras. Estas instituições comerciais se organizavam, como uma espécie de rede bancária, pois eram as financiadoras da produção de borracha, que abriam crédito ao dono do seringal, em forma de mercadorias e gêneros. Crédito este que seria resgatado pela entrega da safra produzida no ano de fabrico. Por sua vez, as Casas Aviadoras estavam presas às casas exportadoras – em sua maioria européias – que monopolizavam o comércio de exportação da borracha. Cercando todos estes cenários, está a floresta amazônica e sua paisagem misteriosa que se faz a partir das relações estabelecidas com o homem.

Para medir o poder econômico da borracha é só observar os fatos históricos que revelam o único objetivo das Casas Aviadoras, como sendo financiar as safras de borracha, em forma de mercadorias. Desprezava-se qualquer idéia de financiamento à outra atividade, como por exemplo, a agricultura. A borracha destruíra a agricultura. E no seu notável ritmo de evolução, a goma elástica empolgava os mercados internacionais, originando o ciclo do ouro-negro e sincronizando a economia da Amazônia com a do mundo.

O barracão é o coração do seringal, escritório central, onde circula os produtos que alimentam os que ali vivem. É nele que os seringueiros se reúnem aos domingos para contar seus ‘causos’, para reclamar, questionar e também para rir das vicissitudes da vida. A conversa gira em torno do corte da seringa, do saldo e da ausência de mulheres. De acordo com Matias Albuquerque, era no barracão que estavam “volumes e volumes, cuidadosamente classificados, de toda espécie de gêneros, indo dos mais triviais aos mais requintados”. (LIMA, 2002, p. 155). E diz ainda que havia:

Da jabá e do arroz ao *patê de foiegras*. Do simples feijão ao caviar. Latas e latas de doces variados, da goiabada às cerejas em calda. Fazendas e sapatos. Ferramentas. Armas. Munição. Peixes secos e enlatados. Grandes frascas de aguardente, ao lado das garrafas de uísque, rum, conhaque, vermouths e de vinhos europeus, tintos e brancos. Lâmpadas e lâmparinas. Imagens de santos. Velas de cera, de estearina. Dos rolos de fumo barato aos charutos cubanos e às latas de cigarros ingleses, junto com os cachimbos de legítima procedência britânica. (LIMA, 2002, p. 156)

Os barracões se localizam nas proximidades dos rios, como sendo uma parte do cenário que aproxima o homem da natureza e dos caminhos que o permitem deslocar-se na floresta. Esta aproximação facilita o mover dos moradores do seringal, uma vez que o rio é a única vereda que leva e trás em meio à floresta.

As comunidades, as barracas, os barracões se desenvolvem à beira dos rios, junto aos barrancos, equilibrados nos esteios, prontos para locomoverem-se à ré se as terras caídas ameaçaram as palafitas, mas sempre junto da água na atração máxima do caudal que é a vereda das energias vitais. (TOCANTINS, 2000, p. 277)

Para Matias Albuquerque, o barracão “não designava apenas a casa do patrão, mas o conjunto de todas as dependências que ativavam o funcionamento do seringal na margem”. (LIMA, 2002, p. 70). As idéias do narrador dialogam com o pensamento de Leandro Tocantins, quando ele fala sobre sua importância e ressalta a necessidade comercial de aproximação entre o barracão e os rios:

As comunidades, as barracas, os barracões se desenvolvem à beira dos rios, junto aos barrancos, equilibrados nos esteios, prontos para locomoverem-se à ré se as terras caídas ameaçaram as palafitas, mas sempre junto da água, na atração máxima do caudal que é a vereda das energias vitais. (2002, p. 277)

Em meio a tudo isto, cria-se uma relação contraditória e diversificada entre o homem e o espaço que se ocupa. Quando o autor traz as referências do seringal e da cidade de Manaus durante o primeiro ciclo da borracha, ele não apenas está escolhendo um pano de fundo para sua história, mas está construindo um espaço que também é a história. Ao se estabelecer um determinado

sistema de trabalho sobre uma superfície natural, ocorre aí uma nova territorialização do espaço, caracterizada por uma nova “paisagem” que implicará em controle e conferirá poder a alguém.

Leandro Tocantins (2000) afirma que a Amazônia nasce e desenvolve-se em torno dos rios. São eles que enchem a vida dos moradores da região, imprimindo ritmo e direcionando vidas. Ainda no dizer do autor, os rios são a fonte perene do progresso, pois asseguram a vida humana e embelezam a paisagem. Mas são eles também os responsáveis pelas alagações e enchentes que dificultam o trabalho, principalmente, com a seringa.

Os caminhos que andam trazem a fortuna ou a desgraça. Quando nas cheias a navegação alcança os sítios mais longínquos, certas vezes as alegrias do feliz acontecimento são toldados pelas inundações funestas, arrasando culturas agrícolas, tragando barrancos, levando o desespero aos lares, e constituindo uma série ameaça a economia. (TOCANTINS, 2000, p. 276)

Em *Coronel de Barranco*, Cláudio de Araújo Lima explicita quão importante são os rios para o indivíduo que habita em meio à floresta. Para o autor, eles são responsáveis pela vida no seringal. Pois, dependendo do lugar leva-se um mês inteiro para chegar e “só alcançam a barraca de canoa”. (LIMA, 2002, p. 221). A pesquisadora Daniela Marchese corrobora com o autor ao afirmar que: “O rio é percebido como ligação e continuidade entre o ‘aqui’ e os outros lugares (...)”. (2005, p.76). Em outras palavras, pode-se aferir que as águas dos rios coordenam o deslocamento na floresta.

O rio é um elemento concreto, conhecido e importante na realidade amazônica. Marchese (2005) afirma que ele é uma metáfora e é entendido como linha. Os seringueiros definem o espaço vivido e próximo como baixo, linear, movimentado e central. Como na passagem: “Mas podia criar gado no baixo Amazonas. Montar um negócio em Manaus. Comprar umas casas para alugar. Fosse lá o que fosse”. (2002, p. 298). Em oposição àquele vivido e distante, que é pensando como alto, circular, periférico e tranqüilo. “Ia continuar a subir o rio. Entrar pela Bolívia adentro. Enfiar-me por um caminho que me levasse ao Peru. Até alcançar as bordas do Pacífico”. (2002, p. 368). Desta forma, observa-se como as águas situam os homens da região no espaço e como a sua localização dentro dele reflete seu pensar e agir, além é claro do seu destino dentro da floresta.

Pelas águas dos rios chegam as gaiolas²⁵, controladas pelos regatões, que trazem às mercadorias necessárias a sobrevivência na região. “O gaiola converte-se em armazém, jardim,

²⁵ Gaiola é o meio de transporte que leva mercadoria ao seringal. “Os gaiolas, de calado variável entre 3,50m a 1m, elegem-se com o seu cunho típico em um dos barcos mais pitorescos da Amazônia, incorporados à história e à tradição regionais como o trem de ferro na conquista do Oeste norte-americano. De dois a três conveses, camarotes ao centro ou na amurada, a borda é cercada entre os balaústres do segundo e terceiro conveses por uma tela grossa pintada, sobre a qual correm os passageiros. Foi talvez deste aspecto singular que lhe adveio o apelido de gaiola”. (TOCANTINS, 2000, p. 270).

zoológico, mercado, numa confusão de feira oriental”. (TOCANTINS, 2000, p. 266). Ainda no pensamento de Leandro Tocantins (2000), o rio é essencialmente necessário para a penetração e o transporte de gêneros, veículo de mobilidade da riqueza. Já o regatão é quem leva as gaiolas aos seringais, sendo um personagem significativo no ir e vir das águas dos rios amazônicos:

O regatão, sorridente, mesuroso, abalando-se às maiores aventuras – porque sempre é malvisto, combatido e às vezes perseguido a tiro de rifle pelos agentes dos seringalistas – vai oferecendo, conquistando, tentando, enganando aquela gente rude da margem dos rios. (2000, p. 196).

Além da gaiola usada para o transporte de mercadorias, há também a canoa utilizada para navegar pelos caudalosos rios amazônicos. Para Leandro Tocantins (1982), sem a canoa não seria possível o giro mercantil e o transporte entre os pontos de interesse social. E ele diz ainda que:

A canoa criou uma figura que até hoje perdura na paisagem social amazônica, expressando o caráter da geografia, com a marca dominante da água: o regatão. Evoluindo do tipo comum de comerciante para um estágio de trabalho mais desenvolvido, mais complexo, que demandava certas artes e habilidades de espírito, o ofício, primeiro, foi português, e depois acabou por ser, já no século XIX, ofício da preferência do turco, do sírio-libanês, povos que se notabilizavam como o mascate original e típico da Amazônia. (1982, p. 69)

Este meio de transporte chega aos lugares mais longínquos e é o responsável pelos utensílios básicos usados pela população das margens dos rios. Observa-se na obra de ficção estudada aqui, que quanto mais longe da cidade maior era o preço dos produtos cobrados pelo regatão.

(...) nas cabeceiras do rio, onde os preços iam crescendo, na proporção em que a localidade estivesse mais distanciada de Manaus. Sobretudo em certos afluentes menores, onde os vapores ou as lanchas nunca chegavam a entrar, e só os regatões proviam as necessidades prementes. (LIMA, 2002, p. 138)

Os regatões são os comerciantes das margens dos rios. A maioria deles era proveniente das correntes migratórias sírio-libanesas do início do século XIX, e de acordo com Márcio Souza (2000) também eram os responsáveis pela introdução do sistema do crediário que trouxe à população pobre o mercado elitista. Estes comerciantes não são bem vistos pelos seringalistas que temiam a comercialização de produtos com os seringueiros, que por sua vez, só podiam manter vínculos comerciais com o barracão. Na narrativa em estudo, evidenciam-se os problemas existentes entre o regatão e os donos de seringais, uma vez que estes comerciantes eram os responsáveis pela venda ilegal de mercadorias baratas aos seringueiros.

___ Aquilo está com cara é de regatão.

Quando reconheceu a galeota, que cada proprietário considerava o pior inimigo dos seringalistas, Cipriano rosnou:

— Esse turco filho duma égua ... Ainda acaba levando uma pisa. E se eu me aborrecer muito. Bom. Zeca. Vai buscar os rifles. (LIMA, 2002, p. 135).

O rio é presença constante na realidade histórica e cotidiana do seringueiro; é o elemento concreto que serve como referência para o habitante da floresta. Ou seja, ele funciona como metáfora na descrição do espaço vivido pelo morador dos seringais.

O Maciel veio, a gente ajeitou o Joca em cima da bicha, e fomos de madrugada até a beira do rio pra pegar a canoa do José da Silva. Aquele que o centro dele está bem perto da entrada do lago. Aí, quando a gente já estava chegando na beira d'água, ia passando uma embarcação, o Maciel deu dois tiros pro ar e eu pedi passagem pra aqui. (LIMA, 2002, p. 172).

O rio e a borracha passam a designar até a origem das pessoas e dos lugares. Eles são usados como referência e direcionam os sujeitos, tornando-os parte da paisagem e estreitando os laços entre o espaço e o lugar. Em *Coronel de Barranco*, nota-se que Cláudio de Araújo Lima usa esse recurso para indicar a procedência dos personagens que habitam o seringal. Observa-se a seguir: “Aquele paraibano lá do Riozinho, também inventou um negócio para se distrair”. (LIMA, 2002, p. 225). O que comprova o pensamento de Leandro Tocantins quando ele diz que:

Quando alguém se refere à terra natal só costuma dizer: eu nasci no Juruá, eu nasci no Purus. Se fala da borracha, esta perde a sua qualidade de produto silvestre para ser do rio: borracha do Abunã, borracha do Xingu. Quando há ocasião de assinalar uma área produtiva, o rio é que absorve os elogios: o Yaco é bom de leite, o Antimari é grande produtor de borracha. As ocorrências da vida de cada um estão ligados ao rio e não à terra: fui muito feliz no Tarauacá, fiquei noivo no Envira e casei no Muru. (TOCANTINS, 2000, p. 278).

Daniela Marchese (2005) afirma que enquanto o rio estrutura o espaço com suas direções, a estrada estrutura, com seus nomes, formando assim, o que ela chama de *espaço-floresta*. Ou seja, a estrada e o rio, são elementos culturais que muito contribuem para formar a identidade seringueira e, sobretudo, a relação que o seringueiro estabelece com estes. Pode-se dizer que essa ligação entre a identidade e o lugar em que os sujeitos estão inseridos faz-se, de acordo com SILVA (2005), pois para ele a identidade é algo relacional, e surge em interação com o que os sujeitos se identificam.

(...) a *cabeceira* do rio define um espaço Alto contraposto a um Baixo, enquanto as *pernas da estrada* definem o espaço de trabalho percorrido a pé, a *boca da estrada* aquele onde se pára para comer durante a pausa do descanso, a *manga* aquele onde se vai para cortar a seringueira e o *seio* aquele no qual se está protegido, portanto onde não é possível perder-se. (2005, p. 129)

A estrada, assim chamada pelos seringueiros, era na verdade um caminho aberto no meio da mata, geralmente, de forma circular: começava e terminava onde ficava a moradia do seringueiro. O

conjunto dessas estradas constituía o seringal, que segundo Aldrin Moura de Figueiredo (1997), não possuía mais de duzentas seringueiras no espaço entre 10 a 15 quilômetros. Para o narrador em *Coronel de Barranco*, a estrada era:

(...) linha imaginária, rasgada no coração da floresta a golpes de facão, para ligar uma seringueira aqui a outra seringueira situada cem ou duzentos metros adiante, num ziguezague que tinha de voltar, obrigatoriamente, ao ponto de partida, junto à barraca do desbravador. (LIMA, 2002, p. 46)

Marchese (2005) diz também que os seringueiros possuem um *espaço-território* que é identificado como o lugar onde nascem os rios. E é neste espaço em que se localiza o amazônida, pois ele tem como referência o rio para se locomover em meio à floresta. E é nesta inserção no espaço, que se faz uso de algumas expressões para melhor situá-lo no ambiente em que está inserido. É o caso dos termos “centro” e “cabeceiras dos altos rios”. O centro era a denominação que recebia a região localizada distante do rio, bem no meio do seringal. “E enquanto lhe dava informações sobre o modo de viver num ‘centro’ – o primitivismo da pousada, a solidão celibatária, a monotonia da alimentação – percebi que Sandoval servia ao inglês um pouco de café, na caneca de folha”. (LIMA, 2002, p. 44). E o termo cabeceira do alto rio designava o local onde começava o rio, ou seja, onde ele nascia. “(...) nas cabeceiras dos altos rios, marcava a existência de tudo e de todos, naquele pedaço do ano”. (2002, p. 160).

Depreende-se que o espaço amazônico é um instrumento de manutenção, conquista e exercício de poder. Para Roberto Lobato Corrêa (2007), o espaço é concebido como *locus* da reprodução das relações sociais, isto é, reprodução da sociedade. No pensar do autor, não há como falar em sociedade e espaço de forma separada, mas sim como formação sócio-espacial. Na narrativa *Coronel de Barranco*, observam-se quão evidentes são as distinções de espaço e como se estabelecem as formas de convivência. O dono do seringal ocupa o barracão, enquanto os seringueiros transitam entre suas colocações²⁶ e o tapiri. A ligação entre os dois espaços é somente o rio. Este é o ambiente em comum, por onde todos são obrigados a transitar, igualando-se entre si e interagindo com a natureza.

²⁶ Colocação é o território dado ao seringueiro; compreende a casa e as estradas de seringa colocadas sob sua responsabilidade.

4.1 – FLORESTA AMAZÔNICA: UM ESPAÇO DE MUDANÇA

A literatura sempre é expressão do homem e das relações que ele estabelece com o meio em que vive, com o seu espaço social. Esse espaço, na sociedade contemporânea, muitas vezes interfere no modo do homem de ser e de agir. Também o tempo é fator de influência, podendo levar o sujeito a descentrar-se e a perder a identidade. A literatura, então, registra essas situações e possibilita uma melhor compreensão do universo social, à medida que o leitor se encontra com ela.

Para Antônio Dimas (1994), a ambientação de uma narrativa é conotada, subjacente e implícita, geralmente, introduzida pelas percepções do narrador. No texto literário, as mudanças decorrentes dos processos de transformação das sociedades interferem no modo de olhar que o narrador dispensa aos objetos que focaliza. E é exatamente Matias Albuquerque quem descreve o barracão, o tapiri, a estrada da seringa, o rio, tornando-os presentes na narrativa, ligados entre si pelo trabalho com a seringueira e a ganância dos seringalistas em busca do enriquecimento fácil proporcionado pela produção da borracha.

Entre as descrições dos cenários, há a figura do homem, representado entre outras personagens, pelos nordestinos. Enquanto Matias Albuquerque oscila entre a Europa e a Amazônia, os seringalistas, os caboclos e os brabos transitam em meio à floresta, em dois lugares opostos, mas ao mesmo tempo interligados: o seringal e a cidade de Manaus.

O nordestino, ao chegar à Amazônia, passa por esse processo de adaptação do espaço em lugar. Os migrantes sabiam que quem dispusesse a sangrar a seringueira, precisaria encarnar ânimo forte, coragem, saúde de ferro, além de um modo especial de tratar essa espessura de árvore e de conviver bem neste espaço. Como dito por Leandro Tocantins no trecho a seguir:

Homem e selva haviam de encontrar um equilíbrio estável, indo, mesmo, às artes muito humanas da obstinação, da conformação, da esperança. Artes espirituais que deviam completar as artes da força viva dos braços e das pernas. (1982, p. 104)

O seringal era uma empresa desvinculada da terra, ou seja, ele não propiciava o povoamento nos tempos áureos da borracha, uma vez que as pessoas se instalavam em uma área até exaurir as seringueiras, mudando-se então para outra. “Porque cada um só pensa em ganhar o máximo, para fugir o mais depressa possível do inferno dos seringais”. (LIMA, 2002, p. 99). Quanto à escolha da localização do seringal, acreditava-se que o mais importante era situá-lo próximo à cidade de Belém ou Manaus, centro de exportação; ser preferencialmente à margem de um rio largo, que permitisse

que embarcações maiores pudessem aportar; e ser em terra firme, evitando problemas na época das cheias dos rios amazônicos. O surgimento do seringal transformou, portanto, o processo econômico, refletindo no modo de vida da população.

Para Pedro Martinello (2004), as regiões do Acre e dos outros rios eram ricas em *hévea brasilienses* e atraíam mais os imigrantes, porque eles estavam em busca de recursos imediatos e temporários, incidência abundante da seringa, necessidade de novos espaços para a mão-de-obra e aumento de produção gumífera, além do esgotamento das árvores produtoras nas regiões dos baixos rios.

O manuseio da terra, o corte da seringa, e, por consequência, a produção da borracha ajudavam os sujeitos a ocuparem melhor o espaço, adentrando no complexo campo de forças formado pela produção, circulação e consumo. O trabalho do seringueiro consistia em fazer duas vezes ao dia a ronda da estrada. “Ia raiando o dia, quando chegamos ao pé da primeira seringueira”. (LIMA, 2002, p. 45). A primeira, ainda no período da madrugada, para sangrar as árvores²⁷ e colocar a tigela para recolher o látex. A segunda, à tarde, para retirar o líquido. Mas isso não era tudo, à noite ainda havia coagulação do leite da seringa mediante a defumação.

Terminada a coleta, Sandoval arrumava as tigelinhas, umas dentro das outras, depois de correr o dedo pela superfície interna, para esgotá-las completamente, e colocava-as de boca para baixo num pedaço de galho próximo. (LIMA, 2002, p. 48).

Na colocação, os homens organizavam suas vidas, faziam sua própria comida, cuidavam das suas poucas peças de roupas, trabalhavam; alguns tinham a oportunidade de ter um animal como companhia, outros amarguravam a solidão e o silêncio. O homem agiu de acordo com suas necessidades, adaptando-se ao espaço. Organizou-se com técnicas e instrumentos próprios, aprendendo a lidar com o meio ambiente e dele extraíndo o fator econômico que o prendeu a terra.

Este processo de transformação na Amazônia trouxe novos recursos para a produção da borracha e novas relações de grupo entre os que se dispuseram ao trabalho. O ciclo da borracha fez surgir outras forças, até então, desconhecidas durante o período em que o sistema econômico amazônico girava apenas em torno das drogas do sertão. Apesar de algum desânimo, dificuldade e desafios havia muito de perseverança e determinação nos trabalhadores dos seringais. E quanto mais passava o tempo maior interação existia entre eles e o lugar em que eles estavam inseridos.

É preciso desnaturalizar o mover das personagens no espaço amazônico. Elas não chegam por acaso a estes ambientes. Elas são levadas a eles pela alta demanda da borracha. A destruição e

²⁷ Sangrar as árvores é fazer um tipo de corte na seringueira para a extração do látex.

as modificações dos corpos, por consequência, correspondem numa escala maior, a destruição do espaço, da cidade, que passa a ser representada e não mais efetivamente ocupada.

A constituição do espaço é descrita pelo narrador Matias Albuquerque. Ele chega à Amazônia pela necessidade de esquecer o passado e viver, no futuro, a aventura que seria o primeiro ciclo econômico da borracha. Operando um corte no tempo e no espaço, o narrador se situa entre a Amazônia e a Europa. A maneira em que o narrador descreve uma cidade ou um quarto mostra a forma como o autor vê o seu mundo e a maneira como pretende resistir a ele, e, quem sabe, mudá-lo. Passado e presente se encontram na memória de quem a escreve, nas descrições dos ambientes, nas histórias vividas, nas relações pessoais e em tudo mais que compõe a vida das personagens.

Como se fosse uma moldura, a narrativa abre e fecha com a cena do céu avermelhado e o bando de araras coloridas grasnando por cima da cabeça do narrador cosmopolita, enquanto ele cruzava o rio de águas barrentas. A obra chama atenção para o exotismo da região, onde reina o sol vermelho, o calor, o céu amarelo e verde e, sobretudo, o rio.

Justamente assim, pelos meados de 1876, num cair de tarde, sob o céu avermelhado, o bando de araras azuis e amarelas e verdes encarnadas, grasnando e grasnando, atravessara o Paraná, pos cima da minha cabeça adolescente, em certo trecho de mundo que se estende entre foz do Madeira e a boca do Tapajós. (LIMA, 2002, p. 39)

E foi pelo anoitecer, à hora de voltar, o céu se avermelhando com os últimos raios de sol, que a barulheira áspera, de repente, me arrancou da contemplação em que eu vinha, alheado do mundo, os ouvidos acalentados pelo baticum rítmico do remo de Quinquim, a atravessar o rio de águas barrentas. Quando o bando de araras, azuis e amarelas e verdes e encarnadas, cruzou o rio, grasnando e grasnando, até se perder no outro lado da mata. (LIMA, 2002, p.370)

Stuart Hall (2004) expõe que o deslocamento e a ocupação no espaço, por sua vez, desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações: a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos. No discurso do autor, evidencia-se o pensamento que afirma a construção da identidade como um processo inconsciente, e não inato, existente no momento do nascimento. Para ele, a identidade permanece sempre incompleta, em processo de formação contínua, mantendo relação intrínseca com o lugar onde o sujeito está e por onde ele passa.

Assim como as personagens, as culturas também têm dificuldades de encontrar o seu local dentro do espaço amazônico, devido à suas multiculturas. Antônio Cornejo Polar (2002) diz que esta dificuldade de interação cultural é proveniente da descontinuidade dos espaços e das múltiplas

identidades presentes em cada indivíduo. Assim, também pensa Stuart Hall (2004), que afirma que a identidade do sujeito é móvel e está de acordo com as sociedades com quem mantém interação.

Manaus, assim como Belém, era uma das capitais da borracha. Seus aspectos visíveis e o comportamento de seus habitantes indicavam a fase da prosperidade que foi vivida no ciclo do ouro-negro – até pouco antes da primeira grande guerra – quando a concorrência da borracha asiática veio oferecer esse impulso de civilização e quase estagnar o seu ritmo. O choque entre a existência de locais paupérrimos e de belos lugares, por exemplo, projeta nas personagens o dilema entre o querer e o não poder, levando-as à imaginação.

No caso da cidade, observa-se a zona de prostituição, espaço onde as mulheres vendem o corpo. “Até chegarmos ao Hotel Cassina, fomos flanando pela zona do meretrício. Deixando a Estrada Epaminondas pela rua Itamaracá, onde estavam as mulheres de nível médio. Cruzando a Rua da Independência, reduto das mais sórdidas rameiras”. (LIMA, 2002, p. 102). O ponto de encontro dos homens, como dito antes, em *Coronel de Barranco* era a Pensão Floreaux, uma casa de prostituição. Este local é bastante flutuante e móvel. Durante o dia, as ruas são tomadas por outro tipo de paisagem humana, gente que mora nas proximidades, trabalha e faz compras em estabelecimentos comerciais. À noite, a paisagem cede lugar a uma outra categoria de freqüentadores como as prostitutas que encantam os coronéis, dando à localidade um teor de ambiente cíclico que alterna hábitos no mesmo espaço.

Como a afamada Floreaux (...) onde só se bebia champanha, na companhia de belas cocotes internacionais. Francesas, italianas, russas, húngaras, polacas, orientais. Mulheres de todas as línguas, cores e raças, apenas niveladas pelos figurinos e perfumes que vinham diretamente de Paris. (2002, p. 93).

O espaço apresenta-se como realidade sujeita a transformação no tempo. Percebe-se este fato quando Cipriano deixa o seringal Fé em Deus para matar Conchita e Antoninho, não retornando mais, pois logo após o fato, ele foi preso. Quando o narrador descobriu pelo jornal trazido de Boca do Acre, o assassinato, ele passou a temer pela sobrevivência dos moradores do seringal. Ele se preocupava com a fome e acreditava que ela seria o principal inimigo dos seringueiros. Portanto, teve que ajudar a reorganizar a vida no seringal. Mas ele sabia também que a partir daquele momento, o caminho de cada um deles mudaria para sempre.

Sugeria que pescassem, tendo ali ao alcance da mão, praticamente sem esforço, uma porção de peixes, que, a julgar pelo que aprendera em recente leitura, somavam mais de mil espécies, na bacia amazônica.

Também caçassem nas horas vagas, de folga, visto que na mata em volta encontravam, com a maior facilidade e abundância, animais que lhes forneceriam preciosas carnes.

E fossem plantando suas pequenas roças, uma lavoura ao menos, para a simples sobrevivência.

Como fazia ainda a vista grossa, quando sabia de transações com algum sírio de regatão, desde que o negócio lhes trouxesse gêneros alimentícios.

Fizessem o que bem entendessem. Contanto que não se deixassem vencer pela fome, que da fome é que eu tinha um medo pânico, certo de que seria o golpe de misericórdia no seringal agonizante.

Agissem como melhor lhes parecesse, desde que comessem. (LIMA, 2002, p. 329).

Paralelo a prisão de Cipriano acontece a derrocada da borracha e a vida na floresta se transforma. Constituem-se as primeiras famílias, mulheres e crianças passam a compor o ambiente hostil que cercava o seringal. Não há mais a figura imponente do seringalista. Finalmente, o trabalho é realizado coletivamente e de forma mais humanizada. Todas estas alterações interferem na constituição do espaço, além de alterarem os hábitos e os costumes das pessoas. Estas diferenças evidenciam-se no discurso do narrador cosmopolita, que ressalta o quanto as mudanças de comportamento interferem no espaço. Nota-se a transformação social com a queda da demanda da borracha. O trabalho deixa de estar concentrado somente na produção da seringa e desenvolve-se também o hábito da roça, pesca e caça.

A tal ponto se repetiram os casos que, já no fim daquele ano, começaram a surgir os embriões de alguns lares, coisa desconhecida por ali quando a riqueza da borracha atingira o apogeu. Pelo que o tipo de existência do seringal se transformava. E o que a borracha, nos tempos de alta crescente, não conseguira, pelo contrário sempre impedira, agora, na sua queda progressiva, com os preços aviltantes, ia fazendo nascer, paulatinamente. Como operando um milagre, de que não guardavam outrora nenhuma esperança os que viviam feito prisioneiros da grande mata. (LIMA, 2002, p. 351)

Para Corrêa (2007), a diminuição da oferta e da procura da produção é uma das razões que leva ao remembramento espacial, gerando modificações mais significativas. Estes novos hábitos interferem na alimentação e, por conseqüência, nas modificações do espaço. Amplia-se o ambiente do seringal e criam-se novas estratégias de sobrevivência que auxiliam também na constituição identitária das personagens.

(...) notava-se o desenvolvimento apreciável das pequenas roças, onde a macaxeira, o feijão, o maxixe, o jerimum, o cariru, o milho, começavam a germinar, aqui, a ganhar força nas folhagens acolá. (2002, p. 346)

E a alimentação se modificara, de modo radical, à falta do jabá e do bacalhau, substituídos pelos produtos da caça e da pesca, que um buscava, para seu consumo pessoal. A tal ponto que, freqüentemente, eles já se reuniam para um almoço domingueiro, à base da tartaruga ou de uma succulenta maniçoba, quebrando o tradicional sistema do comer solitário, que era uma das marcas mais inumanas da existência dos seringais. (LIMA, 2002, p. 346).

A orientação do caboclo volta a ser relevante na narrativa, na figura de Inácio. É ele que ajuda, mais uma vez na sobrevivência dos estrangeiros, auxilia sobre o processo de alimentação, sobre a melhor forma de extrair da natureza os recursos, que antes chegavam de barco e eram trazidos pelas Casas Aviadoras. Inácio mostra como estes produtos podem ser substituídos adequadamente pelos recursos naturais, como é possível interagir com o meio, na ausência dos produtos importados.

Orientados por Inácio, dois deles trabalhavam no fabrico da mixera de peixe-boi, para compensar a falta da gordura de porco, que sempre fora importada pelos aviadores, do distante Rio Grande do Sul, quando não vinha mesmo do estrangeiro. (LIMA, 2002, p. 347).

Apesar de muitas dificuldades enfrentadas pela crise econômica que se espalhava em terras amazônicas, havia um espírito de companheirismo. O próprio narrador destaca o quanto as relações se estreitaram no período da derrocada da borracha. Devido a ausência de coação social, há uma solidariedade entre o homem e a natureza que em muito contribui no espaço de sobrevivência e no trabalho.

Todavia, apesar da desgraça econômica, a vida continuavam arrastando-se no seu ramerrão. Arrastando-se melancolicamente, mas sem a atmosfera de revolta que dominava, quando a borracha empolgava os que viviam dela. Pelo contrario, criando um sentimento de solidariedade que nunca existiria, assim tão estreito, entre os desbravadores. (LIMA, 2002, p. 353)

Enquanto o seringal se reorganizava após a queda da borracha, passando por uma reestruturação coletiva, os outros setores econômicos na cidade sofriam com a total falta de dinheiro. A desvalorização da borracha amazônica nos mercados mundiais, logo após a Primeira Guerra Mundial, abalou profundamente a estrutura da sociedade regional. Enfraqueceram-se os fundamentos sociais, em virtude da falta de apoio econômico. As casas aviadoras suspenderam o crédito aos seringais, e muitas delas desapareceram, tragadas pelas falências, pelas liquidações inevitáveis.

A cidade deixa de ser o centro dos grandes investimentos, o local de muitas festas e de gasto de dinheiro fácil. Abandona-se o luxo e tudo que com ele foi usado indevidamente no período áureo amazônico. E não foi só o Extremo-Norte a sofrer as conseqüências da crise da goma elástica. Todo o país também sentiu a ausência dos investimentos com o desmoronamento da borracha. Para Márcio Souza (2001), o seringalista, ainda no regime extrativista, não podia concorrer com os capitalistas da Malásia, uma vez que o anacrônico extrativismo jamais concorreria com o capitalismo. E Souza complementa, afirmando que:

Com a crise do monopólio, a região torna-se um imenso território empobrecido, abandonado, atolando-se aos poucos no marasmo tão característico das terras que viveram um fausto artificial. Por falta de interesse econômico, as comunicações são cortadas, os vínculos com a Europa se desvanecem e, pela primeira vez, a região derrotada foi obrigada a se interessar pelas coisas do Brasil. (2001, p.191)

Cláudio de Araújo Lima expõe sua opinião através de seu narrador: “A permanente alta de uma produção que eu tinha, já por então, a certeza de que encontraria o seu fim inevitável. Um fim que decorria do próprio tipo de economia destrutiva em que se baseava”. (LIMA, 2002, p. 267). Se a borracha tivesse continuado em ascensão durante mais alguns anos, Belém e Manaus apresentariam características ainda de maior poder sócio-econômico. Novas somas de capitais seriam canalizados para a região. Correntes migratórias, em escala crescente, teriam vindo aumentar a área de trabalho regional. E é possível que outras indústrias se estabelecessem, num começo de diversificação econômica, redistribuindo e não concentrando bens.

O interesse dos imigrantes sobre a Amazônia é o fundamento de um estado de alma decorrente da satisfação financeira, da existência própria. Logo se depreende como a borracha, influenciou o temperamento e o comportamento das pessoas, permitindo a integração cultural, social e pessoal daqueles que neste período estiveram na região.

Quando as plantações de borracha do Oriente expulsaram e degradaram economicamente o produto nativo da Amazônia, acabou-se o tempo-borracha. Porém, o homem continuou inserido no espaço físico-social, junto a plantas, animais e a paisagem que o cerca.

Um lugar novo obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação do agir e do pensar. É por isso que o valor atribuído a um determinado lugar pode variar ao longo do tempo. Razões de ordem econômica, política ou cultural podem alterar a sua importância. Porém, o espaço continua sendo morada do homem; é multidimensional, pode ser descrito por metáforas, e é reflexo de uma condição social. Nele encontram-se os grupos que produzem, circulam, transformam, lutam, enfim, vivem e fazem a vida continuar.

5 – CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho, procurou-se estudar a constituição identitária das personagens ficcionais amazônicas no percurso da obra *Coronel de Barranco*, de Cláudio de Araújo Lima. Mas, sabe-se que falar de identidade nos dias atuais é aventurar-se em terreno escorregadio, repleto de rachaduras inesperadas ou, em termos mais objetivos, em território de sentidos complexos e deslizantes. Baseando-se nos Estudos Culturais e na subjetividade de suas relações sociais, fez-se uma abordagem sobre a pluralidade existente em cada sujeito, sendo possível dialogar sobre a complexidade destas relações estabelecidas no lugar em que se está inserido.

Como exposto logo no primeiro capítulo, o homem que chegou na Amazônia – no primeiro ciclo da borracha – é sujeito no processo de ocupação da região. Mas, ele sabe também que adentra na floresta, pois ela o permite abrir seu ventre e sua seiva cobiçada. O processo narrativo do romance estabelece uma ligação íntima entre autor-texto-leitor, pois no momento da leitura e interpretação, o leitor sai do plano real e mergulha no plano da ficção. E é então que se busca a compreensão das personagens e das relações que elas estabelecem entre si e com o outro. Elas constituem-se híbridas e fazem despertar a necessidade de se dar conta do grande processo de deslocamentos e de justaposições, que rompem com as concepções fixas, sedentárias.

A questão da identidade e, com ela a da subjetividade, tem-se colocado hoje de forma expressiva nos mais diversos campos do conhecimento. Os fatores considerados básicos como suportes ou âncoras da identidade são: o espaço, a língua, a comunidade, os costumes, entre outros. A partir disso, a literatura testemunha a importância desses fatores e busca definição para a identidade, seja do ponto de vista individual ou coletivo.

Em *Coronel de Barranco*, a maioria das personagens vem do Nordeste para a Amazônia e acredita na busca do Eldorado. Mas há também os estrangeiros – franceses, ingleses e sírio-libaneses – que neste processo de deslocamento, se fragmentam e sentem a necessidade de se reterritorializar. A relação entre as personagens alimenta a reterritorialização, dominada pela mobilidade, pelos fluxos, pelo desenraizamento e pelo hibridismo cultural.

A lenda do Eldorado era tão recorrente nos primeiros anos da conquista da Amazônia, que muitos aventureiros encontraram um destino trágico na busca. Sir Walter Raleigh andou buscando esse país em sua última e desastrosa expedição ao Orinoco, seguindo os espanhóis na Venezuela. Em busca do

Eldorado também foram para as selvas outros europeus: portugueses, franceses, holandeses e irlandeses. (SOUZA, 2001, p. 30).

De qualquer forma ir para a Amazônia era encontrar-se com os anseios, as riquezas e a necessidade de sobrevivência dada a fartura da região. Para Laélia Rodrigues da Silva (1998), a criação literária durante os dois ciclos amazônicos, monumentaliza a terra e o homem. E no período da decadência, o monumento é destruído e seus fragmentos alimentam outras imagens que não conseguem ser vistas como projeções refletidas a partir da representação nacional, nem atingem o patamar de representações originais. A verdade é que a condição física dos migrantes, aliadas as condições do meio ambiente e da dominação imposta pelo controle econômico da borracha, transformavam-nos em verdadeiros desterrados, como afirma a seguir o narrador Matias Albuquerque:

Até mesmo os encantamentos criados pela experiência de ouvir música perdiam agora, pela sua artificialidade, para a espontânea maviosidade do canto de certos pássaros, que fora aprendendo a identificar, com a educação dia a dia mais apurada do meu ouvido de desterrado. (LIMA, 2002, p. 360)

A migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades. Como afirma Tomaz Tadeu da Silva (2005), a migração é um processo característico de desigualdade em termos de desenvolvimento identitário. Devido a ela, estas identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras.

Laélia Rodrigues da Silva (2002), em outro momento, afirma em seu discurso que os romances amazônicos buscam a representação do espaço social, do imigrante e do nativo em sua relação com o meio físico, caracterizado pela floresta e pelo rio, mas integrado ao processo extrativo, próprio da economia amazônica. É preciso destacar que a vinda dos nordestinos não pressupunha fixação na região e era tida por muitos deles como uma atividade passageira. A volta para o Nordeste estava sempre presente na perspectiva de vida deles.

A literatura sobre a Amazônia começou a ganhar espaço e apreciação no panorama geral das literaturas, devido a muitos anos de pesquisa sobre o homem e o meio em que ele está inserido, como também as influências que essa região, cheia de enigmas, suscita nos interesses internacionais. Grandes pesquisadores e cientistas já passaram por este pedaço de verde e deixaram seus depoimentos sobre o valor tanto econômico quanto cultural de nosso mundo amazônico. A Amazônia não é só inspiração para belos contos e grandes romances, mas é, sobretudo, espaço de um homem, de uma cultura, em que se busca uma evolução compatível com a natureza que se tem.

Marcados no corpo e na mente, seringueiros e seringalistas dividem o mesmo espaço – a Amazônia – e o transformam em lugar de moradia, trabalho e sobrevivência. Eles levam em seus corpos, como dito no segundo capítulo, a marca do trabalho árduo com a borracha e a esperança de uma vida melhor em meio à floresta. Neste contexto, o corpo aparece também como recurso privilegiado para compreender a relação entre estruturas sociais e simbólicas e a ação individual.

A caminhada pela Amazônia, transforma a vida e o corpo dos seringueiros. Os corpos vão se modificando no tempo e no espaço, uma vez que armazenam consigo as experiências vividas na floresta. As doenças, o excesso de trabalho, as privações sexuais vão contribuindo na formação dos sujeitos e na sua constituição identitária.

Porém, com a queda da demanda da borracha, a produção passa a ser menor, o trabalho diminui, as primeiras mulheres são inseridas no contexto e os corpos novamente se modificam. É, então, que nesse momento os seringueiros constituem-se mais fortes, principalmente, pela alimentação que recebem. Não é mais necessária a utilização de produtos enlatados, outrora vendidos no barracão, o que assegura mais saúde e resistência aos homens da floresta. O seringal se transforma e a vida multiplica-se. É o que se evidencia no discurso do narrador:

Realmente o seringal se transformara. (LIMA, 2002, p. 346)

A tal ponto se repetiam os casos que, já no fim daquele ano, começaram a surgir os embriões de alguns lares, coisa desconhecida por ali quando a riqueza da borracha atingiria o apogeu. (LIMA, 2002, p. 351)

Em *Coronel de Barranco*, o caboclo tem uma relação de proximidade, respeito e exaltação à natureza. Para ele, a selva não é apenas o lugar onde vive, mas sua fonte de vida e sobrevivência e com ela há uma interação sujeito/espaço. Em contrapartida, o estrangeiro, na figura de Cipriano, expressa a decadência do homem, após a trajetória de experiências violentas.

No terceiro capítulo, como parte da composição destas personagens, está o espaço que elas ocupam. O seringal surgia como produto de circunstâncias, em meio a árvores produtoras de leite, onde se situavam a colocação, o barracão e o tapiri. Tudo localizado à beira dos rios amazônicos, essencialmente necessários para a penetração e o transporte de gêneros, além de ser veículo de mobilidade da riqueza.

A geografia dos rios, interiorizando a conquista, o apelo econômico da borracha e a expulsão periódica das secas nordestinas, determinando o povoamento, foram os vértices do triângulo sociológico do seringal. As descrições das paisagens e a importância do rio na identidade do homem da região são aspectos de consenso nas realizações discursivas. Barracas e barracões destacam-se na paisagem da Amazônia como um dos principais traços da geografia humana do

período áureo da borracha. Desse modo, justifica-se o estudo do espaço em *Coronel de Barranco* como um objeto privilegiado de compreensão do homem e de sua relação com a sociedade.

A vida social e econômica da região amazônica manifesta-se pelos fenômenos que resultam da colaboração ou da luta entre o homem e a terra. O seringueiro, isto é, o grupo social que se formou na Amazônia, manteve reunido, em torno de si, atributos peculiares ao gênero de atividades que o distinguiu na nova paisagem. Ele trouxe elementos culturais das regiões de onde se originou e, em controle com o novo ambiente, fez surgir novos valores à sombra da indústria extrativa da borracha. Laélia Rodrigues da Silva (2002) observa ainda que estas mesmas características que circundam o homem referem-se não só ao ambiente, mas também ao próprio sujeito e a seus sentimentos.

Em meio a todo este cenário, as personagens da narrativa em estudo, criam suas próprias estratégias de sobrevivência e superam dia-a-dia, com determinação e perseverança, as dificuldades impostas pela natureza e pelos homens de poder da região, que na época administravam os seringais.

A vivência do hibridismo cultural resultou em novas formas de perceber o lugar do 'eu' no mundo; as escolhas individuais podem ser concebidas criticamente como percursos formadores de uma identidade que nunca será plena. Essas personagens movem-se pela Amazônia agrupando superficialmente diversas referências. Um vôo por suas falas e pensamentos revela que vivem 'meio lá e meio cá', como estrangeiras, porém, são impulsionadas pelas dificuldades e têm vontade de não fracassar, vencendo as adversidades.

Em *Coronel de Barranco*, as personagens vivem em lugares fronteiriços, ou seja, sem limites fixos e estáveis, com linhas dinâmicas, fluidas e porosas. Ser um sujeito fronteiriço significa poder escolher a identidade de acordo com a necessidade e dentro dos campos de diferença. A identidade, portanto, é baseada no espaço em movimento entre o passado e o futuro que resulta da sua posição dentro da cultura.

O estudo da identidade leva-nos a inúmeras veredas. E é possível perceber através, desta pesquisa, uma pequena amostra destes caminhos, que certamente, são muito mais ricos e numerosos. Como diria Guimarães Rosa: "mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam".²⁸ (1994, p.20).

Por fim, observa-se que o trabalho aqui em decurso parte de um outro modo de pensar a história, a literatura e a identidade cultural. Entretanto, a escolha desses objetos decorre ainda da

²⁸ Nas primeiras páginas de *Grande sertão: veredas*, Riobaldo, em seu monólogo, tece considerações sobre a incompletude e complexidade do ser humano.

mesma necessidade de lidar reflexivamente com as expressões culturais produzidas no contexto da colonização amazônica.

6 – REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABDALA Jr, Benjamin (org.). *Margens da Cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Bomtempo, 2004.

BARROS, Leopoldina Leitão. *Uma visão de romance histórico em Coronel de Barranco e A Selva*. Rio Branco: Tico-Tico, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman*. Tradução Carlos Alberto Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERND, Zilá. *Literatura e Identidade Nacional*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.

BHABHA, Homi. K. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço, Gláucia Renate. 3ª reimpressão, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

BRAIT, Beth. *A Personagem*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Editora Insinos, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 3ªed, São Paulo: USP, 2000.

CANDIDO, Antônio et. al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

CARVALHO, João Carlos de. *Amazônia Revisitada: de Carvajal a Márcio Souza*. Rio Branco: EDUFAC, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1994

CORRÊA, Roberto Lobato et. al (org). *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CUNHA, *Um Paraíso Perdido: ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia*. Organização Leandro Tocantins. Rio de Janeiro: José Olympio; Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos, da Cultura e do Desporto do Governo do Estado do Acre, 1986.

_____. Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

- DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- DIMAS, Antonio. *Espaço e Romance*. São Paulo: Ática, 1994. Série Princípios.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *No tempo dos Seringais: A vida na floresta e nos centros urbanos*. 5ªed. São Paulo: Editora atual, 1997.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: editora 34, 2001.
- GOMÉZ, Zandra Pedraza. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. n.0. São Paulo: EDUC, 1981.
- GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma Poética da Diversidade*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- GUIMARÃES JUNIOR, Isac de Souza. *Mito e identidade no discurso da florestania: a re-significação da história nas manchetes do jornal Página 20 no ano de 2003*. 2006. 44f. Monografia apresentada ao curso de pós-graduação *Lato Sensu* em Estudos Linguísticos. Rio Branco, 2007.
- HAESBAERT, Rogério. *Identidades Culturais*, In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato (org). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.
- _____. *O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. São Paulo: Humanitas, 2003.
- _____. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Guarcia Lopes Louro, Thomaz Tadeu da Silva. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004
- LARROSA, Jorge. *Para qué nos sirven los extranjeros?*, In: Educação e Sociedade: revista quadrimestral de ciência da educação. Dossiê; Diferenças. Nº 79. Ano XXIII. Agosto de 2002.
- LIMA, Cláudio de Araújo. *Coronel de Barranco*. 2ªed. Manaus, 2002.
- LIMA, Simone de Souza. *A Literatura da Amazônia em foco: ficção e História na obra de Márcio Souza*. 2000. 298f. Tese de doutorado em Letras (área de concentração: Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade. São Paulo, São Paulo, 2000.
- LIMA, Simone de Souza. Anotações retiradas de um artigo inédito intitulado: *A Questão da Espacialidade em Narrativas da Pan-Amazônia*. Ano 2007.
- LLOSA, Mario Vargas. *A Casa Verde*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cejup, 1995.
- MARCHESE, Daniela. *Eu entro pela perna direita: espaço, representação e identidade o seringueiro no Acre*. Tradução Elenckey B. Pimentel. Rio Branco: EDUFAC, 2005.
- MARTINELLO, Pedro. *A Batalha da Borracha: na Segunda Guerra Mundial*. Rio Branco: EDUFAC, 2004.
- MATOS & SOIHET (org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003.
- MENDES, Francielle Maria Modesto. *Identidades Híbridas: o entrelugar das personagens ficcionais em dois romances amazônicos*. In: XII Semana de Letras A Tecnologia aplicada ao ensino das Letras. Porto Velho: UNIR, 2006.
- _____. *Identidades Híbridas: o lugar das personagens ficcionais amazônicas no romance Coronel de Barranco*. In: I Congresso Internacional de Estudos Lingüísticos e Literários – I Ciella/ X Jornada de Estudos Lingüístico e Literários – X JELL. Belém: UFPA, 2007.
- MORAIS, Maria Lúcia. *Museu Paraense Emílio Goeldi – O Homem e a Pedra: Pré-história na Amazônia*. Disponível em: <http://www.museu-goeldi.br/sobre/NOTICIAS/noticias_OHomemeaPedra.htm>. Acesso em: 19.nov.2006.
- POLAR, Antônio Cornejo. *O Condor Voa: literatura e cultura latino-americanas*. Tradução Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- PORRO, Antônio. *As crônicas do Rio Amazonas*. Petrópolis, Vozes, 1992.
- RODRIGUES, Antonio Edimilson M. et al. *Tempos Modernos. Ensaio de História Cultural*. Rio de Janeiro, 1999.
- ROSA, João Guimarães. *Primeira Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- _____. João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- SANT'ANA JÚNIOR, Horácio Antunes. *Florestania: a saga acreana e os povos da floresta*. Rio Branco: EDUFAC, 2004.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- _____. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1982.

_____. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Espaço*. São Paulo. Editora da Universidade, 2006.

SEPÚLVIDA, Luis. *Um velho que lia romances de amor*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SILVA, Laélia Maria Rodrigues da. *Acre: Prosa e Poesia 1900-1990*. Rio Branco. Ufac, 1998.

_____. *Um Caminho de Muitas Voltas*. Rio Branco. FEM/Printac, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Documentos de identidade – uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte, Autêntica, 2002.

_____. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005.

SOUZA, Márcio. *Breve História da Amazônia*. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

TOCANTINS, Leandro. *Amazônia - Natureza, Homem e Tempo: uma planificação ecológica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

_____. *O Rio Comanda a Vida: Uma interpretação da Amazônia*. Manaus: editora Valer/Edições Governo do Estado, 2000.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)